



AS ETERNAS OBRAS DA SABEDORIA

O SENTIDO
... DA VIDA ...

HELIO T. MACIEL

BOOKMAKERS EDITORA

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Thalita Uba e Maristela Carneiro

REVISÃO

Mariflor Rocha

CAPA, DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Nilton Ramos

FOTOGRAFIA DA CAPA

Dudarev Mikhail

IMPRESSÃO

Singular Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M138s

Maciel, Hélio Teixeira

O sentido da vida: as eternas obras da sabedoria / Hélio Teixeira Maciel. - 1. ed.-

Rio de Janeiro : Bookmakers, 2013.

184 p. ; 21 cm.

Inclui índice

978-85-65242-67-7

1. Religião. 2. Espiritualidade. 3. Vida cristã. I. Título.

13-04127

CDD: 248.4

CDU: 27-584

15/08/2013

16/08/2013

*Dedicado a todos que no seu íntimo
procuram a verdade e o sentido
profundo desta vida.*





PREFÁCIO

Este livro que finalmente chega a vossas mãos é parte integrante da missão Sentido da Vida, cuja principal atuação missionária se dá na Amazônia, terra natal de seu líder fundador e autor desta obra. Um empreendimento nascido do intenso desejo de passar adiante a revelação que impactou profundamente e para sempre sua vida: o Santo Evangelho. Fascinado com a pessoa e as obras de seu eterno herói e salvador, Hélio começou a pregar mensagens para a igreja tão logo se tornou discípulo de Cristo, em 1987. A ideia e inspiração para o livro veio no início da década de 1990, quando, pelas madrugadas, absorto sobre as escrituras sagradas, ardia-lhe a alma pela salvação dos povos ribeirinhos da Amazônia e do mundo. Começou, então, a compilar em forma de livro os feitos extratemporais de seu amado Senhor, e, assim, começou a obra que ora apreciamos.

Não se trata de uma interpretação dogmática das escrituras, mas, de modo geral, é a apresentação poética das revelações que estão nas entrelinhas do texto bíblico. O assunto é tratado com uma linguagem clara e objetiva sem, no entanto, ser simplista, mantendo um estilo belo e elevado, visando o homem comum que busca respostas e paz interior e não uma discussão temática. Seguindo sempre uma espécie de “enredo universal”, cuja exposição nos reporta a um mundo inimaginável, porém real, o livro nos abre o entendimento e nos dá respostas a questões profundas, onde o herói divino (Cristo) vence inimigos tenebrosos

(seres espirituais caídos) e vive feliz para sempre com sua amada noiva outrora em perigo (os seres humanos salvos).

Um importante diferencial desta obra é que ela não está subjugada a nenhum tipo de denominação religiosa, razão pela qual não foi publicada por nenhuma editora do gênero. É uma obra que possui um pensamento livre, sem disseminar, contudo, nenhuma heresia, seguindo tão somente a pura escritura sagrada sem a imposição religiosa de regras dogmáticas.

A enorme quantidade de referências bíblicas revela tanto o caráter da obra como do seu autor, exaltando a palavra de Deus acima dos escritos dos homens e dissociando todo e qualquer vínculo dogmático religioso.

Recomendamos a leitura, pois nada tem perturbado a consciência dos homens mais do que o desejo de saber por que estamos aqui. Encontrar o sentido da vida é a busca desesperada da humanidade. Contudo, conhecer o significado da vida não pode ser respondido apenas com uma frase, mas seguindo um processo de exposições no qual cada parte é necessária para a compreensão do todo, então diremos no final: “Ah! Agora tudo se encaixa”. A leitura aleatória de um único capítulo, por mais magnífico que possa ser, somente em parte responderá a questão, então recomendo que você, querido leitor, leia na íntegra todos os capítulos deste livro formidável e de agradável leitura.

O Sentido da Vida nos leva a uma profunda reflexão sobre a vida e o mundo, dada a seriedade e a importância como o autor aborda o tema. Este livro, como uma lupa divina para a miopia dos olhos da alma aflita, se propõe a ser um instrumento para enxergar mais nitidamente os tesouros contidos na palavra de Deus.

Temos consciência da eternidade e tememos o desconhecido, mas a obra que está em suas mãos, querido leitor, é a oportunidade de ter o verdadeiro conhecimento que conduz à vida eterna, que o satisfaça e cumpra seu objetivo: mostrar como al-

cançar a verdadeira paz, a esperança, a felicidade e a salvação por intermédio do único que pode dar tudo isso – Jesus Cristo.

Pr. Deusdeth Alves Praia

Pastor da igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas e evangelista cooperador da missão Sentido da Vida na Amazônia.







SUMÁRIO

Introdução	11
O arquiteto de Deus <i>(A eterna glória celestial)</i>	13
O herói divino <i>(A grande batalha)</i>	31
O criador do homem <i>(A criação e queda do homem)</i>	47
O redentor do mundo <i>(O mistério da graça divina)</i>	71
O justificador perfeito <i>(A justificação pela fé)</i>	97
A eterna obra revelada <i>(O mistério da transcendência)</i>	129
O julgamento final <i>(Os últimos dias)</i>	153
A restauração universal <i>(O casamento do Rei)</i>	167
Glossário	179
Bibliografia	183





INTRODUÇÃO

No dia 11 de setembro de 2001, os noticiários do mundo inteiro transmitiram, em tempo real, o maior atentado terrorista que já existiu, deixando toda a humanidade perplexa e com um sentimento de impotência e insegurança.

O início do novo milênio foi marcado por uma violência sem precedentes, trazendo à tona questões que sempre incomodaram a alma do homem em todos os tempos: Qual é o significado desta vida? Por que tanta insegurança e sofrimento? De onde viemos? Para onde vamos após a morte? O que nos reserva o futuro?

Vivemos uma vida cheia de dificuldades, num planeta caótico e degenerado pelo mal, onde o egocentrismo e o autoengano dominam a mente e o coração dos seres humanos, resultando em confusão e conflitos espirituais.

A astrologia oferece suas supostas “previsões” sobre o destino. Os sociólogos, por sua vez, afirmam: “Nossa subsistência não será possível se continuarmos a ‘envenenar’ nosso próprio mundo”. Os astrônomos especulam “a possibilidade de uma colisão entre a Terra e um imenso asteroide”. Será a Terra destruída por algo assim? Ou por seus próprios habitantes? Pela poluição? Pelas guerras? Ou pelo terrorismo? Podem os astros revelar o fu-

turo? Pode a ciência nos dar respostas satisfatórias? Podem os homens garantir perfeita paz e segurança na Terra?

As respostas, contudo, somente podem ser obtidas por meio da revelação sobre as profundas e *Eternas obras da sabedoria* de Deus contidas nas Escrituras Sagradas, as quais tomamos como fonte de suprema autoridade para nos trazer as respostas que nossa alma anela encontrar. “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8:32).

O rompimento deliberado do homem com seu Criador é uma realidade inegável e de consequências eternas; pois a transgressão das leis divinas gerou um conflito inimaginável no mundo espiritual. Nosso mundo, imperceptivelmente afetado por esse conflito, começa a ruir. Os valores estão deturpados e os homens desorientados. E em meio a essa tragédia e desespero interior somos pressionados a tomar a firme resolução de andar com Deus; pois, onde vamos passar nossa eternidade? Nossa fé deve estar firme em nosso único e suficiente Salvador, é por meio Dele que nosso nome será inscrito no livro da vida para o grande dia da salvação! Para que possamos entrar na eterna glória de Deus e alcançar a verdadeira felicidade.

“(...) Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus sábio, seja honra e glória para todo o sempre. Amém.”
(1 Tm 1:17)





CAPÍTULO I

O ARQUITETO DE DEUS

(A eterna glória celestial)

“Os Céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das Suas mãos.” (Salmo 19:1)

O significado da vida começa com a glória de Deus. Toda a Criação expressa essa verdade; desde um minúsculo átomo, até o gigantesco Universo, tudo dá testemunho de sua glória. Observe a natureza e perceba quão insondável ciência e perfeição há em sua essência: a admirável precisão dos movimentos da Terra que proporcionam as mudanças de estações, clima e luminosidade fundamentais para a vida no planeta; a proporção ideal que a força gravitacional exerce sobre os corpos, e que entre outras coisas nos dá a noção de peso; as impressionantes transformações biológicas do nosso corpo que determinam complexas funções¹. Qual a razão da existência de todas essas maravilhas? O que há por trás de algo tão magnífico? Como todas essas *obras* foram arquitetadas?

Contemple a beleza da Criação e como isso nos traz uma sensação de euforia e bem-estar, juntamente com um espontâneo prazer em viver. A visão de um magnífico céu estrelado, por exemplo, numa noite cintilante de verão, as férteis planícies cortadas por rios de águas tranquilas, a vastidão dos oceanos envoltos

• • • •

1 . Ver glossário: “Constantes da física”.

em intrigante mistério, as imponentes e desafiadoras montanhas, os vulcões que atacam nossa curiosidade, as majestosas florestas de uma beleza toda especial, as lindas paisagens: os lagos congelados, a neve caindo no campo... “glória a Deus!”. É a expressão de toda a Criação! No perfume e colorido das flores do campo, no agradável gorjear dos pássaros, enfim, todas essas coisas demonstram a perfeição, o cuidado, o amor e a glória Daquele que criou todas as coisas. Como expressa o salmista extasiado:

“Louvai ao Senhor. Louvarei ao Senhor de todo o coração, na assembleia dos justos e na congregação. Grandes são as Obras do Senhor, procuradas por todos os que nelas tomam prazer. glória e majestade há em sua Obra, e a sua Justiça permanece para sempre.” (Salmos 11:1-3)

Todavia, os Céus e a Terra não são o limite da glória de Deus; a parte visível aos nossos olhos é apenas o começo! A glória de Deus é muito mais do que possamos imaginar; é um mundo insondável e inexplicável para nós humanos; um lugar de permanente alegria, harmoniosa paz e amor excelso, cheio de resplendor e magnificência.

“(...) O espaço (Universo) não é infinito, como alguns pensam; somente Deus é infinito, e em sua infinidade Ele absorve todo o espaço. Ele enche os Céus e a Terra como o oceano enche um balde que afundou nele. E assim como o oceano circunda o balde, Deus o faz com o Universo que Ele enche. Deus não está contido. Ele contém (...).” (Tozer)

A Bíblia diz:

“(...) Ocultar-se-ia alguém em esconderijos, de modo que Eu não veja? Porventura não encho Eu os Céus e a Terra? – diz o Senhor (...).” (Jeremias 23:24)

“(...) Mas, de fato, habitaria Deus na Terra? Eis que os céus e até o Céu dos céus não te podem conter (...)” (I Reis 8:24)

“(...) A glória de Deus é a essência de sua natureza, o peso de sua importância, o brilho do seu esplendor, a demonstração do seu poder e o ambiente de sua presença. É a expressão de sua bondade e de todas as suas outras qualidades intrínsecas e eternas (...)” (Warren)

Não é dado ao homem mortal conceituar a grandeza da glória celestial, pois trata-se de uma dimensão que pertence a uma ordem de conjuntura superior que transcende a todo entendimento humano. Como seria possível a seres limitados como nós compreender os tempos e espaços multidimensionais, e a multiforme sabedoria do ser mais elevado do Universo? Seria como tentar explicar para um bebê como funciona um computador, ou uma missão espacial:

“(...) As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para aqueles que o amam (...)” (II Coríntios 2:9)

O Senhor do Tempo

Entretanto, temos consciência da existência de tal dimensão pela evidência do Universo infinito² e tempo eterno — grandezas básicas do Reino de Deus — e pela revelação da sua palavra:

“(...) Porque as suas coisas invisíveis, desde a Criação do mundo, tanto o seu Eterno Poder, como sua Divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão Criadas (...)” (Romanos 1:20)

• • • •

2 . Tempo e espaço são infinitos para nós, mas são finitos para Deus.

Nos tempos eternos, muito antes que o mundo propriamente dito viesse a existir, quando os Céus e a Terra foram estabelecidos, Cristo, o Filho do Deus vivo estava lá, atuando como testemunha e *arquiteto* do Pai na Criação de todas as coisas:

“(...) Eu estava lá quando Ele colocou o céu no seu lugar e estendeu o horizonte sobre o oceano. Estava lá quando Ele pôs as nuvens no céu e abriu as fontes do mar, e quando ordenou às águas que não subissem além do que Ele havia permitido. Eu estava lá quando Ele colocou os alicerces da Terra; estava ao seu lado como Arquiteto e era a sua fonte diária de alegria, sempre feliz na sua presença — feliz com o mundo e contente com a raça humana (...).” (Provérbios 8:22-30 — Bíblia na linguagem de hoje)

Neste testemunho divino sobre a obra da Criação, sobressainitidamente o primeiro propósito da criação dos humanos: fomos criados para a alegria de Deus! Num mundo imortal!

Mas como compreender os tempos e espaços infinitos do espírito imortal de Cristo? Que dimensão cósmica é esta de um mundo que não possui princípio e nem fim? A Bíblia diz:

“(...) Pôs a eternidade no coração do homem sem que este possa descobrir a Obra que Deus fez desde o princípio até o fim (...).” (Eclesiastes 3:11)

Mas Cristo — o arquiteto de Deus — livre de tempo e espaço possui preeminência sobre estas grandezas infinitas e transcendentais. Ele que é a corporificação da palavra viva de Deus, a personificação divina de toda sabedoria. Atuante desde os tempos eternos como espírito no Universo. Ele diz de si mesmo: *“Eu sou o princípio e o fim”* (Apocalipse 22:13).

Um mistério insondável para nós seres humanos; este estado infinito e sobrenatural de eternidade celestial é denominado nas Escrituras Sagradas de *“Reino de Deus”*.

Prisioneiros do tempo

O “reino dos homens”, porém, desligou-se da glória de Deus e caiu da eternidade para uma vida mortal, num mundo hostil e fragmentado:

“(...) Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus (...).” (Romanos 3:23)

Os seres humanos — gerados para a glória de Deus — tornaram-se prisioneiros de uma vida passageira, confinados a um mundo degenerado, e de tempo transitório; uma humanidade decadente e maliciosa, seres desviados do propósito original para o qual foram criados.

Todavia, foram alcançados pelo amor de Deus, e agraciados com a misericórdia divina, a qual fora estendida a todos que exercessem fé em Cristo, e obedecessem aos princípios contidos na sua palavra; de modo que pelo amor e sacrifício de Cristo a mortalidade terrena seria eliminada para sempre:

“Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho e crê nele tenha a Vida Eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia (...).” (João 6:40)

Todo aquele que no tempo de sua vida aqui na Terra se arrependesse de seus pecados, e por amor a Deus se unisse a Cristo em aliança eterna venceria a morte e se libertaria da prisão de um mundo passageiro para viver no mundo de Deus:

“Eu sou a Ressurreição e a Vida, quem crer em Mim ainda que esteja morto viverá (...).” (João 11:25)

A salvação eterna é a recompensa de todo aquele que recebe a Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador, e se torna fiel a Ele até a morte:

“Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu Nome (...).” (João 1:12)

O nosso tempo de vida na Terra tornou-se breve, e teremos que enfrentar a morte, porque saímos do propósito da nossa criação. No entanto, temos uma tendência natural em não aceitá-la; morrer parecerá sempre estranho para nós. Sempre teremos a impressão que deveríamos viver para sempre; a razão disso é que não fomos criados para morrer! Nossa mente não está condicionada a admitir isso. Todos possuem um anseio inerente pela imortalidade, porque o homem fora projetado à semelhança do Deus imortal, com o objetivo original de viver eternamente. Nosso breve período de vida neste planeta é uma interrupção no tempo verdadeiro. Referindo-se à eternidade de Deus, e à brevidade da nossa vida, Moisés fez a seguinte oração:

“Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração. Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a Terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade tu és Deus. Tu fazes o homem retornar ao pó e dizes: Tornai-vos, filhos dos homens. Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite. Tu os leva como uma corrente de água; são como um sono, como a erva que cresce; de madrugada cresce e floresce e a tarde corta-se e seca. [...], pois todos os nossos dias vão passando na tua indignação; passam os nossos anos como um conto ligeiro.

Os dias de nossa vida chegam a setenta anos, e se alguns pela sua robustez chegam a oitenta anos, o que lhes resta é canseira e enfado, pois cedo se corta e nós voamos.” (Salmos 90:1-10)

Nunca foi a intenção de Deus criar seres transitórios. Nossa condição hoje é resultado do rompimento com o nosso Criador. Depois que o mal entrou no mundo, nosso corpo físico tornou-se vulnerável ao tempo; como se fosse apenas uma imitação da criação original. Porém, o futuro e definitivo corpo — que será dado aos que forem salvos — não será sujeito à temporalidade terrena, mas será adequado ao tempo eterno da glória de Deus.

“(...) Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados, [...], porque convém que isto que é mortal se revista de imortalidade (...).” (I Coríntios 15:52-53)

A origem e destino espiritual do homem

Há muita especulação quanto à origem do homem, pois essa questão tem incomodado os homens em todos os tempos. O mundo materialista primeiramente recorre à ciência “em busca de qualquer evidência”, com o objetivo de satisfazer desesperadamente a ânsia por uma resposta sobre a intrigante questão: de onde viemos? Incapazes e insatisfeitos, porém, tentam encontrar um significado existencial por meio do autoconhecimento. Recorrem ao misticismo, ao esoterismo, ao espiritismo, e por aí afora... O cético reluta com todas as forças contra uma explicação criacionista, não só do homem, mas de todas as coisas; prefere uma ideia evolucionista sem fundamento a uma explicação “transcendental” sobre a Criação.

Quanto a essas questões sobre a origem física do homem, não pretendemos nos estender por fugirem ao escopo desta obra. Também não queremos conjecturar ou presumir além do que revelam as Escrituras. Contudo, entendemos que há uma origem mais profunda da existência humana. Enquanto se discute a forma e o período em que “surgiu” o homem sobre a Terra, na verdade ele fora “concebido” antes mesmo da própria Terra:

“(...) como também nos elegeru nele antes da fundação do mundo para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor (...).” (Efésios 1:4)

Embora o próprio homem tenha se desviado do propósito original de sua criação, sua formação física ocorreu de modo perfeito e no seu devido tempo; não como parte integrante, mas como a razão primordial de todo o conjunto das obras da criação do mundo físico. É o resultado da concretização do plano primoroso de Deus para a humanidade, que Ele concebeu durante a eternidade passada:

“(...) Porque o que dantes conheceu, também os predestinou para serem conforme a imagem de seu Filho (...).” (Romanos 8:29)

É preciso compreender que não somos produto do acaso como resultado de evolução, mas quando o Todo-poderoso pronunciou o Amém sobre os seus pensamentos, então, o que era um projeto invisível e abstrato “escrito” no Céu assumiu sua forma física na Terra.

“(...) Nos salvou e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos, e que é manifesta agora pela aparição de nosso

Salvador Jesus Cristo, o qual aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo Evangelho.” (II Timóteo 1:19)

Dessa forma podemos concluir que a origem do espírito do homem é sem dúvida alguma de natureza divina e que remonta a um passado remoto. Antes da fundação do mundo quando a mente de Deus gerou a nossa imagem, baseado em sua própria imagem, seu coração encheu-se de profundo amor, na verdade o amor de Deus gerou a nossa vida e nos colocou como razão do planejamento da criação do mundo. Então Ele passou a planejar todo um contexto para nos incluir na história da vida, e sermos a realização do seu “projeto de amor”! Neste projeto divino, Cristo estabeleceu o tempo da Criação do homem sobre a Terra. Deus primeiro pensou em todos os seres racionais que enchem os Céus e a Terra, a partir de então foi que ele pensou em toda a complexa arquitetura do Universo.

Não nos referimos à origem do homem como a Maçonaria ou a seita oriental Seicho-no-ie, que acreditam em uma “preexistência consciente” do homem antes do evento da Criação. O que estamos afirmando é que havia um projeto divino antes do tempo terreno para a criação do homem e que este projeto se realizou plenamente quando a humanidade fora criada.

Negar essas verdades equivale dizer que não há projeto na criação dos Céus e da Terra. Originalmente a vida humana foi criada para um propósito sublime de glorificação do seu Criador e para a própria felicidade do homem.

Não há associação entre o que foi exposto sobre a perfeição e beleza da Criação e o atual estado de sofrimento e degradação em que a humanidade se encontra, pois o mundo hoje é o resultado do rompimento do homem com seu Criador pela queda no pecado, assumindo assim uma natureza decaída, e afastada do seu objetivo original.

Acreditamos que num tempo insondável no passado, Cristo guardou em seu coração o dia em que seríamos criados, e ansiou por chegar este dia como um noivo apaixonado anseia por sua amada: “(...) *Arrebataste-me o coração oh! Noiva minha (...)*” (Cânticos 4:9).

Esse propósito divino em ter relacionamentos com os seres racionais que Ele criou e interagir com eles é ilustrado nas Escrituras pela afinidade de pai e filho e pela relação de esposo e esposa. Deus não quer ser amado somente porque possui grande poder, nem porque é invencível nas batalhas, ou pela sua profunda sabedoria; Ele quer também ser amado como Ele é em sua essência: amoroso como um esposo e bondoso como um pai. Essas representações, ainda que insuficientes e imperfeitas, são usadas para ilustrar uma verdade superior, são as mais adequadas para mostrar a relação de unidade que Deus deseja ter com a criação racional; pois não existe sentimento humano mais profundo que possa ilustrar esse amor como o de pai e filho e entre esposo e esposa.

Assim, Deus resolveu comunicar vida a esses seres; gerando a complexa relação espírito, alma e matéria. Para que o homem pudesse ser apto a viver tanto em um mundo físico como também no espiritual, isto é, para que nós pudéssemos interagir com o mundo que nos cerca e ter comunhão com Deus é necessário tanto o raciocínio do intelecto como a consciência do espírito.

Frisamos e repetimos que o projeto de Deus é o homem em seu estado original como fora criado; hoje caído no pecado necessita ser restaurado por Cristo. O homem errou o alvo para o qual fora criado desprezou a “fonte da vida” e agora tinha que morrer. Mas nem tudo estava perdido, Deus não poderia aceitar que o seu “grande projeto” fosse frustrado, ainda que lhe custasse o maior de todos os sacrifícios:

“(...) Bem sei que tudo pode e que nenhum de teus propósitos pode ser frustrado (...).” (Jó 42:2)

A existência humana não é um acidente; não é uma coincidência ou obra do acaso, como os evolucionistas procuram afirmar, Mas o homem existe para realizar os ideais divinos:

“Antes que Eu te formasse no ventre te conheci, e antes que nascesse te separei para um propósito especial.” (Jeremias 1:5)

Não viemos a existir por sorte, ou “evolução de seres inferiores”. Fomos projetados de modo espantoso pelo Poder do Grande Arquiteto do Universo! Somos Obra da Sabedoria — Cristo.

“(...) Eu te louvarei, porque de um modo assombroso, e tão maravilhoso fui Criado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado [...] Os teus olhos viram o meu corpo ainda sem forma, e no teu Livro todas estas coisas foram escritas (...)” (Salmos 139:14-16)

Neste planeta onde tudo é passageiro, grandes civilizações surgem e desaparecem, governos se levantam e declinam, gerações nascem e morrem; de repente somos informados nas mensagens acima, que Cristo arquitetou não somente os Céus e a Terra, mas principalmente os humanos! E então recebemos Dele a maravilhosa e *boa notícia* que Ele tem o desejo de atribuir a nós Sua natureza: a imortalidade! É isso mesmo: vivos por toda eternidade! Imortais como Ele! Este é o destino glorioso daqueles que se voltam para Cristo e confiam no seu amor. Ah! Quanto sentido isso dá à vida! Essa boa notícia é chamada nas Escrituras Sagradas de *Evangelho*. O poder do Evangelho divino foi o que deu convicção e confortou os cristãos quando em martírio enfrentaram os leões nas arenas de Roma, e a fogueira da Inquisição:

“(...) Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida.” (Apocalipse 2:10)

Hoje esse mesmo poder tem enchido as nossas vidas de significado superior. O alvo do Evangelho é tornar o homem ao seu estado primitivo de imortalidade e felicidade através de Cristo, de modo que o homem tenha comunhão com seu Criador para que possa expressar a glória de Deus; esse estado original de semelhança com Cristo é denominado nas Escrituras Sagradas de *santificação*.

Fomos criados para sermos semelhantes a Deus, no que diz respeito ao caráter e à imortalidade, em justiça e santidade. Não significa que somos pequenos deuses. Somos criaturas e Deus é o Criador. Mas Deus quer que assumamos valores próprios dele. Deus quer que crescamos até nos tornarmos semelhantes a Cristo:

“(...) Até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo (...).” (Efésios 4:13)

O grande dever da criação é amar a Deus de todo coração e adorá-lo em espírito e em verdade; isso produz decerto a verdadeira felicidade. O objetivo de Deus para nossa vida é algo glorioso; Deus nos dá a oportunidade de viver uma vida infinita no tempo Dele e com Ele.

Um inimigo vencido

Quando o conhecimento sobre Cristo inunda nossa alma e desperta nossa consciência, muitos problemas que pareciam grandes demais para nós, passam a ter outro significado. Por exemplo, a morte de um ente querido é uma situação inconsolável para qualquer pessoa — pois geralmente veem-se as coisas somente sob a ótica temporal — mas, quem vive à luz da eterna glória de Deus, e aguarda a volta do seu Salvador, tem fé e esperança que um dia irá encontrar seu ente querido, e terá o definitivo consolo de Deus:

“(...) Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem [morreram], para que não vos entristeçais como os demais, que não têm esperança. Porque se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele. Dizemo-vos, pois isto, pela Palavra do Senhor: que nós os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descera do Céu com grande alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós que ficarmos vivos seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens a encontrar o Senhor nos ares, e estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras.” (I Tessalonicenses 4:13-18)

Ainda acerca deste assunto, as Escrituras revelam:

“(...) E Deus limpará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas (...).” (Apocalipse 21:4)

Somente um louco passaria a vida inteira desprezando sua única chance de vida eterna! Não haverá outra oportunidade de alcançar a ressurreição e a imortalidade que só Cristo pode dar:

“(...) aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disso o juízo (...).” (Hebreus 9:27)

Só um tolo não medita sobre um fato que todos sabem que mais cedo ou mais tarde há de acontecer:

“(...) Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande Salvação, a qual, começando a ser anunciada

pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram (...).” (Hebreus 2:3)

Mas se você estiver em harmonia com seu Criador, então, não precisa temer a morte: ela será um inimigo vencido. O seu último fechar de olhos na Terra será o seu primeiro momento para a vida eterna na glória de Deus!

Para que a vida comece a fazer sentido para nós, devemos ter sempre em nossa mente e em nosso coração o conhecimento e a convicção que a morte não é o fim, mas apenas a transição para o tempo eterno da glória de Deus; depende de cada um se deixar salvar e entregar a vida nas mãos de Cristo.

Conta-se que certo missionário cavalgava ao lado de um cocheiro (pessoa que guia os cavalos de uma carruagem) que tinha problemas com o alcoolismo o qual pediu ao missionário um conselho que pudesse ajudá-lo. Depois de falar a respeito de Cristo, o missionário perguntou: “Amigo, se seus cavalos disparassem, mesmo depois de você ter usado todos os meios possíveis para detê-los, o que faria se de repente descobrisse estar ao seu lado alguém que soubesse exatamente como controlá-los e salvá-los do desastre?”. Sem hesitar um instante, o cocheiro respondeu: “Entregaria a ele as rédeas”. Então o missionário disse-lhe: “O Senhor Jesus Cristo está disposto a tomar o controle de sua vida contanto que você lhe entregue as rédeas do seu coração.” A Bíblia diz:

“(...) E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do Céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser Salvos (...).” (Atos dos Apóstolos 4:12)

Nosso modo de viver hoje determinará o nosso amanhã. Se vivermos em comunhão com Cristo e de acordo com a vontade do nosso Criador, então participaremos de seu infinito reino:

“(...) Vinde benditos de meu Pai, possuam por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo (...).” (Mateus 25:34)

Porém aqueles que são indiferentes e rejeitam essa harmonia salvadora, então, estarão assumindo a responsabilidade de seu destino eterno.

Infelizmente muitos não estão dispostos a renunciar à sua humanidade decaída e assumir um compromisso com Cristo, mas, nossas decisões e atos nesta vida possuem inevitáveis consequências eternas que definirão o futuro de cada um.

Quando o homem compreender que sua vida é apenas um pequeno período de provação e que existe toda uma felicidade e vida plena com Cristo na eternidade, então começará a viver de forma diferente, terá uma verdadeira perspectiva de vida; sentirá mais amor, humildade, segurança, enfim, procurará ser uma pessoa melhor.

Sob a luz da glória de Deus

Quanto mais próximo do Reino de Deus você viver, menor e secundário todo o resto parecerá e todos os seus valores assumirão seu lugar correto. Seu raciocínio mudará de “eu em primeiro lugar”, para, “Deus em primeiro lugar”. Quando começarmos a ver as coisas sob a perspectiva da eternidade, então, estaremos vendo tudo da maneira correta.

Quando você começar a viver sob a luz da glória de Deus, deixará de se preocupar tanto em “ter de tudo” sobre esta Terra; isto não significa que não podemos ter nada, pois é dom de Deus que o homem desfrute o bem de todo o seu trabalho e que possa viver vida regalada³. Porém, é um objetivo insensato acumular riquezas terrenas:

• • • •

3 . Veja *Eclesiastes 3:13*.

“Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração (...).” (Mateus 6:19-21)

Os troféus humanos são vaidade, e as coroas deste mundo são ilusões. Pessoas cometeram suicídio depois da derrota da seleção brasileira na Copa de 1982 — no entanto, o troféu Jules Rimet conquistado na Copa de 1970 foi roubado e hoje sequer é lembrado. Mas existe uma coroa incorruptível que ninguém pode roubar dos escolhidos de Deus:

“(...) Desde agora a coroa da Justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda (...).” (II Timóteo 4:8)

Mas como será a vida no reino vindouro? Não é possível descrever a magnificência e a grandeza da glória futura. Entretanto, para confortar e consolar o nosso coração, a Palavra de Deus nos dá uma revelação maravilhosa sobre o futuro; na qual podemos vislumbrar a felicidade eterna dos salvos, pelo relato da visão do apóstolo João: o Apocalipse. Isto é, a revelação de Jesus Cristo, da qual trataremos na segunda parte desta obra.

Mas, se vivemos à luz da glória de Deus, sabemos que seremos reunidos aos nossos entes queridos e outros irmãos servos do Senhor; desfrutaremos da comunhão e felicidade eternas com Jesus Cristo, nosso Criador, o arquiteto divino, que nos introduzirá no tempo e espaço eternos da glória celestial.

“E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra, passaram, e o mar já não existe. E

eu João vi a santa cidade, a Nova Jerusalém, que de Deus descia do Céu, como uma noiva ataviada para o seu noivo. E ouvi uma grande voz do Céu que dizia: Eis aqui o Tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus (...).” (Apocalipse 21:1-3)







CAPÍTULO II

O HERÓI DIVINO

(A grande batalha)

“(...) A palavra era verdadeira e tratava de uma guerra muito prolongada (...)” (Daniel 10:1)

Mas, nos tempos eternos, quando o Céu e a Terra ainda estavam sendo criados pelo arquiteto divino, antes que o homem se tornasse prisioneiro de um tempo mortal, naquele infinito mundo de glória e amor de Deus, reinava a paz em todo o vasto Universo. Cristo, a sabedoria, avançava com a obra do Pai, o Senhor Deus Jeová Todo-Poderoso. Em seu trono de Justiça, poder e esplendor, o soberano dos Céus, em intrínseca harmonia e perfeita unidade com o espírito do Pai, determinava a criação dos seres celestiais. Numerosos como as estrelas do céu: anjos, arcanjos, serafins e querubins; espíritos dotados de elevado intelecto e capacidades sobrenaturais. Perfeitos em sua criação, todos congregados na presença do Senhor formavam os imensuráveis exércitos e corais celestiais:

“Assim os céus, e a terra, e todo o seu exército foram acabados.” (Gênesis 2:1)

Esses seres celestes contemplavam maravilhados os espetáculos da obra da Criação que se desenrolava ante seus olhos. Fascinados pela resplandecente beleza da face do Senhor Deus

Jeová, atraídos pelo brilho reluzente do trono da sabedoria e envolvidos pelo poder sobrenatural do Espírito Santo, entoavam cânticos em reconhecimento ao seu Criador. A contínua alegria de seus louvores, a musicalidade deslumbrante de sua adoração e a maneira com que eles suavemente tocavam seus instrumentos expressava uma indescritível felicidade.

“Quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam (...).” (Jó 38:7)

O louvor de adoração a Deus era espontâneo e inerente a todos os seres racionais; o faziam por amor e gratidão. O livre-arbítrio, isto é, a liberdade de escolha era parte daquele mundo glorioso e perfeito.

O início do conflito¹

Entretanto, algo terrível aconteceu: Lúcifer, um “querubim aferidor”, e inúmeros seres angélicos pararam de adorar e saíram do santuário! Conjecturamos que milhares de instrumentos foram deixados nos assentos vazios ou jogados no chão espalhados por toda parte; enquanto os que ficaram observavam estarrecidos. O jubiloso cântico de um terço do magnífico coral havia cessado! Muitos anjos, arcanjos, querubins e serafins que integravam as tropas celestes resolveram abandonar o lindo coral!

Presumimos que uma multidão de seres de todas as categorias angélicas lideradas por Lúcifer se reuniram bem distante, fora dos portais, nas regiões ao norte da Cidade Santa².

• • • •

1 . *Todas as descrições desta página e seguintes estão no campo subjetivo do autor, não se trata necessariamente de uma interpretação teológica de alguma passagem das Escrituras. Esse escrito é essencialmente de natureza poética e não um tratado teológico (veja no glossário “O início do conflito”).*

2 . *Deduzimos que foi a “região norte” citada em Isaías 14:13.*

Depreendemos que eles estavam com os ânimos alterados onde questionavam a posição de Deus como o único soberano universal; deduzimos também que eles desejavam governar uma parte do Universo e se tornarem “semelhantes ao Altíssimo”.

“*Por que não podemos ser o nosso próprio Deus e governar também?*” — quem sabe perguntava Lúcifer de maneira sugestiva; “*(...) nós também podemos receber uma parte desta adoração...*” — instigava com astutas palavras. Podemos presumir que ele talvez dissesse algo desta natureza a fim de conquistar seguidores e iniciar a formação de um “novo reino”.

Inferimos que Lúcifer convencia muitos anjos a desejarem para si parte da adoração que era dirigida somente a Deus. O “desejo de ser como Deus” era inicialmente apenas de Lúcifer, mas ele não conseguiria seguidores se não houvesse um argumento convincente, forte o bastante para seduzi-los, creio que ele queria induzir neles um sentimento de uma falsa liberdade e um suposto poder; e o ardil que ele usou certamente foi o mesmo que seduzira o seu próprio coração: “*e se abrirão os vossos olhos e sereis como Deus conhecedores do bem e do mal*”.

Podemos imaginar que enquanto os anjos rebeldes se aglomeravam para ouvir as ideias do astuto querubim, um tumulto começava a se formar³.

Temos a hipótese de que em sua obstinada sede de poder, esses seres organizaram uma audaciosa conspiração para tentar usurpar as regiões setentrionais do Universo, onde próximo dali recentemente um planeta chamado Terra o Senhor havia acabado de criar com muito amor e cuidado...

Mas a ideia de reinar e “se tornar um deus”, ou “ser seu próprio deus” — conhecedor do bem e do mal — anunciada e instigada pelo rebelde querubim enganava e seduzia a terça parte dos

• • • •

3 . Ver glossário: “O início do conflito”.

seres celestiais. A ideia de se tornarem “independentes de Deus” soava como algo irresistível e tentador.

Assim, esses seres prosseguiram com seus planos de formar um “governo independente de Deus”, para poderem viver sem as leis universais e os princípios que regem o seu reino: o amor, a justiça, e a verdade. Tornaram-se obstinados, e em suas rebeldias blasfemaram e difamaram o nome do seu Criador. Concluímos que agora, em vez de instrumentos musicais eles empunhavam armas de guerra.

A primeira batalha⁴

Então, algo assombroso estava prestes a acontecer: depreendemos que Lúcifer e seus liderados perceberam que aqueles que ficaram no templo e também os guardiões setentrionais não concordaram em fundar um “novo reino”. Então, em aberta oposição ao Reino de Deus, as miríades de hostes rebeldes tentaram subverter os anjos do Senhor que se recusaram a segui-los, resultando no primeiro confronto direto entre seres celestiais.

Poderosos querubins, guardiões das regiões ao norte foram atacados com grande fúria por aqueles que antes eram seus companheiros.

Julgamos que na tentativa de usurpar essa parte do reino, os anjos revoltados apostaram no “elemento surpresa” e como os guardiões daquela região contavam em menor número, os seguidores de Lúcifer tinham também, por enquanto, certa “vantagem numérica”.

Assim, de maneira súbita e com muita violência, eles invadiram aquela região como uma “nuvem de gafanhotos sobre a la-

• • • •

4 . *As descrições estão no campo subjetivo, não é necessariamente uma interpretação bíblica (veja no glossário: “O início do conflito”).*

voura”. Os guardiões setentrionais, embora valentes, se viram em aperto diante de seus irmãos encolerizados que agora não eram mais da luz. A situação estava ficando insustentável e se tornou um terrível pesadelo, pelo que clamaram ao Senhor e invocaram o nome daquele que vive e reina para todo o sempre, e que possui todo o poder no Universo: Cristo.

Imediatamente e já preparado, pois tudo sabe e tudo vê, o soberano dos Céus avança com poderosas tropas de guerreiros angélicos. Numerosos como as estrelas dos céus; os quais o seguiam montados em seus “alados cavalos brancos”. Ao somido de trombetas de guerra, rápidos como relâmpagos; com suas espadas de fogo desembainhadas puseram-se em ordem de batalha prontos para a peleja.

Antevemos em nosso espírito que esses poderosos e destemidos soldados do Céu, ao comando de Cristo arremeteram contra os inimigos a fim de socorrer os guardiões que se opuseram a Lúcifer e que lutavam bravamente nas bandas do norte.

Ponderamos que a peleja se agravou grandemente, e um cenário estarrecedor se formou naquele instante. Um barulho terrível de guerra podia ser ouvido pelos céus: brados, trombetas, relâmpagos; ruídos de cascos de milhões de cavalos estrondavam assustadoramente; espadas flamejantes e sobrenaturais se digladiavam e retiniam pelo espaço, num combate sem precedente contra as forças do querubim e seus rebeldes seguidores.

“(...) E vi o Céu aberto, e eis um cavalo branco. O que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com Justiça. E os seus olhos eram como chamas de fogo; e sobre sua cabeça havia muitos diademas... E o Nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus. E seguiam-no os exér-

ritos dos Céus em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro (...).” (Apocalipse 19:11-14)⁵

Então, após permitir que o cenário de guerra se instalasse e revelasse quão terrível é o pecado, cremos que o Senhor dá um basta naquela situação. O “Cavaleiro do Céu”, Cristo, o Filho do Deus vivo liderava bravamente as poderosas tropas celestiais, e com sua espada de fogo em punho bradava com forte voz como de trovão, para que retomassem as posições e expulsassem os inimigos.

Assim, o arcanjo Miguel, um dos primeiros príncipes e valente general de Cristo avançava sobre o inimigo. Grandes querubins protetores e todos os infindáveis exércitos dos Céus — que não seguiram a rebelião de Lúcifer — puseram-se a lutar ao lado do Senhor a favor do Reino de Deus, em uma batalha inimaginável, onde Cristo, o poderoso soberano, e os seus súditos prevaleceram sobre as hostes rebeldes:

“(...) Houve batalha no céu. O arcanjo Miguel e suas tropas pelejaram contra o dragão, também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia não prevaleceram, nem mais se achou no céu o lugar deles (...).” (Apocalipse 12:7-8)

Agora, conclusivamente, o herói divino, Rei dos reis, e Senhor dos senhores, aquele que é santo, fiel e verdadeiro, retorna triunfante da terrível batalha, montado em seu cavalo branco, empunhando em uma das mãos o estandarte do Reino de seu Pai, e na outra, sua poderosa “espada de fogo”. Sobre sua cabeça uma resplandecente coroa e muitos diademas de honra; e sobre seus ombros o manto real. Na sua retaguarda seguiam-no os seus bravos “guerreiros da luz” com grande alarido, e ao som ensurdecedor de trombetas e cânticos de júbilo por haverem lutado

• • • •

5 . As referências são usadas apenas para ilustrar os episódios descritos não tendo necessariamente relação teológica ou cronológica.

bravamente ao lado do seu Rei. Tocavam instrumentos em louvor numa festa cujo somido estremecia e ecoava por todos os reconditos do Universo.

Depreendemos que, enquanto cavalgavam em direção à Cidade Eterna, rejubilavam e adoravam seu Senhor. E ao se aproximarem bradaram com forte voz como de “muitas águas” para os guardiões dos grandes portais de pérolas:

“Levantai ó Entradas Eternas e entrará o Rei da Glória. Quem é este Rei da Glória? O Senhor Forte e Poderoso, o Senhor Poderoso na guerra, [...], o Senhor dos Exércitos, ele é o Rei da Glória.” (Salmos 24:7-10)⁶

Assim, vemos que as eternas obras de Cristo, a sabedoria, não se resumem somente à sua atuação como Arquiteto do Pai na Criação do Universo, mas também como responsável pela purificação desse mesmo Universo. Sua atuação vital nesse conflito cósmico deixa-nos uma profunda revelação do Cristo de Deus, uma imagem totalmente nova e até então desconhecida para nós: É a imagem do herói divino, o poderoso guerreiro do Céu, comandante e Senhor dos exércitos celestiais.

O conflito interior

A esta altura do relato sobre a grande e prolongada guerra espiritual entre o bem e o mal, se faz necessário abrirmos um “parêntese”, pois surgem questões que perturbam as nossas mentes: qual a origem de todo esse mal? Por que Lúcifer, um ser tão perfeito, resolveu de repente transgredir as eternas leis universais?

As respostas estão nas Escrituras Sagradas, nas palavras do próprio Senhor Jesus Cristo:

• • • •

6 . Usamos apenas como ilustração poética (ver glossário)

“(...) Ele (Lúcifer) foi homicida desde o princípio, e não se firmou na Verdade, porque não há Verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. Mas porque vos digo a Verdade não me credes (...)” (João 8:44-45)

Tomemos como base o texto bíblico acima, e passemos agora a compreender como funciona o mecanismo que dá origem ao mal.

O mal surgiu no Universo quando a Verdade foi violada. Primeiramente, o bem são todos os princípios ou leis que geram ordem, equilíbrio, justiça e paz no Universo; tudo o que é bom, perfeito, aprazível e necessário a toda Criação. Esse dom é inerente a todos os seres racionais, e age poderosamente dentro de cada um. É no Espírito de Deus que se origina todo o bem e verdade, e é isso que produz vida e justiça sem fim. O mal não é a mera possibilidade da existência de uma coisa ruim; o mal é a não conformidade ou concordância com os princípios do bem.

Tudo começa quando há uma violação da Verdade⁷ que pulsa latentemente em nosso interior. Uma ideia não apoiada na Verdade que leva ao autoengano, formando uma cadeia de eventos cuja sequência leva ao pecado e à morte. Todo aquele movimento de rebelião e insatisfação ou discordância de Lúcifer é a parte visível ou o desencadear de algo terrível que já havia acontecido dentro dele. Um “abismo gera outro abismo”, isto é, uma ideia aparentemente inofensiva gera uma mentira que vai crescendo e se desenvolvendo como uma planta dentro de nós. É por isso que a Bíblia diz:

“Fazei veredas direitas para os vossos pés, para que o que manqueja se não desvie inteiramente, antes seja sarado. Se-

• • • •

7 . Neste capítulo, a palavra “verdade” está propositalmente com inicial maiúscula para distinguir da falsa verdade de que trataremos adiante.

gui a Paz com todos e a santificação sem a qual ninguém verá o Senhor, tendo o cuidado que ninguém se prive da Graça de Deus e de que nenhuma raiz de amargura brotando vos perturbe e por ela muitos se contaminem (...).” (Hebreus 12:13-15)

A filosofia do relativismo pós-moderno prega e incentiva uma espécie de “verdade relativa”, ou uma “verdade particular” que sutilmente gera toda sorte de pecados e maldades no mundo, porque viola a legítima Verdade no seu núcleo, isto é, dentro de cada um. Esse egocentrismo leva ao desejo por poderes, prazeres e riquezas; isto nada mais é do que a manifestação de autoengano, a mentira com uma nova roupagem. Lúcifer foi o primeiro a desenvolver sua “verdade particular” e se tornou vítima da ilusão que ele mesmo criou. Satanás ao se rebelar contra o bem e contra a Verdade foi enganado por seu próprio coração. Ele se tornou o pai da mentira por que foi o primeiro a se opor contra os princípios da Verdade.

Esse conceito pós-moderno que apoia tal pseudoverdade considera a vida em “termos evolutivos” que dispensa a origem divina de todas as coisas; isto nos mostra um claro pretexto para o endeusamento do “eu”. Ora, uma vez “não existindo Deus”, então “eu posso ser o meu próprio deus”. Se as pessoas acreditarem que surgiram de processos evolutivos, então, não precisam obedecer às normas do bem e nem temer as consequências das leis que regem o Universo — pensam eles.

Enfim, o relativismo é a teoria que nega a Verdade universal absoluta. Para essa filosofia luciferiana, a Verdade não domina o universo e nem os seres como um dom provindo do espírito de Deus, “as verdades são relativas, particulares a cada povo ou pessoa”. O conceito de “certo e errado” passa a ser então, “uma questão de escolha pessoal”, ou seja, “o que é errado para um pode ser certo para o outro”. Isso leva seus adeptos a pensarem que estão livres das prestações de contas de seus atos perante a

Justiça universal. Para eles nada é absoluto, tudo está inacabado e sujeito à discussão; cada um tem sua “própria verdade” e, portanto, pode fazer o que bem entender com o pretexto de uma suposta “liberdade” abrindo assim um precedente para todo tipo de transgressão.

Esse estranho modo de pensar é o perigo espiritual mais letal e antigo que existe; porque a mentira, ou “falsa verdade” dita repetidamente para si mesmo passa a ser confundida com a Verdade autêntica; sua vítima passa a acreditar que sua “verdade aparente” é a Verdade real; causando um terrível conflito interior que leva à má filosofia e à cauterização de sua mente; que vai desde a superestimação do “eu” de cada um, até a transgressão propriamente dita; pois os homens são ludibriados facilmente pelas coisas que veem; tudo não passa de autoengano e consciência reprimida.

A forma inicial e mais comum de relativismo é o orgulho; porque o conceito exagerado de si próprio não é real; não somos nada além da verdade do que somos. Somos criaturas e Deus é nosso Criador. Quando exageramos a nosso respeito mentimos para nós mesmos.

A Bíblia diz: *“(...) Cada um é tentado quando atraído e enganado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz ao pecado; e o pecado sendo consumado gera a morte (...).”* (Tiago 1:14-15)

Vejamos como tudo isso pode ocorrer; passemos agora a conjecturar e a descrever como se deu o primeiro caso, o de Lúcifer, e tentar entender como a transgressão que dá origem ao mal surgiu e se desenvolveu no coração de um ser outrora tão cheio de luz.

Primeiramente, podemos imaginar quando o grande querubim ministrava como “aferidor” dos imensuráveis corais celestiais; um ser perfeito até então. Certo dia lhe ocorreu um estranho pensamento, o qual fez brotar um desejo no coração, uma

ideia não apoiada à Verdade, onde o orgulho, isto é, o “eu” interior sobressai nitidamente:

“(...) Subirei ao Céu acima das estrelas de Deus, e exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte, subirei sobre as mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo (...).” (Isaiás 14:13)

Seduzido por essa ideia, o grande querubim agora percebe sua grande formosura, então trata de formar um conceito exagerado ou elevado de si mesmo, e começa a acreditar em algo que ele mesmo criou dentro dele:

“(...) Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu esplendor (...).” (Ezequiel 28:17)

Seu coração agora bate mais forte, começa a acreditar que aquilo que ele quer — “ser conhecedor do bem e do mal como Deus e governar como Ele” — “não é tão mau assim”. Antigos anseios reprimidos vêm à tona subitamente; quem sabe já se havia imaginado sentado em um trono no lugar do seu Criador...

O anjo de luz agora começa a se deleitar intimamente com aquele pensamento, não percebe uma sutil mudança interior, são os primeiros sinais do sorrateiro relativismo que viola a autêntica Verdade dentro dele, e, assim, continua com aquele fantasioso desejo — essa é a fase de “concepção”.

Agora, seu trabalho começa lhe parecer monótono; começa a achar que aquilo deve ser mudado e pensa que ele sabe exatamente como fazê-lo. Acha que é um líder autossuficiente e que assim saberia até “governar melhor o Universo”. O orgulho toma o lugar da humildade de maneira quase imperceptível.

Confuso, uma profusão de ideias, sonhos e possibilidades pugnam em sua alma contra o receio de uma possível reprovação, de uma desastrosa desilusão e da voz da verdade que no seu subconsciente ainda o “perturba”. Ao mesmo tempo o acintoso desejo de “ser igual a Deus” e “ter o conhecimento do bem e do mal” cresce cada vez mais. Ele precisa encontrar um meio de “justificar seus objetivos”, precisa imediatamente e a qualquer custo “tornar legal seus desígnios”. Então começa a repetir baixinho para si mesmo que aquilo “é a verdade e a liberdade”, então passa a acreditar que tudo o que ele intenta fazer é o certo, e faz disso sua “filosofia de vida”. Ainda assim hesita uma última vez, pois um súbito receio brota por um momento, mas rejeita e ignora veementemente aquele tênue facho de luz, e logo em seguida volta a imaginar-se desfrutando da tentadora sensação de ser um grande rei.

Submerso em seus devaneios, ele acredita em suas próprias inverdades, então, começa a cauterização de sua mente, perde de vista o sentido de Justiça e a voz de Deus que, sufocada e já quase inaudível, insiste em clamar uma última vez — em vão.

Agora, o grande querubim acredita ter alcançado uma nova “liberdade” que o exime de qualquer responsabilidade ou satisfação para com a realidade; sua “verdade própria” vai crescendo e tomando força; ele age como que hipnotizado e cai na armadilha de seu próprio coração; começa a passar adiante sua enganosa filosofia tentando concretizar seus desígnios. Nessa fase do autoengano a mentira se fortalece, passa a ação e o pecado nasce.

Agora se sente “livre” daquela voz “perturbadora” que clama dentro dele, e então, pode fazer tudo o que sempre quis. Sente-se como um grande “descobridor” de um novo mundo. Porém, ele torna-se prisioneiro do seu próprio autoengano e não percebe que caminha para a sua autodestruição.

Ele bem poderia parar por aí, reconhecer a Verdade e confessar que falhou, mas surpreso percebe que “ninguém se opõe a ele

e nada o impede”, pelo contrário, suas ideias encontraram aceitação, então não vê razão para não continuar e abandonar aqueles prazeres que o consomem. É inútil agora qualquer advertência, sua alma agora corre grande perigo.

Lúcifer continua na transgressão que se torna em iniquidade que é o pecado continuado; ele acredita que suas ideias são a verdade autêntica e a evolução de sua mente. Ele crê que seus olhos se abriram e agora está liberto das “leis que o mantinham ignorante”. Então acontece o pior, a última fase do processo do autoengano: a separação de Deus. Pois insistir em pecar deliberadamente constitui um insulto ao Criador, cuja consequência é a morte.

A voz do Espírito Santo está dentro de todos os seres que ele próprio criou. É esse Espírito da Verdade que norteia toda sua Criação. Esse Espírito produz paz quando agimos em conformidade com o bem, e produz uma “consciência pesada”, ou uma perturbadora inquietação quando reprova atitudes erradas. Essa falta de sossego na alma também produz o arrependimento ao aceitarmos a correção, mas, quando rejeitada, essa voz, muito triste, começa a se afastar.

A vítima do relativismo não sabe que a visita da Justiça espera que a balança sinalize; pois, Deus é misericordioso e deixa o mal seguir seu curso durante algum tempo para que uma supersaturação leve o transgressor ao arrependimento e a reconhecer seu erro. Uma última chance surge misericordiosamente, porém se rejeitada não resta mais nada a fazer. A morte muitas vezes não se dá instantaneamente, mas num processo que às vezes leva anos, como no caso dos homens, ou séculos, como no caso dos anjos caídos. Ao ser cortada a fonte da vida que vem de Deus, então começa o declínio do fôlego de vida até sua total extinção. Se durante esse período não houver uma religação urgente, isto é, um restabelecimento da harmonia entre Criador e criatura, então é o fim.

Essa análise poética do coração de Lúcifer é aplicável também a todos os homens que rejeitam a supremacia da Verdade absoluta⁸.

“(...) Tu eras querubim ungido para proteger, e te estabeleci; no Monte Santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito era em teus caminhos desde o dia em que foste Criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação de teu comércio se encheu teu interior de violência e pecaste; pelo que te lançarei profanado fora do monte de Deus, e te farei perecer ó querubim protetor, entre pedras de fogo [...]. Pela multidão de tuas iniquidades, pela injustiça de teu comércio profanaste os teus santuários; Eu, pois fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu a ti, e te tornarei em cinza sobre a Terra, aos olhos de todos que te veem.” (Ezequiel 28:14-18)

A verdadeira liberdade, porém, está intrinsecamente ligada à Verdade e à Justiça. Somente alcançamos essa liberdade quando damos o salto para os braços misericordiosos daquele que deusas pode libertar. A falsa verdade nos desliga da fonte da vida e automaticamente nos liga à extinção de nossa alma.

A luta mais intensa ocorre dentro de cada um de nós: é a luta entre a nossa natureza espiritual que anseia por Deus, pela liberdade, pela Verdade — e a nossa velha natureza humana caída e corrompida pelo pecado que cega nossos olhos, para que não vejamos o mundo real. Vencerá o que for mais forte, e o mais forte é o que for mais bem alimentado. Se o nosso espírito estiver em constante e disciplinada ligação com a Palavra de Deus prevaleceremos e viveremos; caso contrário a batalha estará perdida.

• • • •

8 . A Bíblia não revela o acima descrito, é simplesmente uma conjectura poética para ilustrar como funciona o relativismo.

Assim, a mente e o coração do homem tornaram-se o campo de batalha do conflito entre o bem e o mal na Terra. E os espectadores desse drama universal são todos os seres racionais que habitam os Céus e a Terra.

A nossa participação nessa prolongada guerra entre o bem e o mal opera a escolha e a decisão na alma e no coração de cada um.

Os dois caminhos

O grande conflito universal e espiritual entre o bem e o mal está chegando ao fim! E no desfecho final desse drama cósmico, Cristo aparece como o herói divino do Reino de Deus, o grande vencedor de todas as batalhas contra o reino das trevas.

Hoje Cristo oferece à humanidade: a remissão dos pecados, o Reino dos Céus como herança, a gloriosa comunhão do santo espírito do amor, a felicidade verdadeira em sua glória, a alegria real, a paz de Deus, o gozo eterno, a liberdade, a vida eterna... Enfim, tudo! Do outro lado, o inimigo de nossas almas está derrotado e sabe que pouco tempo lhe resta. E não tendo nada para oferecer, tenta seduzir e enganar com os falsos prazeres do pecado, no reino de um mundo passageiro, cujo caminho leva às doenças, às guerras, à fome, ao sofrimento, e por fim à morte eterna.

“(...) Os Céus e a Terra tomo hoje por testemunhas contra vós que te tenho proposto a Vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe pois a Vida para que vivas tu e teus filhos (...)” (Deuteronômio 30:19)







CAPÍTULO III

O CRIADOR DO HOMEM

(A criação e queda do homem)

“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.” (Romanos 3:23)

A obra da Criação havia chegado ao seu estágio final. Na Terra “recém-formada” tudo estava preparado para aquele dia em que o propósito de Deus se realizaria. O Senhor adornara uma linda planície com um paradisíaco jardim. Havia flores perfumadas por toda a parte, parecia um lindo amanhecer de primavera; a vegetação vicejante florescia nos campos e colinas. Uma cachoeira cintilante dava um brilho especial ao ambiente; a água cristalina refletia as nuvens e o azul do céu. Os pássaros louvavam livremente trazendo uma sensação de tranquilidade e bem-estar. A paisagem era deslumbrante! A natureza parecia uma extensão da paz celestial.

Por que tantos preparativos? Que acontecimento tão esperado estava reservado para aquele dia? Havia uma grande expectativa de como seria “coroadado” o último dia da obra da Criação. Algo surpreendente estava para acontecer! Então, de repente, ouve-se uma voz estrondosa como de trovão estremecer o Céu e a Terra:

“Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança (...).” — disse o Senhor, no sexto dia da Criação (Gênesis 1:26)

Este era um momento muito especial para o Senhor! Quando Deus pronunciou o Amém sobre seus pensamentos, o que era apenas uma imagem abstrata em sua mente tornou-se realidade por meio de sua Palavra: Cristo.

As Escrituras Sagradas revelam claramente *as Eternas obras da sabedoria*, ou seja, a atuação de Cristo, a sabedoria personificada de Deus, em todas as fases do processo de formação do Céu e da Terra. Sua existência eterna como protagonista de um grande “espetáculo divino”, em evidente atividade no mundo e no Universo é inegável. É o poder da voz de Deus como a corporificação do Verbo divino, é Cristo que age através do Espírito Santo de eternidade a eternidade. O texto bíblico acima deixa evidente a natureza incriada de Cristo na divindade, pois, nesse dado momento, Ele aparece como referencial para a formação do homem; é o Pai falando com seu Filho juntamente com seu Espírito em uma comunhão insondável no majestoso evento de coroação.

“(...) E formou o Senhor Deus o homem, do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.” (Gênesis 2:7)

A obra criadora estava concluída. A integração dos seres humanos no Universo era a fase definitiva, a “coroa da Criação”. Contudo, cremos que a criação do homem tinha um significado mais profundo no contexto das *Eternas obras da sabedoria*. Era, como já foi dito, o projeto de Deus que estivera guardado em seu coração e que agora estava concretizado: a realização do seu eterno propósito: o “sonho de Deus”¹.

No jardim de Deus

Podemos imaginar agora, ali diante de seu Criador, seus

• • • •

primeiros filhos humanos, que povoariam a Terra de outros humanos santos e imortais como eles. Até então, nossos primeiros pais não conheciam o mal, em tudo viam pureza, amor e alegria; estavam em comunhão com Deus, conforme o projeto original; o Espírito Eterno tinha prazer em habitar neles; eles eram a alegria do Senhor. Tudo lhes era compreensível; reconheciam a voz de seu Pai celestial quando soava no jardim ou quando mansamente falava no peito...

Tudo era maravilhoso no princípio. O Jardim do Éden era um lugar deslumbrante, cheio de encanto e beleza; um lugar de harmoniosa paz entre Criador e criatura. Provavelmente esse estado de perfeição durou centenas de anos durante a dispensação da inocência, pois não existia morte, o mundo ainda estava em harmonia com o Céu, pertencia à glória de Deus.

No meio do jardim, duas árvores se destacavam das demais:

“E o Senhor fez brotar da terra toda árvore agradável à vista, e boa para comida; e a Árvore da Vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.” (Gênesis 2:9)

A Árvore da Vida que estava no meio do jardim era sem dúvida alguma a árvore mais especial que havia no paraíso. Provingida diretamente de Deus, representava a harmonia entre Ele e seus filhos, era símbolo da comunhão com o autor da existência; significava o elo fundamental do espírito humano com o Espírito da vida. A Árvore da Vida era “a parte do homem”, fora dada por Deus para ele, Adão e Eva precisavam dela, fora colocada ali para eles; pois enquanto as outras árvores alimentavam a parte física do homem, a Árvore da Vida alimentava o seu espírito, transmitindo-lhes o poder de ser como Deus: imortal como seu Pai.

Baseados em Gênesis 1:29 que diz: “E disse Deus: Eis que vos tenho dado *toda* árvore que dá fruto (...)”, e também Gênesis 2:16: “E ordenou o Senhor ao homem dizendo: de *toda* árvore do

jardim comerás livremente (...)” (grifo nosso). Podemos afirmar que os nossos primeiros pais tinham acesso livre e permanente à Árvore da Vida. Podiam participar livremente de seu fruto, de modo que as células de seus corpos nunca envelheciam. A imortalidade era um fato real! Adão e Eva não possuíam vida eterna própria, para isso necessitavam daquele alimento divino, e enquanto estivessem em comunhão com seu Criador teriam acesso à Árvore para a “manutenção da vida”.

Também havia no jardim a “árvore do conhecimento do bem e do mal”, sinistra e misteriosa, no entanto, exuberante e atraente. Representava “a parte de Deus”, um conhecimento que pertencia ao seu Criador; era o símbolo de um poder misterioso que somente Deus tinha capacidade de possuir; significava grande perigo se “caísse em mãos erradas” e não deveria ser tocada; sua violação, pois causaria desequilíbrio, desordem, dor e morte se manipulada sem consentimento e supervisão da sabedoria. Deus queria poupá-los de sofrimentos, por isso os advertira veementemente; seria compartilhado somente no futuro quando eles estivessem preparados.

Assim como Deus quis proteger os anjos no princípio, porém, eles desejaram louca e descontroladamente aquele conhecimento e se apropriaram dele indevidamente o que lhes acarretou a própria destruição.

Participar daquela árvore agora traria ao homem a mesma consequência; os desligaria do Reino de Deus e, conseqüentemente, da vida eterna.

Nossos primeiros pais tinham plena capacidade de escolher corretamente e decidir sobre o que era melhor, pois suas faculdades mentais tinham perfeito entendimento de tudo. Seus espíritos em constante conexão com o Céu os firmavam na verdade. Deveriam, assim, atentar para a lei que rege a vida e respeitar as ordenanças do seu Criador.

Eles deveriam buscar conhecimento por meio do Reino de Deus e não pela transgressão de suas leis; deveriam esperar pelo Senhor que lhes ensinaria todas as coisas; deveriam passar longe daquela árvore, não precisavam dela para obter conhecimento. Deveriam obedecer à voz do seu Criador por uma questão de amor, fidelidade e zelo pela comunhão com Ele.

Adão e Eva estavam em perfeita harmonia com Deus: seu Senhor e Criador. Seus corpos eram envolvidos por uma luz resplandecente. Estavam em permanente contato com a luz divina, eram voluntariamente obedientes à sua voz, e com isso enchiam-no de regozijo. Ali, naquele mundo glorificado, Deus vinha falar com seus filhos todas as tardes, e dia após dia ia se revelando a eles num eterno relacionamento de amor e fidelidade. Porém, essa fidelidade teria que ser provada, assim como os guardiões o foram no Céu; não somente para os inimigos, mas também para que todos os seres racionais do Universo vissem a perfeição da “obra-prima da Criação”.

O motivo da prova

Mas por que havia uma árvore tão perigosa no jardim? Justo onde habitavam as joias da Criação. E por que o homem, sendo guardião do jardim, permitiu que um inimigo tão sagaz como Satanás entrasse ali, em vez de expulsá-lo? E por que com tantas outras galáxias e planetas, seres tão terríveis caíram justamente em nosso planeta?

Para entendermos todas essas questões e a razão dessas provocações para o homem, uma vez que a criação dos seres humanos era tão perfeita, precisamos abarcar a obra criadora e a obra redentora como um todo.

As malignas ideias de Lúcifer foram espalhadas por todo o Universo, eram conhecidas de todos e contaminaram as mentes de muitos seres celestiais, o que os fizera cair, pois não estavam

preparados ainda para tal conhecimento; havia apenas um planeta onde o mal do pecado não tinha atingido: a Terra.

Ora, os planos de Lúcifer de governar as regiões setentrionais no Céu foram frustrados, e uma vez derrotados no confronto direto, os anjos caídos tiveram outra ideia: atacar o Reino de Deus moralmente. Fizeram graves acusações contra a recém-formada criatura — o homem — dizendo que ele concordaria com as ideias de satanás e “blasfêmia de Deus em sua face”.

Ora, se os novos filhos criados por Deus dessem ouvidos às suas ardilosas “mensagens”, que são sempre as mesmas: tornar-se “independente de Deus”, e “ser como Deus conhecedor do bem e do mal”, então, Lúcifer teria “vitória na Terra”. E além do direito de reinar em nosso mundo, obteria para si a obediência dos homens até matá-los e destruí-los totalmente da face da Terra.

Mas os inimigos seriam banidos tão logo Adão os vencesse moralmente. Deus haveria de desmascarar satanás e seus anjos e vencê-los para sempre por meio da fidelidade de seus escolhidos. Assim, o reino da luz venceria a oposição maligna! Deus mostraria que o homem, mesmo cercado pelo mal seria fiel a Ele. Pela nossa adoração voluntária a Deus, o opositor seria derrotado para sempre!

Mas seriam os humanos fiéis a Deus? Passariam na prova de fogo da vida? Honrariam seu Criador com a obediência a Ele? Ou dariam ouvidos a Lúcifer conforme o desafio?

Naquele tempo em que estavam no jardim era um período glorioso, um tempo abençoado em que Deus se deleitava com tudo o que tinha feito. Seus filhos eram o seu prazer. Nesse estado de perfeição e inocência em que se encontravam os primeiros humanos, eles deveriam crescer na graça, no conhecimento e na sabedoria de Deus; deveriam amadurecer e receber diretamente do Senhor toda instrução e conhecimento.

“Antes, cresci na graça e conhecimento do nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora, como no dia da eternidade! Amém.” (II Pedro 3:18)

No princípio da Criação eles haveriam de se multiplicar e encher toda a Terra, até o dia em que “(...) *de glória em glória...*” adentrariam no santuário celestial onde teriam um novo e mais profundo conhecimento de Deus. E tomariam, cremos nós, os assentos deixados pelos anjos caídos no imenso coral celeste.

“Mas, todos nós, com rosto descoberto, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.” (II Coríntios 3:18)

Era parte do projeto divino conceder no futuro grandes conhecimentos ao homem, inclusive o conhecimento do mal, e de tudo o que tinha acontecido no Céu. Porém, não por meio daquela árvore, não naquele momento, nem naquele lugar; para esse conhecimento eles também ainda não estavam preparados; na verdade aquela árvore não traria para eles conhecimento algum, nem desenvolvimento, pelo contrário, traria a limitação de suas mentes e de todo o seu ser.

Acreditamos que os seres humanos seriam preparados gradativamente até o término da multiplicação, e juntamente com sua posteridade aprenderiam com o próprio Deus os segredos da vida, do bem e do mal.

“(...) E vós, filhos de Sião, regozijai-vos e alegrai-vos no Senhor, vosso Deus, porque ele vos dará Ensinador de Justiça (...).” (Joel 2:23)

Cremos que seriam desvendados diante deles os mistérios do Universo e todas as ciências cabíveis, conforme o nível de matu-

ridade espiritual que fosse sendo adquirido dia após dia, numa gloriosa comunhão com seu Criador; num aprendizado que se estenderia indefinidamente.

“Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que do Pai ouviu, e aprendeu, vem a mim.” (João 6:45)

Mas, o dia da prova havia chegado. Aquele era um dia decisivo na história da Criação. Os filhos humanos de Deus deveriam vencer os adversários que haviam feito acusações terríveis contra Deus. Haveria de ser comprovada a fidelidade e amor dos filhos humanos para com seu Pai e Criador diante de todos os anjos do mal e também dos seres não caídos que lutaram ao lado do Senhor, na batalha celeste.

Os opositores do reino foram lançados para a Terra para que os humanos os vencessem, seriam derrotados aqui também, pois o jardim de Deus era parte integrante do Céu, o homem era a habitação do Espírito Santo, Deus estava com eles para garantir a vitória. Cremos que os demônios deveriam ser destruídos tão logo Adão recusasse dar-lhes ouvidos. O dia havia chegado e a paz reinaria para sempre no Universo e Deus seria glorificado na Terra por seus filhos queridos! Lá o mal seria exterminado para sempre. Lá, satanás e seus anjos caídos seriam derrotados de uma vez por todas e a guerra que começara lá no Céu teria fim! Lá, glorificar a Deus pela obediência e amor ao seu Criador era a grande questão e a missão deles. Os inimigos do Céu deveriam ser resistidos e rejeitados pelos homens como fizeram bravamente os guardiões celestiais; os humanos eram os guardiões do jardim de Deus, eles deveriam guardar também a “árvore do conhecimento do bem e do mal”, a propriedade exclusiva de seu Senhor, para isso nasceram e para isso estavam ali:

“E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden, para o lavrar e o guardar.” (Gênesis 2:15)

Eles eram plenamente capazes, bastava simplesmente ouvir a voz do seu Criador e confiar no seu amor para que fossem confirmados como preeminentes sobre o mal. Assim, toda a Criação seria esclarecida, libertada e para sempre firmada pela perfeita obra da justiça do Reino dos Céus.

Porque mesmo os anjos caídos sendo expulsos do Céu, as questões não tinham sido resolvidas totalmente. A mentira como uma síndrome maldita, que é uma forma de orgulho ou uma espécie de endeusamento do “eu” interior que é — como já foi visto — extremamente prejudicial para toda a Criação deveria ser extirpada para sempre.

A vitória dos súditos terrenos era crucial para proteger toda a Criação de futuros possíveis questionamentos quanto à primazia das leis universais do Reino de Deus. Os filhos tão sonhados de Deus seriam perfeitos para realizar a tarefa de amar, honrar e respeitar a glória de seu Criador na Terra.

A acusação que Lúcifer fizera sobre o homem, que este seria infiel ao Senhor e “blasfêmia de Deus em sua face”, também cairia por terra.

A “prova de fogo da vida” estava mais uma vez diante da Criação; e assim como fora no Céu, seria também ali, no jardim de Deus.

“E ordenou o Senhor dizendo: de toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.” (Gênesis 2:16-17)

Assim como naqueles dias, também temos que escolher entre o bem e o mal, nada mudou, há sempre dois caminhos para todos, em todos os tempos e em todo o Universo. Interessante que temos hoje a mesma prova — ou a essência dela — e com a vantagem de conhecermos a história da queda e ainda assim insistimos em errar; e o mais inacreditável: temos consciência da sentença. Essa indiferença e cegueira espiritual é o resultado da contaminação que o mal causou em nossa natureza.

“Dúvida cruel”

“Então satanás disse à mulher: certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia que comerdes do fruto se abrirá os vossos olhos, e serão como Deus, conhecedores do bem e do mal.” (Gênesis 3:4-5)

As insinuações de satanás davam a entender que Deus mantinha os humanos ignorantes a respeito de uma suposta possibilidade de “se tornarem como Deus”, de maneira que não precisariam dele para decidir o que é bom ou mau; a ideia instigada por satanás de eles serem seus próprios deuses os seduziu; aquilo os interessou. A dúvida foi semeada e a tentação estava lançada. Essa é a tentação mais comum que existe, porque “ser como Deus” dá uma falsa sensação de “liberdade”, ou seja, traz uma enganosa ideia de “poder” sobre sua própria vida.

Há os que “querem ser seu próprio deus” em nosso tempo. O homem moderno sente orgulho de sua “autossuficiência”, sente-se confortável com o seu mundo, e uma vida espiritual é de pouco interesse para ele; acha que é independente de responsabilidades para com a lei de Deus. A maioria dos manuais de autoajuda ensina o sucesso material, o êxito social e o poder financeiro sem colocar Deus como referência. O cinema e a mídia idolatram o vigor físico e a “glória humana”. Da manhã até a noite somos bombardeados por ideias distorcidas sobre “liberdade”, “poder” e

“prazer”, que são ideias legítimas em si mesmas, desde que apoiadas na verdade e justiça. Mas, quando erroneamente assimiladas, desvia-nos de Deus e produzem a morte. Adão e Eva foram os primeiros a se tornarem egocêntricos nesta Terra, e a não reconhecer a primazia de seu Criador; pelo contrário, duvidaram dele, e nem se importaram com sua palavra; algo terrível tinha acontecido dentro deles.

Eles eram livres para decidirem sobre qualquer coisa. Conjecturamos que eles começaram a questionar: “por que ser tão obedientes?”, “por que Deus retém de nós aquele fruto?” “o que Deus pode estar escondendo de nós?” Nesse instante, presumimos que um sentimento estranho invadiu o coração deles; como a sensação da descoberta de algo novo, ambos desejaram a mesma coisa: conhecer por si só os mistérios da vida, do bem e do mal. Mas temiam alguma coisa, algo no íntimo de suas consciências os incomodava; um conflito interior se instalara; mas uma vez a verdade sofria com o funesto relativismo. Sabiam que não deveriam se aproximar daquele lugar, pois o Senhor já os advertira. Eles ainda não tinham consciência do mal, muito menos da morte, pois a mesma não existia. Não faziam a menor ideia do perigo; mas eles desejavam tanto aquele fruto que “se mostrava para dar entendimento”, que não se lembraram da Palavra de Deus, e não refletiram sobre as consequências eternas que poderiam advir de atos de irresponsabilidade. E como que obcecados pelo desejo, e dominados pela ilusão do autoengano de sua “falsa verdade” estenderam a mão, tomaram do fruto e comeram:

“Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus [...] quando ouviram a voz do Senhor que andava no Jardim pela viração do dia esconderam-se da presença do Senhor, o homem e sua mulher por entre as árvores do Jardim. E chamou o Senhor Deus ao homem: onde estás? (...)” (Gênesis 3:7-9)

Agora perceberam que estavam nus, não se trata de vergonha por estarem expostos sem roupas, estavam nus da presença do espírito de Deus, a luz resplandecente de glória que os revestia se fora; perceberam o mal que tinham feito, pois agora conheceram o mal da maneira mais terrível. Então se foi o poder, a comunhão, a felicidade e a imortalidade.

Será que Deus não sabia onde Adão estava? É evidente que sabia, Ele é onisciente; mas Ele insiste em perguntar: “Onde estás? Por que te escondes de Mim?”. “Onde está o teu coração? Porventura não estás em Mim?”

“Onde estiver o teu tesouro aí estará o teu coração.” (Mateus 6:21)

Deus ama os seres humanos e quer ser o seu maior tesouro, quer ter comunhão com eles, quer salvá-los; a reparação para o erro de Adão e de todos nós é basicamente o amor entre nós e o nosso Criador. É por isso que o amor é o grande mandamento:

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.” (Mateus 22:37)

O paraíso perdido

Adão e sua mulher, agora desesperados, se apressam pelo caminho que dava acesso à Árvore da Vida, porém, fora bloqueado por guardiões celestes; o homem agora era inimigo. A transgressão das leis universais os desligou do poder que os mantinha vivos. Não confiaram no amor de Deus, duvidaram de Sua Palavra; desejaram um conhecimento para o qual eles ainda não estavam preparados.

“Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de Nós, conhecedor do bem e do mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome, também, da árvore da vida, e coma e viva eternamente: O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida.” (Gênesis 3:22-24)

No início, os humanos surgiram do sonho de Deus, do Poder Criador e da bênção do Senhor; incorruptíveis, imortais. Tudo neles era perfeito, pois prevalecia a natureza divina: o amor, a santidade, e a paz, porém, agora perderam tudo e se tornaram pecadores; pois não resistiram à tentação, ao desejo do coração. Desobedeceram ao seu Criador e caíram. É como se tudo desmoronasse sobre eles, era o fim de tudo, agora estariam sobre a Terra por um curto espaço de tempo e logo deixariam de existir.

Começaram a definhar, pois não se alimentavam mais da Árvore da Vida. A partir do momento que se desligaram de Deus, suas células começaram a enfraquecer e envelhecer gradativamente até perder sua função biológica; o fruto da Árvore da Vida evitava essa disfunção celular.

Um abismo de separação havia surgido entre o homem e seu Criador. Toda aquela glória espiritual “se retirou deles e se afastou da Terra”, dando lugar a densas névoas e grande escuridão. O jardim paradisíaco de Deus se transformou num “pântano escuro e assustador”, e um imenso deserto tomou o lugar daquela linda planície. Tudo em sua volta tornou-se triste desolação. Os primeiros humanos saíam da presença do Senhor, errantes por uma Terra hostil e solitária por causa do próprio pecado:

“(...) maldita é a Terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá

também cardos e espinhos e tu comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes a terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás.”
(Gênesis 3:17-19)

O conflito entre o bem e mal atingiu a Terra, porém o homem não deveria ter se envolvido nesse conflito. Bastava ele simplesmente ser fiel e obediente ao Senhor para que o pecado não entrasse no mundo, deveriam honrar e adorar seu Deus e Criador com espontânea obediência a Ele. Porém, o próprio homem se envolveu por ter pecado. E uma vez tendo o homem rejeitado a Palavra de Deus e aceitado a palavra do inimigo, tornou-se um aliado e escravo deste:

“Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo.” (II Pedro 2:19)

Querendo ou não, todos estão envolvidos; não existe meio-termo, quem não estiver de um lado, automaticamente estará do outro:

“Quem não é comigo é contra mim, e quem comigo não ajunta espalha.” (Mateus 12:30)

Ora, os primeiros seres humanos e muitos de seus descendentes foram enganados pelo diabo, quando deveriam vencê-lo, adiando assim o definitivo extermínio do mal e de seus seguidores. E o diabo e seus anjos caídos achando que sua destruição tinha sido anulada por conta de sua aparente “vitória na Terra”, enveredaram novamente por um abismo de erros e enganos, desprezando a sabedoria e a verdade.

O plano dos opositores aparentemente “havia funcionado” — ao menos com os primeiros humanos. Então Lúcifer vendo que “ganhava terreno” buscou camuflar e aprimorar suas estratégias

gias de engano. Seu objetivo agora era aliciar novos seguidores, para expandir “seus domínios no mundo que agora era seu” e tornar todos os seres humanos seus adeptos. Tornar os homens incrédulos e indiferentes quanto às coisas de Deus é uma das armas do inimigo para “avançar” no conflito espiritual entre Cristo e satanás na Terra.

A posição que o Senhor confiara ao homem, de “superintendente” e dominador do mundo fora perdida e transferida para Lúcifer no momento do pecado; sua liberdade e autoridade sobre a Terra fora entregue ao inimigo quando lhe obedeceu à voz.

Em nosso mundo perdido e confuso, somos pressionados a tomar uma decisão: lutar a favor do Reino de Deus como valentes soldados ou ser escravos do pecado e servos do inimigo. Seu destino eterno está em suas próprias mãos.

O diabo caiu na Terra, mas ele não pertence a este mundo; ele é um intruso, um parasita neste planeta, juntamente com todos os seres das trevas que caíram com ele, assim como o mal que os acompanha.

Cristo, ao contrário, é residente legítimo, pois ele veio da eternidade se materializou e nasceu aqui como um ser humano autêntico; ele é o verdadeiro regente e substituto legal de Adão para sempre:

“(...) Eis que conceberás e darás à luz um Filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o Trono de Davi seu pai; Ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu Reinado não terá fim (...).” (Lucas 1:31-33)

Um sacrifício de sangue era exigido: o homem tinha que morrer. Quando Lúcifer pensava que estava tendo êxito em sua campanha, a crucificação de Cristo, na verdade lhe trouxe ruína total! A morte de Jesus derrotava definitivamente o inimigo, mas o diabo não sabia e nem esperava! Porque essa era a “arma secreta” de Deus, guardada há milhões de anos: o plano da redenção. No quinto capítulo deste livro tratamos com pormenores sobre o plano da redenção.

Então, Deus colocou em ação esse maravilhoso plano, que consiste em salvar o homem da morte eterna, tendo desfeito assim, por meio de Cristo, toda a obra do inimigo e o direito que ele havia adquirido:

“(...) Para isso o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo.” (1 João 3:8)

A solução do problema

Mas porque Deus não destruiu imediatamente os anjos rebeldes para evitar uma proliferação do pecado?

Ora, esses seres não mais quiseram desafiar o poder de Deus, não havia mais nenhuma ameaça aos guardiões da “região norte”, não queriam de novo pleitear com Deus a força ou o poder.

A ameaça agora era de ordem moral, sua honra fora difamada. A adoração jamais poderia ser tocada, pois Deus não divide sua glória com outrem; a guerra agora era na Terra, pois os homens haviam caído. Não protegeram a região que Deus lhes confiara, como outrora os guardiões setentrionais.

“Eu sou o Senhor; este é o meu nome; a minha glória, pois, a outrem não darei, nem o meu louvor às imagens de escultura.” (Isaías 42:8)

Foi colocada em questão a forma de Deus governar: com justiça, amor e verdade. Essas virtudes é que foram questionadas e abandonadas. O que estava em discussão, então, eram causas de ordem ética e moral, não o poderio. E agora os humanos estavam envolvidos.

Não poderiam ser destruídos simplesmente por terem um pensamento contrário aos ideais divinos para suas criaturas. Destruí-los não resolveria o problema, pelo contrário, se agravariam ainda mais.

As questões que foram levantadas com relação ao homem tinham que ser resolvidas; a saber: que este não seria fiel ao seu criador. Falar não adiantaria, seria inútil qualquer advertência.

Então, só havia uma maneira de resolver essas questões: deixar o mal seguir seu curso livremente para todos verem por si mesmos suas conseqüências. Deixá-los prosseguir, tanto os anjos, como agora os homens caídos; para que todos vissem que o mal por si mesmo se autodestruiria, e que os princípios do bem que regem os Céus visam ao bem-estar e à felicidade de toda a Criação.

Ora, imagine se alguém acusasse um certo pai de família para seus filhos dizendo que ele é um péssimo pai, e que ele não dá liberdade aos filhos e impõe suas leis, e por isso afirmasse que os filhos não devem amar o pai, e que deveriam procurar uma vida melhor? Qual seria a melhor solução? A melhor maneira de resolver esse problema é deixar que o acusador prove suas acusações e ao mesmo tempo permitir que seus filhos confirmem o amor pelo pai.

Deus não age mudando o destino baseado em previsões do futuro. Mas ele deixa que a vida siga seu curso e interage com aqueles que estão de acordo com ele, confirmando o amor mútuo; e também dá oportunidade a todos de se redimirem. Assim também cai por terra o falso ensinamento sobre predestinação.

Era necessário que o mal seguisse o seu curso até que todos no Universo chegassem à conclusão de que Lúcifer estava errado em suas acusações contra Deus. Esta é a razão porque Deus não destruiu satanás e os outros transgressores logo no início de sua rebelião contra os princípios do bem e da verdade. Por esse mesmo motivo a morte dos homens não se dá instantaneamente, mas lhes é dada uma chance durante o processo de envelhecimento.

Se Deus tivesse destruído satanás logo no início, os seres celestiais não caídos passariam a obedecer a Deus por medo e não por amor, além da possibilidade de surgir uma dúvida de que Lúcifer “pudesse estar certo”. Assim, para confirmar a preeminência das leis universais, e o amor de seus filhos, foi preciso deixar a mentira seguir livremente por algum tempo, para que todos os seres racionais se tornassem testemunhas de que o mal a si mesmo se aniquilaria.

Portanto, todos os homens, assim como os anjos, deveriam ter a possibilidade de escolha e livre acesso às coisas do bem e do mal para que fossem também provados como todos os anjos do Céu o foram; para que fosse demonstrado para todo o Universo que deveriam existir humanos e anjos fiéis ao Senhor. Essa é a razão por que Deus outrora havia permitido que os guardiões das regiões norte do Reino ouvissem as sugestões de Lúcifer, e fossem atacados². Pela mesma razão, fora permitido que satanás entrasse no jardim de Deus para ali ser derrotado pelo homem e ser expulso também.

Assim, fora permitido aos anjos rebeldes ficarem temporariamente na Terra, até o dia do juízo final, para que a história mostrasse que o seu aparente êxito não passava de uma farsa e um terrível autoengano. Deus deixou que eles expusessem suas ideias para que fosse demonstrada a falha no “projeto” dos anjos

• • • •

rebeldes; deveria ficar provado que uma vida sem Deus não traria um mundo melhor.

“Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio, profanaste os teus santuários: Eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo que te consumiu a ti, e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que veem.” (Ezequiel 28:18)

Dessa maneira Cristo fincou a bandeira do Reino de Deus no coração dos seres humanos; tornando-se não somente o herói das tropas celestiais, mas também o herói dos guerreiros do santo e poderoso Evangelho! Os soldados de Deus na Terra – os humanos fiéis.

Porém, muitos humanos em vez de se voltarem para Deus, atolaram-se no pecado cada vez mais, por conta disso o diabo aproveita para mergulhar o mundo num antro de angústia e tribulação demoníaca como nunca houve. Satanás, o causador de todo o sofrimento humano, o responsável por toda a maldade que existe, encontrou uma brecha no coração do homem para poder atuar neste planeta porque os homens amaram mais as trevas do que a luz, tornando-se aliados do inimigo:

“(...) o mundo inteiro jaz no maligno.” (I Epístola de João 5:19)

Mas os filhos de Deus têm honrado o seu Criador rejeitando todo o pecado que o mundo oferece. Na cruz de Cristo, satanás foi derrotado definitivamente e pouco tempo lhe resta.

Engano, astúcia e malícia é o “comércio” de Lúcifer, o pai da mentira. Ele usou o mesmo ardil lá no Éden:

“(...) se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal (...).” (Gênesis 3:5)

O pecado não faz parte da constituição original do homem, mas é uma síndrome, isto é, um mal adquirido, um corpo estranho letal que invadiu o mundo como uma epidemia. E só há um meio de vencer essa terrível prova: renúncia e sincera humildade.

“(...) Se alguém quiser vir após mim renuncie a si mesmo, tome sobre si sua cruz e siga-me (...).” (Mateus 16:24)

“(...) Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos tornar como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Portanto aquele que se tornar humilde como esta criança esse é grande no Reino dos Céus (...).” (Mateus 18:3-4)

A sabedoria divina supera o conhecimento do reino das trevas!

“(...) O temor do Senhor é a sabedoria, e apartar-se do mal é a inteligência.” (Jó 28:28).

Assim, podemos receber a vitória por meio da fé no santo Filho de Deus. A conquista da nossa salvação é uma das vitórias do Senhor Jesus no mundo; pois o triunfo do Reino de Deus está consumado, tanto no Céu quanto na Terra.

Uma luz no fim do túnel

Podemos conjecturar agora que o homem e sua mulher horrorizados e desesperados caíram em profunda tristeza e arrependimento; podemos imaginar os soluços do pranto e os gritos de pavor que ecoavam por entre as árvores sombrias e inóspitas. Tudo estava realmente perdido para eles, não havia como reverter humanamente o dano que eles trouxeram sobre si; não havia um meio ou recurso humano para reparar aquele erro. Mas será que eles estavam entregues à sua própria sorte? Será que foram

abandonados pelo Deus que os criou e tanto os amou? Então, o Senhor movido de íntima compaixão, amor e misericórdia, vendo-os ali perdidos, e chorando assustados, lhes estendeu a mão. Então o Senhor disse à serpente:

“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” (Gênesis 3:15)

Esse enigma da futura justificação representava também uma “declaração de guerra” na Terra contra o enganador; era a promessa que Deus enviaria o Salvador e lutaria por seus filhos.

Uma luz brilhou “no fim do túnel”, na escuridão de suas almas. Uma alegria invadiu seus corações, havia uma esperança de ressurreição, sim! Um dia eles alcançariam a glória de Deus novamente! Agora precisavam pacientemente aguardar a vinda do seu Redentor e se manterem fiéis a Deus até o fim, superando e vencendo todas as provas da vida...

Mas será que Deus foi pego de surpresa? Será que o projeto de Criação do homem foi realmente frustrado?

Não. Nada pode surpreender Deus. Tudo estava previsto; Deus sondara o futuro e viu que tudo aquilo aconteceria! E assim elaborou todo o plano da redenção. Quando Deus terminou de criar exclamou: “Eis que tudo é muito bom!”. Nós, os humanos é que estragamos tudo; não fosse o plano da redenção estaríamos todos perdidos.

Assim, Cristo revela sua atuação, desde os tempos eternos: primeiramente como arquiteto de Deus, quando os Céus e a Terra foram estabelecidos. Depois, como o herói divino e comandante das tropas celestiais na grande batalha contra os anjos

caídos. Depois como referencial para a criação dos humanos, e agora, na ocasião da lamentável e triste queda do homem, Ele se revela como o Salvador de sua criação. Essas são as grandes obras da Sabedoria, o Cristo, o Filho de Deus no mundo e no Universo.

A “semente da mulher” é o Senhor Jesus Cristo, que haveria de vencer a morte e o diabo. A “semente da serpente” é o diabo que teria sua cabeça esmagada por Cristo, isto é, seria derrotado por Ele no futuro. Essa fé em Cristo deveria acompanhar nossos primeiros pais e sua descendência por toda a vida.

No relato sagrado das eternas obras de Cristo podemos ver sua manifestação no esforço para trazer o homem de volta ao seu estado original de comunhão com seu Criador, por meio do amor e da graça divina. A mensagem da salvação se estende por toda a Escritura Sagrada.

A atuação de Cristo na consciência do mundo deve produzir uma transformação interior em cada ser humano; uma convicção por sua redenção, um sentido superior de sua existência, pois Ele os ama e os quer salvar! Ele é perfeito, Ele nunca pecou, nunca errou; Ele é a nossa rocha firme, o escudo e a fortaleza, socorro bem presente na hora da angústia. Porque o retorno para Deus, e o caminho para a transcendência tão desejada é Cristo.

Ele é a única solução para toda a humanidade, e é por Ele que devemos esperar.

“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida e ninguém vem ao Pai senão por Mim (...).” (João 14:6)

A história do nosso mundo perdido está chegando ao fim. A humanidade como que maliciosamente enganada se encontra atônita e desorientada; começa a se perder na escuridão do medo, da incredulidade e da decadência, parece confusa e sem

direção. Nunca houve um contraste tão acentuado entre violência e prazeres, como nos dias de hoje; enquanto muitos são frequentemente entretidos, divertidos e servidos, outros são angustiados, atormentados e sofridos. Nunca houve tantas “atrações fascinantes”, “agradáveis experiências” e “eufóricas aventuras” como as que estão disponíveis hoje em dia — como nunca houve também tanta tristeza, dor e desespero.

“(...) muitos correrão de um lado para o outro, e a ciência se multiplicará (...).” (Daniel 12:4)

Expressões como “salvação”, “vida eterna”, “santificação” são de pouco significado para o homem moderno, que somente se interessa em progresso e sucesso terreno; acredita que seu ideal é viver uma vida confortável, desligada e descansadamente, e ter uma boa aposentadoria no final. Mas o homem materialista um dia torna-se cansado e angustiado e depois triste e desesperado, percebe que tudo chegou ao fim, e que escolhera um objetivo vão e um caminho fútil; então agonizante e incapaz de reconhecer que precisa de Deus não busca por Ele, pelo contrário, chama o psicólogo, o astrólogo e o vidente. Grita-lhes por socorro, mas estes nada podem fazer, é o fim.

“Porque toda carne é como erva, e toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor.” (I Epístola de Pedro 1:24)

Esses dias de aflição e “princípio de dores” é a realidade e a expressão de nosso mundo perdido. E em meio a todo esse caos que dá início ao fim de um mundo pecador esperamos por nosso Redentor, esperamos pelo seu amor, esperamos por sua salvação:

“Pois Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (...).” (João 3:16)





CAPÍTULO IV

O REDENTOR DO MUNDO

(O mistério da graça divina)

“(...) Pela Graça sois Salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós é dom de Deus (...).” (Efésios 2:8)

O pecado entrara no mundo. O caminho da Árvore da Vida fora bloqueado, conseqüentemente os corpos de Adão e Eva começaram a envelhecer; estavam fadados a uma perspectiva de vida transitória, insignificante e sem sentido. Desprovidos do dom da imortalidade ficaram condicionados a uma limitação potencial de sua natureza; “viver” separados de seu Criador seria de agora em diante o maior pesadelo deles e consecutivamente de toda a humanidade. Como seria um mundo sem Deus? Como seria a experiência de subsistir apenas por um breve período de tempo, num corpo mortal que envelhece a cada dia? Esta era a triste realidade; um difícil recomeço para os primeiros seres humanos.

Uma nova missão¹

Agora distantes do maravilhoso jardim, os nossos primeiros pais teriam que lavrar a terra a fim de adquirirem um “sustento provisório”, e assim seria para o resto de suas vidas.

• • • •

1 . A descrição está no campo subjetivo sem intenção de fazer uma interpretação teológica.

Os dias se passavam em angustiante solidão. Uma incômoda falta de paz interior, e um imenso vazio afligia-lhes a alma. Quando despertavam pela manhã tinham a sensação de que tudo aquilo não passava de um terrível pesadelo. Mas era real: o resplandecente jardim tinha desaparecido.

Ao cair da tarde, depois de um duro dia de trabalho, sempre surgia uma bendita lembrança da breve felicidade que tiveram no paraíso; uma terna saudade do doce viver que um dia fora eterno, glorioso e cheio de alegria. Quando tudo começou no dia em que foram criados, quando o sopro de Deus os trouxera à existência, quando o Senhor vinha falar com eles todos os dias ao entardecer, numa ditosa e eterna comunhão, porém, agora, aquela voz forte e, no entanto mansa, não estava lá. Agora se sentiam sozinhos, desalentados, e desamparados; vindo a escuridão da noite, vinham também as lágrimas de um profundo arrependimento, um vazio dilacerava-lhes o coração e a alma por causa da falta de Deus; agora era somente tristeza, e uma angustiante solidão...

Mas eles sabiam que tudo isso um dia ia mudar; pois aguardavam o Redentor prometido; essa maravilhosa esperança lhes servia de consolo. Enquanto tentavam retomar os ânimos eles se esforçavam para subsistir por mais algumas poucas centenas de anos. Eles agora tinham a missão de obedecer a Palavra de Deus para que num tempo distante pudessem retornar ao paraíso e ao seu estado original.

Parece que nós, homens dos dias atuais, nos acostumamos com a mortalidade. Admiramo-nos do fato de Adão ter vivido quase mil anos depois da queda, no entanto, eles não tinham noção de tempo – eram imortais. Para eles a consciência da morte foi uma coisa catastrófica, aterrorizante e desoladora, tornando sem sentido a sua nova forma de existência; foi um impacto terrível sair da eternidade para uma vivência passageira. Para que a mensagem da salvação faça sentido para nós, e tenha um efeito transformador

e maravilhoso em nossas vidas, precisamos reconhecer a insignificância da efêmera vivência de nossa humanidade.

A manifestação da graça

“E conheceu Adão a Eva sua mulher, e ela concebeu e deu à luz a Caim, e disse: Alcancei um filho com a ajuda do Senhor. E deu à luz mais a seu irmão Abel; e Abel foi pastor de ovelhas, e Caim foi lavrador.” (Gênesis 4:1-2)

O drama daquele jovem casal, bem como de toda a humanidade estava apenas começando. Presumimos que a situação deles tornara-se traumática naquele momento, Ora, não havia maternidades, não existia prontos-socorros, muito menos parteiras. Era a primeira gravidez da história, separaram-se de seu Criador, a quem recorreriam agora? Conjecturamos que Adão angustiado não sabia o que fazer; não bastasse a separação de Deus e o medo da morte, entraram em desespero e clamaram por socorro ao Senhor.

Então, movido de íntima compaixão, Deus estendeu para eles sua graça, a mão redentora de Cristo os alcançara!

“Eis que a mão do Senhor não está encolhida para que não possa salvar; nem o seu ouvido agravado para que não possa ouvir.” (Isaías 59:1)

A graça de Deus manifestara-se pela primeira vez para a decaída raça humana: Cristo se fez presente! O Senhor ouviu o clamor e veio socorrê-los!

*“Pois todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.”
(Atos 2:21)*

Deus já os havia perdoado, pois eles estavam arrependidos. Deus se importava com eles e jamais se afastaria para sempre. A Bíblia diz:

“(...) Invoca-me no dia da angústia; Eu te livrarei, e tu me glorificarás.” (Salmos 50:15)

Essa misericórdia divina a favor dos seres humanos, visando a salvação eterna é denominada na Bíblia Sagrada de graça divina. Então não estava tudo perdido! Pois graça é a manifestação do amor e da misericórdia de Deus em favor dos seres humanos arrependidos.

Agora o primeiro casal humano podia declarar feliz:

“(...) Com a ajuda do Senhor (...)”

“Eis que Deus é o meu ajudador; o Senhor está com aqueles que sustentam a minha alma.” (Salmos 54:4)

Por mais terrível que fosse o caos que o pecado trouxe ao mundo, os nossos primeiros pais estavam alegres! Pois tudo estava claro em suas mentes e profundamente arraigado em seus corações, a consciência de que a vida eterna — que eles haviam perdido — haveria de ser deles novamente! Essa esperança queimava no peito e ardia na alma! Essa fé na promessa do Redentor deveriam levar consigo, sem a qual, a vida não teria o menor sentido.

Era a missão deles agora: dominar o pecado e serem firmes nas promessas divinas.

Assim, a graça de Deus inunda o mundo, e definitivamente a redenção do homem — que aceitar ser salvo — toma lugar dentro das eternas obras de Cristo.

O chamado da graça — Caim e Abel²

Apesar das consequências trazidas pelo rompimento do homem com o seu Criador, o projeto original de se “multiplicar, encher a Terra e dominá-la”, se seguiria normalmente.

Mas como seriam as futuras gerações? De que maneira viveriam na Terra, visto que nasceriam num mundo contaminado pelo mal? A resposta a essa preocupante questão veio de maneira estupefaciente e violenta: Caim, o filho mais velho de Eva, de maneira premeditada matou o seu próprio irmão.

Certo dia os irmãos foram fazer uma oferta de holocausto ao Senhor, como símbolo do futuro sacrifício de Cristo em favor deles e de sua descendência, conforme haviam aprendido com seus pais, pois todos estavam conscientes da vinda do prometido Redentor.

Abel, o irmão mais jovem, reverenciava esses valores espirituais; ele era inclinado para o bem, e amava o seu Criador. Possuía um caráter íntegro; era um homem tranquilo, tinha um coração humilde e um espírito reto. Protegia com responsabilidade o pequeno rebanho de seu pai. Ele levava a sério as coisas espirituais; e num espírito de adoração e obediência dispôs o coração para ofertar ao Senhor um sacrifício de sangue, conforme os preceitos aprendidos de geração em geração; fazendo tudo com amor e gratidão pela graça concedida; então Deus se agradou de Abel, e recebeu sua oferta.

Abel viveu como um forasteiro nesta Terra e tornou-se um cidadão dos Céus. Sentir-se à vontade neste mundo significava para ele trair a cidadania celeste; por seu amor, humildade e fé tornou-se um herói do Reino de Deus, um valente soldado da causa divina.

• • • •

2 . *Toda a narrativa está no campo subjetivo do autor.*

“(...) Pela fé Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho dos seus dons, e por ela, depois de morto ainda fala (...)” (Hebreus 11:4)

Caim, por sua vez, não atentou para os ensinamentos do Senhor e desprezou sua palavra. Era um homem irritado e impaciente, de temperamento agressivo e personalidade violenta. Seu coração encheu-se de inveja. Não quis partilhar o sacrifício de sangue com seu irmão; mas num espírito de disputa, ele resolveu fazer orgulhosamente seu próprio holocausto. E fez o que achava melhor aos seus olhos: pegou alguns produtos de sua lavoura e trouxe perante o Senhor, e ofereceu em outro altar; achando ele ter realizado assim sua obrigação religiosa. Porém o Senhor não atentou para a sua oferta, pois havia mácula, não em sua oferta, mas em seu coração; pois teve inveja de seu virtuoso irmão em vez de amá-lo.

“E aconteceu ao cabo de dias que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas e da sua gordura; e atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta. Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e decaiu-lhe o semblante. E o Senhor disse a Caim: por que te iraste? E por que decaiu o teu semblante? Se fizeres o bem não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e sobre ti serás o seu desejo, mas sobre ele deves dominar.” (Gênesis 4:3-7)

Caim não quis viver uma vida piedosa como seu irmão, e nem seguir o exemplo de arrependimento de seus pais; mas cauterizou a consciência e fechou o coração; e com a alma cheia de ódio prosseguiu com o seu intento diabólico, e em sua psicopatia tornou-se um agente da maldade e filho do maligno:

“Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: qualquer que não pratica a Justiça, e não ama seu irmão, não é de Deus [...] como Caim que era do maligno, e matou a seu irmão, e por que causa o matou? Porque as suas obras eram más e as de seu irmão, justas.” (I Epístola de João 3:10-12)

Aqui aparece claramente que a prolongada guerra do mundo espiritual — da qual tratamos no capítulo 2 — se estendera para o nosso mundo. Mas a vida piedosa de Abel arruinara os planos de expansão do reino das trevas.

“E falou Caim com seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou. E disse o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? E ele disse: Não sei, sou eu guardador do meu irmão? E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a Mim desde a terra. E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão.” (Gênesis 4:8-11)

A participação do fruto da “árvore do conhecimento do bem e do mal” começava a dar seus primeiros frutos.

Adão também fora lavrador, nem por isso andava irritado com as aflições que o trabalho duro lhe causava, e nem atribuiu a Deus a culpa por seus problemas, pois era consciente que ele mesmo era o culpado.

O mal se alastrava pelo mundo tendo como resultado um maior distanciamento de Deus e a atrofia do espírito humano. Tudo isso como consequência da inclinação para o pecado, do vazio interior e insatisfação espiritual que o rompimento com Deus pode causar.

Caim desprezou a graça de Deus; então, iniciou seus projetos terrenos, construindo obras efêmeras e de agora em diante de-

leitava-se somente no mundo físico, esquecendo completamente da vida espiritual. Um retrato panorâmico do homem de nossos dias, cujo espírito sedento por vida, por um sentido superior clama por um contato com Deus e não o encontra.

“E saiu Caim de diante da face do Senhor, e habitou na terra de Node, do lado oriental do Éden [...] E edificou uma cidade (...).” (Gênesis 4:16-17)

O coração e a graça

Não queremos dar a entender que todo aquele que comete um pecado automaticamente perde sua salvação, não é isso. Mas Deus sabe todas as coisas e, em sua soberania, trata com cada um individualmente, não existe nada predeterminado ou predestinado, mas é de acordo com uma complexa relação entre misericórdia, livre-arbítrio e justiça.

“(...) E terei misericórdia de quem Eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer.” (Êxodo 33:19)

A Bíblia nos ensina que a graça de Deus na vida de um homem ou sua rejeição não é aleatória, mas conforme a disposição do homem interior em interagir com esse favor divino. Uma vez que o homem responda positivamente, imediatamente entra em ação a misericórdia e a justiça de Deus em Cristo para salvá-lo. Caso contrário não resta mais nada a fazer, se não permitir que siga seu próprio coração; e por fim entregá-lo aos sentimentos que decidiu seguir:

“E, como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm.” (Romanos 1:28)

Não se trata de rejeitar a voz da consciência, mas em se deixar atrair pela graça de Deus ou não. É um desejo intrínseco do espírito do homem sedento pelo Espírito do seu Criador. Assim, uma vez existindo tal relacionamento entre Deus e o homem, a consciência não tem dificuldades em adverti-lo quando for preciso, ele sempre estará pronto a se arrepender. Ora, Deus não obriga ninguém a seguir o bem, pois não criou seres autômatos, mas seres racionais com liberdade para decidir.

Em seu livro *À procura de Deus*, A.W.Tozer diz:

“(...) Para que alguém se volte para Deus deve receber um toque esclarecedor antes, para despertar essa fome espiritual que o leva à oração e à busca. Procuramos a Deus porque Ele colocou em nós o anseio que nos lança nessa busca. O impulso de buscar a Deus origina-se em Deus, mas a realização do impulso depende de o seguirmos de todo o coração. Quando a operação prévia de Deus se combina com uma reação positiva do homem, cabe ao homem a responsabilidade de buscar. De nossa parte deve haver uma participação positiva para que essa atração divina possa produzir resultados em termos de uma experiência pessoal com Deus.”

Abel abriu seu coração a essa atração divina e herdou a vida eterna. Porém Caim não quis dar ouvido à voz do Senhor, mas Deus ainda assim continuou insistindo e o advertiu amorosamente:

“(...) Por que estás irado? Se fizeres o bem não é certo que serás aceito? Mas se não fizeres o pecado bate a tua porta e cabe a ti dominá-lo (...).” (Gênesis 4:7)

A tragédia da rejeição se deve exclusivamente ao homem, quando este despreza a atração graciosa do Espírito Santo em seu interior e tapa os ouvidos para a voz de Deus, então o pior acontece: ele é entregue a seus próprios sentimentos. O que conta na

verdade é o que somos no mais profundo da alma e não propriamente uma atitude errada, impensada, ou induzida. Na realidade a lei é para o nosso próprio benefício; as consequências de nossos atos são prejudiciais para nós mesmos.

Esse contraste de ganho e perda da graça salvadora é um fato; por toda a história bíblica podemos concluir essa verdade.

Moisés, por exemplo, também matou um homem, mas *foi perdoado* e achou graça aos olhos do Senhor:

“(...) Porquanto achaste graça aos meus olhos, e te conheço por nome (...)” (Êxodo 33:17)

Analisando a vida de Moisés vemos que ele não era um homem violento, não há nenhum traço de psicopatia que pudesse endurecer seu coração, não tinha um senso maligno, e nem um espírito assassino, ou impenitente, pelo contrário, a Bíblia revela que Moisés foi o homem mais manso de sua época:

“E era Moisés um homem mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a Terra.” (Números 12:3)

Embora o crime de Moisés seja passível de condenação e pena, ele não matou premeditadamente por inveja ou por causa banal como Caim, mas impulsionado por um impetuoso sentido de justiça, ele o fez para proteger seu irmão de um agressor inimigo. Certamente Moisés possuía um coração arrependido, pelo que fora absolvido. Deus conhecia profundamente o seu interior e lhe estendera a mão de sua graça.

Sobre esse importante tema da graça seletiva, o apóstolo Paulo escreve à Igreja que estava em Roma:

“(...) Que diremos, pois? Que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma. [...], porque diz a Escritura a faraó: para isto mesmo te levantei: para em ti mostrar o meu poder, e para que meu nome seja anunciado em toda Terra. Logo, pois se compadece de quem quer, e endurece a quem quer (...).” (Romanos 9:14-18)

A consequência de alguém insistir em rejeitar a voz de Deus é não poder mais ouvi-la. Quando endurecemos o coração, a tendência é ele ficar mais duro. Esse é um sério perigo espiritual.

“(...) Como diz o Espírito Santo: ‘se ouvirdes hoje a sua voz não endureçais os vossos corações’ (...).” (Hebreus 3:7-8)

Ora, Deus endureceu o coração do faraó porque o próprio faraó não se predis pôs a aceitar uma *mudança interior*. O faraó, rei do Egito, testemunhou incontestavelmente o juízo divino sobre seu povo e sua casa, porém não se converteu ao Senhor. Pelo contrário, tratou com indiferença a ordem divina de libertar o povo israelita do Egito; pelo que Deus resolvera usar essa rebeldia para revelar Sua soberania para o mundo inteiro, de modo a ser glorificado.

Aqueles que rejeitam a graça de Deus não alcançam a misericórdia. Deus jamais endureceria o faraó se este realmente não merecesse isso.

No comentário sobre a justiça de Deus, Elienai Cabral diz:

“(...) As decisões e ações divinas são baseadas na justiça e misericórdia, porque Deus sabe com quem pode usar de misericórdia ou de juízo. Deus conhecia o coração do faraó, e por conhecê-lo completamente é que podia rejeitá-lo. Na

*verdade o coração do faraó foi endurecido pela sua própria ação (...)*³.

Jacó, o grande patriarca, é outro exemplo, no começo de sua história usurpara a primogenitura de seu irmão, e enganara seu pai para obter as bênçãos que seriam de Esaú fazendo jus ao seu nome que significa suplantador, mostrou-se também usurpador ou enganador. Contudo, depois que teve uma experiência espiritual com Deus, onde confessara o seu pecado, alcançou bênção tal que Deus mudou até o seu nome para Israel, que significa príncipe de Deus. Ora, Jacó era um homem inclinado às coisas espirituais, considerava o significado das bênçãos de Deus em sua vida a ponto de tentar “roubá-las”.

Porém Esaú, seu irmão, a exemplo de Caim, era inclinado às coisas terrenas e desprezava as espirituais, pelo que perdera a bênção da graça divina:

“Tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus [...] E ninguém seja devasso ou profano como Esaú que por uma refeição vendeu o seu direito de primogenitura. Porque bem sabeis que querendo ele ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado e não achou lugar de arrependimento, ainda que com lágrimas o buscou.” (Hebreus 12:15-17)

“Como está escrito: amei a Jacó, e rejeitei a Esaú.” (Romanos 9:13)

Deus jamais escolheria Jacó, se Esaú realmente fosse voltado às bênçãos que lhe estavam destinadas. Quando a pessoa é rebel-

• • • •

3 . *Elienai Cabral. Comentários sobre a Carta aos Romanos e Efésios.*

CPAD, p. 110.

de de coração e despreza a graça divina, torna-se não somente inimigo de Deus, mas Deus passa a lutar contra ele:

“(...) Mas se não derdes ouvidos à voz do Senhor, mas antes fordes rebelde ao dito do Senhor, a mão do Senhor será contra vós (...).” (I Samuel 12:15)

A história dos dois primeiros reis de Israel, Saul e Davi, é outro exemplo de perda e ganho do favor divino. Saul fora rejeitado por Deus por ter insistido na sua rebeldia e desobediência por duas vezes:

“Porquanto tu rejeitaste a Palavra do Senhor, Ele também te rejeitou para que não seja rei.” (I Samuel 15:22-23)

O rei Davi também cometeu *dois* pecados, a saber: um adultério e um homicídio. Porém, após ter se arrependido profundamente, Deus o perdoou e o abençoou.

Mas o coração de Saul, no entanto, era rebelde, havia nele remorso e não genuíno arrependimento. A prova disso é que Saul continuou no pecado, pois mais tarde procurou uma feiticeira, mesmo sabendo que isso era contra o mandamento de Deus — ao passo que Davi não continuou no pecado. A Bíblia diz:

“O que encobre suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia.” (Provérbios 28:13)

Davi, a exemplo de Abel, considerava as coisas espirituais, pois teve oportunidade de matar Saul por duas vezes e não o fez por considerar “Saul, o ungido do Senhor”. Mas, Saul tentou matar Davi várias vezes, porém o Senhor não permitiu e guardava Davi por onde quer que fosse.

Não se devem associar as bênçãos de Deus aos erros dos seus servos e sim à misericórdia alcançada. O Senhor sondara o coração de Davi e viu um arrependimento sincero, e o perdoou antes mesmo que Davi pedisse perdão. Deus nos conhece antes mesmo de termos nascido, pois o Senhor sonda não só o futuro, mas também o nosso interior. Baseado nessa presciência é que só então nos predestina no sentido de escolher um destino bom para nós. Cabe a nós aceitarmos esse destino ou não. No ensino do Senhor Jesus sobre isso, tudo fica bem esclarecido⁴.

Observe também estes versículos:

“Antes que Eu te formasse no ventre, Eu te conheci; e antes que nascesse te santifiquei (...).” (Jeremias 1:5)

“E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do espírito [...] porque o que dantes conheceu, também os predestinou para serem conforme a imagem de seu Filho.” (Romanos 8:27-30)

Como já dissemos, a previsão de Deus não é causativa, nós escolhemos o nosso destino. Enquanto estivermos em Cristo, estamos destinados à vida; fora de Cristo não temos nenhuma garantia de vitória. O que significa dizer que mesmo tendo um bom destino para nós como povo de Deus, individualmente eu posso alterar a minha primeira escolha e meu destino durante a trajetória. Imagine que a eleição de Deus é um barco cheio de pessoas salvas, onde Cristo é o capitão, e esse barco segue rumo ao Céu, isto é, possui um destino predeterminado. Enquanto os passageiros estiverem no barco com o seu capitão eles estão predestinados a chegarem ao destino final; mas durante a viagem qualquer um que fora chamado para viajar pode pular do barco

• • • •

se assim desejar e “morrer afogado nas águas da vida”, enquanto que muitos podem entrar no barco durante o percurso. No livro do profeta Ezequiel 33:12 podemos ver claramente essa verdade:

“(...) Não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho e viva [...] Quanto à impiedade do ímpio não cairá por ela no dia em que se converter da sua impiedade, nem o justo pela sua justiça poderá viver no dia em que pecar. Quando Eu disser ao justo que certamente viverá, e ele confiando na sua justiça praticar iniquidade, não virão em memória todas as suas justiças, mas na sua iniquidade que pratica, ele morrerá. Quando Eu também disser ao ímpio: certamente morrerás; se ele se converter do seu pecado e fizer juízo e justiça [...] então certamente viverá [...] Desviando-se o justo da sua justiça e praticando iniquidade, morrerá nela. E convertendo-se o ímpio da sua impiedade e fazendo juízo e justiça, ele viverá por isso (...)”.

Os filisteus são outro exemplo. Eles foram acometidos por terríveis pragas por terem levado para sua terra a arca da aliança sagrada dos israelitas, mas receberam alívio quando reconheceram seu pecado e glorificaram a Deus.

Já Herodes, governador da Galileia, foi ferido pelo anjo do Senhor, e morreu na mesma hora por não ter glorificado a Deus quando fora aclamado pelo povo ⁵.

Do mesmo modo, o rei Nabucodonosor cometera um terrível pecado: levou para Babilônia os utensílios sagrados do templo em Jerusalém, e os profanou colocando-os na casa do seu deus Dagon, pelo que lhe sobreveio uma loucura que durou sete anos. Contudo, Deus sondara o seu coração, e o poupou restabelecendo-lhe o juízo; não obstante o rei passou a *bendizer e a glorificar*

• • • •

5 . Veja Atos 12:21-23.

o nome Santo do Senhor Deus; e, mais tarde, Deus se refere a Nabucodonosor chamando-lhe de “meu servo”.

Mas, o sucessor de Nabucodonosor, o rei Belsazar cometeu *o mesmo* pecado, a saber: profanou os vasos sagrados — pelo que Deus o rejeitou. E quando Belsazar recebeu a notícia do profeta Daniel sobre a reprovação divina e o fim do seu reino, ele *não se humilhou* como fez o seu pai. Naquela mesma noite, porém, Belsazar foi assassinado pelos seus próprios oficiais. Dando fim ao império babilônico.

Por que o rei Nabucodonosor, depois que profanou os vasos sagrados teve sete anos de tolerância para se arrepender? E porque seu sucessor o rei Belsazar morreu na mesma noite, sendo que ambos cometeram o mesmo pecado? Ora, não foi o pecado da profanação em si que o condenara, por mais terrível que possa parecer, e sim a disposição do coração para o mal, e a indiferença à advertência divina, aquilo que você é conta mais do que aquilo que você fez; isso sim é pesado na balança da Justiça.⁶

Incredulidade ou blasfêmia?

Jesus deu uma advertência terrível aos seus seguidores, porque um deles o indicaria aos homens que o queriam prender, num ato desnecessário de traição:

“Em verdade o Filho do homem vai, como acerca dele está escrito, mas ai daquele por quem o Filho do homem é traído. Melhor seria para este homem se não tivesse nascido.”
(Mateus 26:24)

• • • •

Mas àqueles que o fizeram sofrer dores atrozes e o pregaram numa cruz com terríveis cravos nas mãos e nos pés, Jesus intercedeu por eles pedindo ao Pai:

*“(...) Pai perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem (...)”
(Lucas 23:34)*

Judas tinha visto Cristo operar grandes sinais e maravilhas, convivia com Ele; Judas sabia perfeitamente o que estava fazendo. Mas aqueles que crucificaram Jesus, pelo contrário, não sabiam o que estavam fazendo, apenas estavam cumprindo ordens e fazendo o seu trabalho de sempre.

Outro caso que podemos ilustrar é a tragédia de Ananias e Safira. Eles cometeram o mesmo pecado: mentiram para o Espírito Santo, Ananias morreu assim que Pedro terminou de dar a notícia da reprovação divina, porém Safira sua mulher, por alguma razão, teve *uma oportunidade* de se redimir, porém não aproveitou:

“(...) Disse então Pedro: Ananias porque permitiu satanás encher teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a não ficava para ti, e vendida não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentistes aos homens, mas a Deus. E Ananias ouvindo estas palavras caiu e expirou. E um grande temor veio sobre todos os que isto ouviram. E levantando-se os jovens cobriram o morto, e transportando-o para fora o sepultaram. E passando um espaço quase de três horas entrou também sua mulher, não sabendo o que havia acontecido. E disse-lhe Pedro: dize-me, vendeste por tanto aquela herdade? E ela disse: sim, por tanto. Então Pedro lhe disse: por que é que entre vós vos concertastes para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e também levarão a

ti. E logo caiu aos seus pés, e expirou. E entrando os moços acharam-na morta, e a sepultaram junto de seu marido. E houve um grande temor em toda a igreja e em todos os que ouviram essas coisas (...).” (Atos 5:3-11)

Será que existia algo no coração de Safira que poderia atrair a graça de Deus para si? Quando Pedro fez a pergunta: “vendeste por tanto?”, era uma oportunidade de Safira se arrepender e falar a verdade, porém, ela confirmou a mentira dizendo: “sim, por tanto”. E perdeu sua vida.

A história está repleta de exemplos de aprovação e reprovação divina quanto à Justiça da graça. Por fim, o que há de mais sério sobre esse assunto se resume no que Jesus disse aos fariseus, por eles insistirem em rejeitar a graça divina:

“(...) Na verdade vos digo que todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, e toda sorte de blasfêmias com que blasfemarem; qualquer, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo nunca obterá perdão, mas será réu de eterno juízo.” (Marcos 3:28-29)

Nos dias atuais há relatos de pessoas que não levaram a vida a sério. Divinamente avisados que estavam recebendo a última oportunidade para se reconciliarem com Deus e, no entanto, trancaram o coração, e depois de alguns dias pereceram inexplicavelmente. Coincidência? Destino? Ou será algo mais profundo e complexo? A Bíblia diz:

“Não se engane, Deus não deixa que ninguém zombe dele, pois tudo que o homem semear, isso também ceifará.” (Gálatas 6:7)

No livro de Hebreus existe uma terrível advertência contra um coração que pratica a iniquidade deliberada:

“Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do século futuro; e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento; pois assim quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus. E o expõe ao vitupério. Porque a terra que embebe a chuva, que muitas vezes cai sobre ela, e produz erva proveitosa para aqueles por quem é lavrada, recebe a bênção de Deus; mas a que produz espinhos e abrolhos é reprovada, e perto está da maldição; e o seu fim é ser queimada (...).” (Hebreus 6:4-8)

Como esse assunto é de suma importância, o escritor sagrado continua exortando os discípulos do Senhor:

“(...) Não deixando nossa congregação como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia. Porque se pecarmos voluntariamente depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifícios pelos pecados, mas uma certa expectativa horrível de juízo e ardor de fogo que há de devorar os adversários. Quebrando alguém a lei de Moisés, morre sem misericórdia só pela palavra de duas ou três testemunhas. De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue da aliança com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da Graça?” (Hebreus 10:25-29)

Mas, para os que levam a vida a sério, no mesmo livro está escrito:

“(...) Mas de vós ó amados esperamos coisas melhores, e coisas que acompanham a Salvação, ainda que assim falamos.

Porque Deus não é injusto para se esquecer da vossa obra, e do trabalho do amor que para com o seu Nome mostrastes enquanto servistes aos santos, e ainda servis; mas desejamos que cada um de vós mostre o mesmo cuidado até o fim, para completa certeza da esperança, para que vos não façais negligentes, mas sejais imitadores dos que pela fé e paciência herdaram as promessas (...).” (Hebreus 6:8-12)

Não adianta pensar: “Já que é assim, eu não vou nem entrar nos caminhos do Senhor”. Pois como já vimos todos estão envolvidos na questão do conflito universal e, além disso, o próprio Deus limpa sua eira:

“Os meus olhos procurarão os fiéis da Terra, para que estejam comigo; o que anda num caminho reto, esse me servirá. O que usa de engano não ficará dentro da minha casa, o que profere mentiras não estará firme perante os meus olhos. Pela manhã destruirei todos os ímpios da Terra, para desarraigar da cidade do Senhor todos os que praticam a iniquidade.” (Salmos 101:6-8)

Quando alguém pensa em rejeitar a graça, na verdade é ele que está sendo rejeitado por causa da sua iniquidade; alguns podem perder a graça de Deus, mas são eles mesmos que se privam dela.

Por essa mesma razão é que existe uma total e completa frieza espiritual na vida de alguém que resiste ao Espírito Santo. Ora, é o Espírito Santo que leva a pessoa ao arrependimento, e a ter fé em Deus. Mas, uma vez sendo ultrajado, Ele se retira da pessoa e se afasta. A pessoa então fica impossibilitada de crer ou de se arrepender, por conta de sua psicopatia desenvolvida por rejeitar a graça de Deus; não adianta mais ela ouvir a Palavra de Deus ou que alguém a repreenda, pois não há mais ninguém que a convença do pecado. Para ela, o desejo de buscar a Deus não existirá mais; segue-se então, a cauterização da consciência e, como já foi

dito, o Senhor não somente torna-se inimigo de tal pessoa, mas passa a lutar contra ela.

Mas quando alguém acha que blasfemou contra o Espírito Santo, e fica preocupada e desesperada, quase em pânico, achando ter perdido sua salvação, então ela pode ficar tranquila, pois o fato de tal pessoa se preocupar indica que Deus está operando no seu interior; o temor de ter blasfemado é sinal que a pessoa não blasfemou. Sua consciência está desperta e sensível à repreensão. O maior indicativo perceptível de alguém que possivelmente blasfemou é o total esfriamento espiritual de uma mente cauterizada e insensível. Se você temia isso pode ficar tranquilo, o seu temor mostra que você não tem sintoma de psicopatia desobediente e sim temor do Senhor; caso contrário você não estaria nem lendo este livro, porque ele fala de Deus.

“Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus? E se o justo apenas se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?” (I Pedro 4:17-18)

A graça divina não é autorização para pecar; a passagem da carta de Paulo aos romanos que diz: “Onde abundou o pecado superabundou a Graça”, refere-se ao poder de Deus que é maior para eliminar o pecado do que o poder do mesmo para subsistir. O próprio apóstolo Paulo elimina qualquer possível mal-entendido:

“Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado para que a Graça abunde? De modo nenhum. Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? [...] Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com Ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que

também com Ele viveremos [...] assim também considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal para lhe obedecerdes em suas concupiscências [...] porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da Graça (...).” (Romanos 6:1-14)

Certa ocasião Pedro questionou:

“(...) Senhor até quantas vezes pecará meu irmão contra mim e eu lhe perdooarei? Até sete? Jesus lhe disse: não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete.” (Mateus 18:21-22)

Deus está sempre disposto a perdoar os homens, mas são eles próprios que destroem essa oportunidade.

A presença do Espírito de Deus no mundo restringe a ação destrutiva do mal, como uma espécie de cobertura de proteção. Quando, porém, os rebeldes insistem deliberadamente em insultar a Deus e ultrapassam os limites da clemência divina, essa proteção é retirada. A escolha de Deus, portanto, não é aleatória. Jesus disse:

“Aquele que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora.” (João 6:37)

Nosso objetivo neste capítulo é alertar nossos leitores que não se deve brincar com a graça de Deus; porque há pessoas que pensam que a graça lhes dá o direito de “pecar e mais tarde alcançar perdão”. Acontece que Deus manifesta sua graça conforme a sinceridade do coração do homem; essa história de “se desviar de Deus e voltar” repetidas vezes, ou “quando eu ficar mais velho voltarei” é algo muito perigoso; pois esse pensamento — como vimos no Capítulo 2 — age premeditadamente no subconsciente,

como uma “verdade particular” que não existe, portanto, um coração obstinado e rebelde pode ser muito perigoso; por isso Lúcifer perdera definitivamente o seu lugar no Céu. Em hipótese alguma devemos brincar com coisas que não compreendemos no mundo espiritual.

A graça de Deus é o maior mistério da obra da redenção. Por que para alguns é concedida apenas uma única oportunidade? Por que para outros são concedidas duas oportunidades? E por que para outros são concedidas várias oportunidades? O que pode estar envolvido numa sentença como a de Caim, Judas e Safira? E o que dizer dos anjos rebeldes que não tiveram perdão? Talvez o grau de insulto deva contar, como no caso da blasfêmia dos fariseus? Ou quem sabe um coração teimoso e impenitente como o de Saul? O que leva Deus a olhar para um homem e lhe estender a mão de sua graça? O que dizer dos homens que receberam grandes misericórdias como Moisés, Jacó, Davi, Nabucodonosor e outros? O que diferenciava esses homens, visto que cometeram pecados semelhantes aos de outros homens?

Isso é um enigma para nós mortais. Só temos uma certeza: Jesus veio salvar todos que desejam ser salvos. Porém cabe a cada um levar a sério a oportunidade que Deus lhe dá, não sendo negligente e nem desprezando a graça de Deus. De tudo que podemos depreender desse mistério procuramos extrair da vida dos personagens bíblicos analisando o seu interior; pois diante da graça não é tanto o pecado em si que conta, mas sim o que somos por dentro. Deus em sua soberania e majestade concede sua graça e clemência conforme a aprovação e segundo o conselho de sua vontade, os quais descansam sobre as bases da justiça e da misericórdia.

“(...) Se Deus não perdoou os anjos que pecaram, mas havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão ficando reservados para o juízo; e não perdoou o mundo antigo, mas guardou a Noé, pregoeiro da Justiça,

com mais sete pessoas ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios; e condenou a subversão às cidades de Sodoma e Gógorra reduzindo-as à cinza e pondo-as para exemplo aos que vivessem impiamente; e livrou o justo Ló enfadado da vida dissoluta dos homens abomináveis [...] Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para o dia do juízo (...).” (II Pedro 2:4-9)

A lei do espírito

Nós somos aquilo que queremos ser. As circunstâncias externas só nos influenciam se nós permitirmos. As inclinações para o mal, ou tendências carnis são perfeitamente controláveis, isto é, podemos dominá-las. Nem todos os jovens que vivem em favelas na periferia se tornarão marginais; assim como nem todos que nascem em “berços de ouro” serão pessoas honestas. O caráter é formado a partir do homem interior em interatividade com o bem ou o mal; e isso é passível de decisão. O homem então, uma vez *escolhendo* o bem, ainda que tenha inclinações para o mal, é alcançado pela graça divina, e então acontece um milagre maravilhoso: o renascimento espiritual. Quando o homem interage com Deus, ele interiormente é transformado em uma nova criatura, ou seja, o Espírito Santo o santifica e lhe concede existência espiritual; assim, o homem natural regenerado do pecado nasce de novo e não somente supera o mal, mas tem poder para vencê-lo definitivamente.

“(...) E Jesus respondeu e disse: na verdade na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus (...).” (João 3:3)

O apóstolo Paulo viveu o dilema de lutar contra o mal que existia dentro dele, mas quando ele descobriu que isso agia como

uma lei passou a buscar em Cristo a libertação que o poder do Espírito Santo proporciona quando o homem interage com Deus:

“(...) Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço. Ora se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim. Acho então esta lei em mim: que quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque segundo o homem interior tenho prazer na Lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou, quem me livrará do corpo desta morte?” (Romanos 7:18-24)

Uma lei só pode ser vencida por outra lei mais forte do que ela. Também, um poder só pode ser vencido por outro poder mais forte do que ele. Um avião, por exemplo, só consegue voar porque a lei da gravidade é vencida pela lei da aerodinâmica. Assim, a inclinação para o mal, que age como uma força muito poderosa é vencida pela lei do Espírito Santo no homem interior:

“(...) Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito; porque a Lei do Espírito de Vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte...” (Romanos 8:1-2)







CAPÍTULO V

O JUSTIFICADOR PERFEITO

(A justificação pela fé)

“(...) Sendo, pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo (...)” (Romanos 5:1).

A questão da justiça tem intrigado o homem desde a antiguidade. Uma vez que Deus é justo, por que Ele permite que a injustiça prolifere? Por que Deus não intervém para evitar as calamidades no mundo? Por que esse Deus tão poderoso e bondoso permite o sofrimento humano com um silêncio perturbador? Será que a humanidade é um projeto falido e esquecido pelo seu Criador?

Aparentemente o poder de Deus está retido diante do sofrimento dos mortais. Assim, para que possamos desvendar esse enigma, o qual trará sentido e um conforto para nossa alma neste mundo, convidamos o leitor para adentrarmos um pouco mais fundo no conhecimento sobre a obra da redenção, a fim de compreender a justiça divina.

As duas linhagens

“E tornou Adão a conhecer a sua mulher; e ela deu à luz um filho, e chamou o seu nome Seth; porque disse ela: Deus me deu outro filho em lugar de Abel; porquanto Caim o matou. E a Seth também nasceu um filho; e chamou o seu nome

Enos; então se começou a invocar o nome do Senhor.” (Gênesis 4:25-26)

Todos os seres humanos foram encerrados debaixo da condenação do pecado. As gerações que se seguiram após a queda sabiam dos terríveis acontecimentos, nem tudo era perfeito agora, pelo que começaram a “invocar o nome do Senhor”, numa vivência piedosa e cheia de temor que era passada de pai para filho, de modo que todos sentiam que careciam de salvação.

Todavia, os humanos se multiplicaram sobre a Terra e foram esquecendo gradativamente do conhecimento sobre Deus. Assim, seguindo sempre duas características distintas: uma inclinada para o bem, e a outra para o mal, a “árvore do conhecimento do bem e do mal” gerava tanto “frutos bons quanto maus”. Neste mundo “o joio cresce junto com o trigo”¹. É claro que nem todos os descendentes de Seth possuíam inclinação para o bem, assim como não podemos afirmar que todos os descendentes de Caim nasceram com tendências malignas. Mas, seguindo uma classificação moral entre pessoas piedosas e ímpias, podemos considerar uma linhagem dos “filhos do bem” e uma linhagem dos “filhos do mal”.

Os “filhos do bem” eram aqueles que “*invocavam o nome do Senhor*”. Tais pessoas possuíam discernimento espiritual. Eles não encontravam satisfação nas coisas que o mundo oferecia, nem razão numa vivência passageira, vazia e sem sentido. Para esse grupo de homens e mulheres tementes a Deus, as realizações humanas só traziam felicidade temporária; pois sem um relacionamento com Deus a vida não teria nenhum propósito, significado ou importância; não haveria nenhuma esperança além de breves anos aqui na Terra. Não obstante, Deus sempre se revelava e fazia alianças com eles! Esses humanos possuíam fé na Palavra

• • • •

do Senhor, pelo que Deus os separava para uma *obra justificadora*. Quase sempre esse legado piedoso era transferido aos seus descendentes.

Entre esses filhos do bem antediluvianos, herdeiros da justificação pela fé, que não se enveredaram pelo materialismo, mas foram declarados justificados pela Justiça de Deus no vindouro messias, Enoque sem dúvida alguma, se destacou em sua época:

“(...) Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte, e não foi achado, porque Deus o trasladara; visto como antes da sua transladação alcançou testemunho de que agradara a Deus. Ora sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que recompensa os que o buscam (...).” (Hebreus 11:5-6)

Deus em sua soberania arrebatara Enoque para Si, por uma única razão: sua fé em seu Criador. Podemos traduzir a fé como a fidelidade àquilo que Deus diz, ou certeza da existência do mundo espiritual. Este ato de adoração é descrito nas Escrituras Sagradas como: “o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem” (Hebreus 11:1).

Embora todos estejam encerrados debaixo da mesma condenação, a principal condição para se alcançar a clemência divina é a fé. A “recompensa dos que buscam a Deus”, isto é, a justificação para o perdão e consecutivamente sua salvação se manifesta pelo testemunho de fé dos filhos do bem.

Os “filhos da desobediência” por sua vez começaram a edificar cidades e a formar impérios terrenos. Pouco se importavam com as coisas espirituais, andavam segundo a natureza caída e não segundo o espírito; o coração deles encheu-se de violência e idolatria; se entregaram a um sentimento pervertido e a um enganoso conceito de liberdade que mais e mais os prendia na mortalidade; não conheciam o propósito da vida. Quando a vida

perde o sentido, perdemos a paz de espírito; passamos então a desperdiçar nosso tempo e recursos em coisas temporárias. O dispêndio de esforços e energias em coisas terrenas resulta em fadiga, estresse e insatisfação espiritual.

“(...) Porquanto tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu; dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a Glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves e de quadrúpedes e de répteis. Por isso também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; pois mudaram a Verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém.” (Romanos 1:21-25)

A arca da justiça pela fé

“E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a Terra e que toda a imaginação de seu coração era continuamente má [...] E disse o Senhor: destruirei o homem que criei de sobre a face da Terra [...] Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor (...).” (Gênesis 6:5-8)

Da descendência de Seth, Noé viveu numa época violenta, corrupta e decadente. Quando os filhos do bem começaram a se contaminar com o pecado e se esquecerem de Deus. Num mundo onde os justos se extinguíam e os injustos proliferavam. A vida de Noé fora um exemplo de fé, fidelidade, e perseverança, o último de uma linhagem separada de filhos de Deus que não se conformaram com o mundo; atalaia dos juízos que se aproximavam, em seu ministério foi exemplo vivo da *justiça que vem pela fé*, num dos momentos decisivos na história da redenção:

“(...) Pela fé Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam temeu, e para salvação da sua família preparou a arca, pela qual condenou o mundo, e foi feito herdeiro da justiça que é segundo a fé (...).” (Hebreus 11:7)

O testemunho de Noé como herdeiro da justiça pela fé foi fundamental como evangelizador, numa época brutal, assustadora e perigosa. A colossal construção que Deus lhe confiara, era uma solene advertência de uma iminente catástrofe que se aproximava, mas representava principalmente um chamado ao arrependimento, além de uma oportunidade para o perdão justificador em Cristo. Eram os últimos dias do mundo de então, um tipo do “fim do mundo”. E assim como nos dias de hoje a mensagem da salvação pela fé representa uma oportunidade de vida eterna e outra vez um chamado ao arrependimento e à conversão, assim também foi nos dias de Noé; pois a construção da arca durou várias décadas para ficar pronta, exigindo paciência, perseverança e fé por parte do patriarca; tempo suficiente para as pessoas questionarem: “Por que aquele homem estava construindo um navio durante tanto tempo?” O que é que estava acontecendo? Mas pelo contrário zombavam dele. Então, após um longo período de graça e penosa evangelização de Noé e sua família, sobreveio o dilúvio sobre a Terra, e pereceram todos que não entraram na arca. Mas Noé fora justificado e salvo por causa da sua fé.

“Os juízos universais são sempre um ato para o recomeço, para a reconstrução, e para a retomada do projeto original de Deus.”²²

“(...) Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do Céu, mas unicamente meu Pai. E como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Por-

• • • •

2 . Pentateuco. Samuel Suana, IBAD.

quanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio, e os levou a todos, assim também será a vinda do Filho do Homem (...).” (Mateus 24:36-39)

A verdadeira justiça

O conceito humano de justiça está muito aquém da realidade celestial. Os princípios eternos de justiça exigem total prestação de conta ou justificação de todas as quebras de leis espirituais que regem o Universo.

Todos os seres racionais devem estar em concordância com essas leis. Tais leis visam: à ordem, ao direito, à igualdade, ao bem comum, ao equilíbrio, à paz, à vida e à liberdade da totalidade das criaturas; isso para que possa haver harmonia, felicidade e amor perpétuo. A quebra dessas leis espirituais gera o mal, a dor e a morte.

Justiça significa: dar a cada um o que lhe convém, o que é seu por direito. É o poder de julgar segundo o direito, *punindo* conforme o mal cometido ou *recompensando* segundo o bem praticado. É a lei da sementeira e da colheita: Tudo o que o indivíduo plantar isso colherá.

Essa justiça está intrinsecamente ligada à vida, à verdade e ao amor, numa complexa e harmoniosa unidade; é impossível separá-las. Desse modo, para qualquer ser racional ter comunhão com a fonte da vida precisa necessariamente amar, se firmar na verdade e cumprir as leis da justiça, ou seja, ser justo.

A morte é a consequência natural da transgressão da lei da vida. Deus como autor e fonte da vida é o único que pode dar a vida eterna ao homem. Ele sustém todo o Universo com o seu poder.

“(...) Tudo o que vive olha para Ele com esperança, e Ele dá alimento a todos no tempo certo, Ele abre a mão e, com a sua boa vontade, satisfaz a todos os seres vivos. Justo é o Senhor em todos os seus caminhos e Santo em todas as suas obras. Perto está o Senhor de todos os que o invocam em verdade (...).” (Salmos 145:15-18)

A justiça universal é rigorosa na aplicação da lei, do direito e da recompensa, e a sentença dessa justiça é irrevogável, tanto para punir como para recompensar. Nessa exposição sobre a justificação pela fé não nos referimos à justiça humana com suas falhas. Estamos tratando da perfeita justiça universal de Deus, da lei que rege os Céus e a Terra, para que possamos compreender o mistério da redenção da Criação.

A Lei da Vida uma vez quebrada, a punição deve ser executada, não pode ser revogada; ninguém poderia se religar a Deus por meios próprios, a sentença não podia ser cancelada. Para que houvesse justiça o homem tinha que morrer. Mesmo a lei de Moisés não era uma exceção, pois os sacrifícios para o perdão na verdade apenas “cobriam” os pecados do povo para serem executados no futuro em Cristo. Tanto a lei moral universal como a lei mosaica nunca foram observadas na sua totalidade, não por serem inadequadas como alguns tentam afirmar, mas por causa da falta de temor e da indiferença do próprio coração dos seres caídos, falo tanto de anjos caídos como de homens caídos.

“Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido.” (Mateus 5:18)

Assim como muitos seres celestiais escaparam desse terrível engano satânico que é a injustiça com todas suas facetas, e por terem amado a Justiça de Deus, muitos humanos alcançarão também o supremo dom que essa mesma justiça produz: uma

vida sem fim. Todo o mal que a injustiça, ou pecado, produziu no Universo causou uma terrível desarmonia das leis universais de Deus; todavia, o amor, a igualdade e a justiça hão de prevalecer eternamente, e o mal será extirpado para sempre.

O processo da justificação

Mas que justiça é essa? Que mistério envolve ser salvo por exercer fé no Filho de Deus? Que poder é esse capaz de livrar alguém de uma sentença de morte lavrada pelo poderoso e infalível tribunal divino? Como Deus poderia livrar o homem culpado e condenado sem contrariar sua santa e infalível lei? Como satisfazer o clamor da justiça e ao mesmo tempo favorecer um réu condenado?

A transgressão do homem não poderia ficar impune sem afetar a lei; o plano divino da salvação do homem deveria então equilibrar a poderosa balança e ao mesmo tempo satisfazer a exigência da justiça para poder resgatar a Criação. O grandioso plano consiste em usar um complexo recurso contido na própria lei o qual se denomina: *justiça imputada por resgate de substituição*. Mas o que vem a ser isso?

Primeiramente, devemos considerar que o homem deliberadamente desligou-se do seu Criador, fonte da imortalidade, transgredindo a lei universal que mantém a vida e o equilíbrio do Universo. É preciso o reconhecimento por parte do homem de que ele é um pecador perdido, fadado ao extermínio e que precisa de socorro.

Como já afirmamos, a justiça requer total satisfação sobre todo o mal e o bem que é cometido no Universo, para que possa punir ou recompensar respectivamente os seus agentes. Assim, a morte é a punição justa para o injusto, e a vida a recompensa devida ao justo.

*“Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor.”
(Romanos 6:23)*

Os obstáculos do processo

Dentro do plano de salvação alguns obstáculos precisavam ser vencidos. Primeiramente deveria “ser encontrado” um redentor voluntário que se entregasse em sacrifício representando a natureza humana condenada.

Esse redentor ou redentor substituto não poderia ter pecado, teria que ser alguém justo para que o processo de troca tivesse validade, porque senão estaria pagando por seus próprios pecados, não teria nenhuma justiça para imputar em alguém. Mas não havia ninguém na Terra que tivesse condições de efetuar o plano e substituir quem quer que fosse para remissão de pecados: estavam todos perdidos.

“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.” (Romanos 3:23)

“Nenhum deles, de modo algum, pode remir a seu irmão ou dar a Deus o resgate dele, pois a redenção da sua alma é caríssima e seus recursos se esgotariam antes, por isso não viverá para sempre ou deixará de ver a corrupção...” (Salmos 49:7-9)

Como “todos pecaram”, todos deveriam morrer. As Escrituras afirmam que “não há nenhum justo sequer sobre a Terra”, ninguém inocente, todos são pecadores e, portanto, incapazes para remir um ao outro. Qual então seria a solução?

Outro obstáculo é que não seria aceito que o remidor fosse de outra natureza. Se o condenado à morte é um homem, somente outro homem seria aceito como resgate, porque segundo a lei “o valor de uma vida é outra vida”.

“Mas, se houver morte, então darás vida por vida.” (Êxodo 21:23)

Um anjo não seria aceito, pois um anjo não é carne é um ser espiritual, pois foi a natureza humana carnal condenada e não a natureza espiritual. Os anjos celestiais não são pecadores, contudo, não são humanos, possuem outra natureza. Além disso, ninguém estava disposto a pagar o preço aceito: a morte. E, além do mais, não haveria amor suficiente no coração dos anjos e nem dos homens para morrerem por outros.

Então Cristo já decidido desde a eternidade e com um profundo amor no coração se ofereceu como Redentor!

“Por isto o Pai me Ama, porque dou a minha Vida para tornar a tomá-la. Ninguém tira de Mim, mas Eu de Mim mesmo a dou; tenho poder para dá-la, e poder para tornar a tomá-la.” (João 10:17-18)

Essa era a única solução para justificar o homem, e salvá-lo da extinção eterna — mesmo este não merecendo. Mas havia ainda outro problema: Cristo não poderia ser o Redentor enquanto estivesse na sua forma original, porque Cristo é espírito e não pode morrer! Pois estava na forma de Deus! Para Ele ser um remidor legítimo teve que se esvaziar de si mesmo e desfazer-se de toda sua glória, para se transformar em um homem! Toda a natureza humana carnal estava sentenciada à morte, assim, ao se tornar carne Cristo estava se submetendo à morte. Oh! Que coisa linda, meu Deus! Ah! Que amor glorioso de nosso Senhor...

“(...) Que sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos Céus e na Terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para a Glória de Deus Pai (...).” (Filipenses 2:6-11)

A validação do processo

O remidor que fosse justo, isto é, sem pecado, e que fosse humano foi encontrado. Agora era necessário que a troca tivesse validade legal diante da justiça.

O processo de imputar ou atribuir justiça ou injustiça a alguém, onde a inocência de um voluntário é transferida para um réu condenado, e a transgressão do culpado é transferida para o voluntário; ou seja, é feita uma troca de posição entre um condenado e um inocente, além de ter o testemunho da lei e dos profetas, foi também praticado e confirmado pelos homens:

“(...) Qual desses dois quereis vós que eu solte? E eles disseram: Barrabás. Disse-lhes Pilatos: Que farei, então de Jesus chamado Cristo? E todos disseram: seja crucificado (...).” (Mateus 27:21-22)

A justificação de Deus não somente remove a culpa do pecador para que Deus possa ressuscitá-lo, mas o torna puro como se nunca tivesse cometido nenhuma transgressão; o sangue de Cristo possui esse poder.

“(...) Verdadeiramente Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a Paz estava sobre Ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos [...] porquanto foi cortado da Terra dos viventes; pela transgressão do meu povo foi Ele atingido [...] porquanto nunca fez injustiça, nem houve engano na sua boca [...] quando a sua alma se puser por expiação do pecado verá a sua posteridade [...] O trabalho da sua alma Ele verá, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos; porque a iniquidade deles levará sobre si [...] porquanto derramou a sua alma na morte, e foi contado com os transgressores; mas Ele levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercede.” (Isaías 53:4-12)

As fases do processo

O plano já estava quase todo formado. Já tinha o remidor e já havia legalidade sobre a troca. Só falta agora entender as fases aplicadas no processo.

Começaremos com a seguinte pergunta: se a substituição é de um para um, conforme a lei, como Cristo poderia justificar toda a humanidade?

Para que possamos compreender devemos ter em mente a definição de justiça já mencionada, a saber: a *punição* para o injusto, sendo a primeira fase; e a *recompensa* para o justo, como a segunda fase.

A primeira providencia da Sabedoria era então, considerar dois corpos: um para a primeira fase e o outro para a segunda fase; punição e recompensa respectivamente.

Ora, a morte foi transferida a todos que se unissem a Adão no pecado, formando um corpo com ele. Todos os descendentes do “cabeça” da raça humana foram colocados debaixo da mesma sentença, formando um corpo de pecado e dele prisioneiro. Todos os descendentes de Adão já nasceriam participantes de sua condenação.

“Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus.” (Romanos 3:19)

A morte não é um condicionamento causativo, mas porque todos pecaram, então, Deus sabiamente estendeu o plano a todos na forma de uma sentença universal. Deus não causou a condenação, mas a aproveitou para executar a primeira fase do plano: a punição.

“Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia.” (Romanos 11:32)

Assim, também, a vida seria transferida a todos que se unissem a Jesus por sua justiça, pois Ele é a cabeça da humanidade que seria resgatada; a justiça para a vida seria imputada a todos que se unissem a Jesus na sua morte e ressurreição em forma de corpo: as duas humanidades seguiriam paralelas e distintas uma da outra, os sentenciados e os remidos que entrariam na segunda fase do plano: a recompensa.

Os cabeças transmitiriam a morte ou a vida aos que se unissem a seus corpos, isto é, fossem seus corpos respectivamente. A posição de Adão de cabeça ou primogênito da humanidade formou um corpo com todos os seres humanos que se uniram a ele no pecado transferindo-lhes a morte. Assim, de maneira

justa, seria válida a formação e a união de um corpo com uma cabeça que fosse santa, transferindo santificação e vida a todo o corpo. Para que essa transferência da graça para a vida fosse validada e estendida a todos, era necessário encerrar todos debaixo da condenação do pecado e da morte. Se o pecado matou todos em Adão, a graça vivifica todos em Cristo. Eis a função da lei: trazer uma legalidade proporcional e inversa para que a graça divina possa operar livre e amplamente.

“(...) Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram [...] se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a Graça de Deus e o dom pela Graça que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para a condenação, assim também por um só ato de justiça veio a Graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque como pela desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um, muitos serão feitos justos [...] onde o pecado abundou superabundou a Graça; para que assim como o pecado reinou na morte, também a Graça reinasse pela justiça para a vida eterna por Jesus Cristo nosso Senhor (...)” (Romanos 5:12-21)

Assim, para que a recompensa da justiça seja imputada a nós torna-se indispensável a nossa união com Cristo. De certa forma as duas naturezas se fundem, então, Cristo se torna uma unidade com o homem, a luz e as trevas se confundem por um momento.

“Nem ainda as trevas me escondem de ti: mas a noite resplandece como o dia; as trevas e a luz são para ti a mesma coisa.” (Salmos 139:12)

Então, quando o Anjo da Justiça, digamos assim, “percebe” que existe algo errado, que alguém morreu injustamente, cabe a ele fazer algo inédito na história da redenção: uma separação e uma união ao mesmo tempo. A separação da carne do espírito, o humano do divino, o terreno do celestial. E a união da cabeça ao corpo, dos filhos ao Pai, do Pastor ao seu rebanho.

Nesse instante o remidor deixa o corpo de Adão e o pecado morre com ele, um corpo corruptível de carne de pecado e sobe com um corpo glorificado em espírito. Jesus não se uniu ao pecado do homem (transgressão da lei) e sim à sua natureza humana, absorvendo em seu corpo sua condenação.

A nossa velha natureza adquirida em Adão deve ser desfeita em Cristo pela sua morte, para que alcancemos a ressurreição dentre os mortos. Porque como todos foram encerrados debaixo do pecado e morte, isto é, a morte passou a ter direito em todos os injustos, assim também, Cristo passa a ter direito de propriedade sobre todos os justos, ou justificados por Ele, encerrando-os debaixo de sua graça. Todos foram condenados à morte antes de nascer para que todos possam ter vida depois que morrer. Como Jesus que foi “morto desde a fundação do mundo”³.

O grande plano consiste em destruir o pecado em sua sede de origem: o corpo. Por isso Deus transformou o mal que os humanos contraíram em benefício para eles mesmos; dando-lhes uma chance de usar a morte inevitável como um trampolim para a virtude da vida.

“Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado.” (Romanos 6:6)

• • • •

3 . Leia Apocalipse 13:8.

No princípio o conhecimento do mal fora vedado por Deus para proteger sua Criação, mas, como as próprias criaturas se sujeitaram como prisioneiros, Deus permitiu que o mal se alastrasse e se tornasse excessivamente maligno sobre a Terra, para no final libertá-la e salvá-la com todo o poder de sua graça.

“Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, Na esperança de que, também, a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto, até agora. E não só ela, mas, nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo.” (Romanos 8:20-23)

Para que os anjos não caídos, ou seja, os que ficaram no Céu com Deus, não ficassem sujeitos à vaidade, mas fossem “libertos” de possíveis ideias corrompidas semeadas por Lúcifer, a justificação pela fé atribuída pela graça de Deus ao mundo, por Cristo deve neutralizar todo o mal que o pecado causou no Universo. Porque mesmo os anjos caídos sendo expulsos do Céu, as questões não tinham sido resolvidas totalmente. A vaidade como uma síndrome maldita, que é uma forma de orgulho ou uma espécie de endeusamento do “eu” interior que é — como já foi visto — extremamente prejudicial para toda a Criação deve ser extirpada para sempre. O poder restaurador da justiça imputada é crucial para proteger toda a Criação de futuros possíveis questionamentos quanto à primazia das leis universais do Reino de Deus. Os remidos de Deus agora libertos do pecado e livres de tempo e espaço estão aptos para glorificar e honrar seu Criador.

A última fase do processo

Mas se os condenados adquiriram o direito à vida eterna por meio da morte de Cristo pela substituição, Cristo não deveria permanecer na morte, no lugar dos condenados? Não. Ora, se

Deus resgatou todo aquele que a justificação inocentou, isto é, tornou puro, como Cristo poderia permanecer morto se Ele nunca pecou? Ele é puro de natureza; podemos assim dizer que Jesus homem ficou incluído na primeira fase do processo, cumprindo a lei da punição no lugar da humanidade, e que Cristo como Espírito vivificante na segunda e última fase do processo de justificação: *a recompensa da ressurreição*. Uma vez que a exigência da justiça estava satisfeita na fase inicial, a saber: “*a fase de punição*” (tudo estava consumado). Agora Jesus podia ser incluído na fase de “*recompensa*” do justo: a ressurreição para a vida eterna! Ninguém pode ficar na sepultura se estiver sem pendências para com a justiça; isso pode ser atribuído para qualquer um que esteja unido ao último Adão: Cristo. A ressurreição do remidor se dá por força da própria justiça que conforme o conceito de “*recompensa do bem praticado*” jamais permitiria que um justo permanecesse na morte. A própria justiça se encarrega de ressuscitar o remidor juntamente com o seu corpo que são todos que estiverem ligados ao cabeça e que dele se “alimentassem”:

“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo. Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como nos pode dar este a sua carne a comer? Jesus, pois, lhes disse: Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a minha carne, e bebe o meu sangue, permanece em mim, e eu nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu; não é o caso dos vossos pais, que comeram o

maná e morreram: quem comer este pão viverá para sempre.” (João 6:51-58)

A balança da justiça visa ao equilíbrio de direitos, por isso não impede que haja uma imputação de benefícios, desde que se tenha sofrido anteriormente um injusto malefício. E Deus usou esse recurso num plano extremamente complexo em favor de sua amada Criação; Cristo seria morto injustamente para que quando a justiça fosse acionada para lhe dar a recompensa da vida, ele pudesse trazer consigo todos que se unissem ao seu corpo, ou melhor, que fossem justificados por serem membros do seu corpo, o corpo da cabeça que é o Senhor Jesus Cristo o nosso Redentor!

“Porque o amor de Cristo nos constrange, julgando nós assim: que, se um morreu por todos, logo todos morreram; Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.” (II Coríntios 5:14)

O processo do plano de salvação segue rigorosamente o conceito de justiça apresentado anteriormente, a saber: dar a cada um aquilo que lhe convém, o que é seu por direito, *punindo* conforme o mal cometido, ou *recompensando* segundo o bem praticado. Tanto a imputação de *punição* quanto a imputação da *recompensa* devem estar no mesmo processo para que o mesmo tenha validade, porque quando Jesus voltar para buscar o seu corpo, a Igreja, o processo será encerrado. A porta da graça vai se fechar, não porque Deus deixe de ser misericordioso, o que Ele sempre será, mas, por conta do encerramento definitivo do processo da justificação.

Esse processo, contudo, é dividido em duas etapas principais, a saber: a punição na etapa inicial e a recompensa na etapa definitiva. Como meio de acionar a recompensa da justiça a favor de Cristo, um mal deveria ser sofrido indevidamente primeiro: sua

morte na cruz. Embora a punição da humanidade fosse devidamente justa, seria transformada em punição indevida, em Cristo, aos que fossem feitos parte de seu corpo: a Igreja.

O processo da justificação deveria se estender a toda a humanidade, bastando somente, pela fé, se unir a Cristo na sua morte, ou mergulhar na morte com Ele, representada pelo batismo em águas; se olharmos pela perspectiva da justificação não existe morte para os remidos! Morrer passou a ser uma opção pessoal — quando rejeitamos o Senhor — e não uma imposição da justiça. A justiça já colocou sua espada na bainha e está em paz novamente com todo o Universo.

“Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo. Pelo qual, também, temos entrada, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes, e nos glorificamos na esperança da glória de Deus.” (Romanos 5:1-2)

Como todo o mal que entrou no mundo foi neutralizado pela obra da justiça de Cristo, todo pecado e morte passaram a ser aparentes ou um resultado apenas da impenitência e ignorância dos homens; quando você descer à sepultura, você tem que descer como sendo parte do corpo de Cristo, senão no dia da ressurreição não será reconhecido pela justiça. Não adianta colocar uma cruz em cima da sua sepultura para “registrar” diante do anjo da ressurreição sua participação na morte de Cristo, o que vale é se você realmente é identificado como membro de seu corpo, pois tudo está assinalado no livro da vida.

O Reino de Deus já impera de modo invisível, e em breve dominará toda a Terra. Quando o Senhor Jesus começou a pregar, o primeiro anúncio dele é que a Terra já estava sendo ligada novamente ao Céu:

“Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos Céus.” (Mateus 4:17)

Assim, a visão verdadeira da Terra passa a ser de glória como outrora, ainda que invisível temporariamente aos olhos humanos:

“E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos: toda a terra está cheia da sua glória.” (Isaías 6:3)

“Porque a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar.” (Habacuque 2:14)

Veja que algo espantoso aconteceu quando Jesus aniquilou o pecado e a morte na cruz: o grosso “véu” no templo que restringia o acesso a Deus, porquanto o pecado fazia separação entre Deus e o homem, agora não existe mais, foi rasgado por uma mão invisível. Simultaneamente muitos mortos servos do Senhor que jaziam na sepultura ressuscitaram demonstrando o poder do Santo Evangelho: a perfeita obra da justiça de Cristo.

“E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras. E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, foram ressuscitados; E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos.” (Mateus 27:52)

Agora, com o extermínio do pecado e da morte podemos cantar felizes o hino da vitória:

“Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” (I Coríntios 15:55)

“Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas

segundo o espírito. Porque, a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne. Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito.” (Romanos 8:1-4)

Quem está morto está justificado do pecado, porém para ressurgir teria que estar sem pendências para com a justiça. Somente Cristo estava em condições de ressurreição. Por isso é necessário que o condenado arrependido seja atraído por esse amor para também ressurgir no dia final.

*“E Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim.”
(João 12:32)*

Observe que nessa fase definitiva também se segue o princípio da substituição. É por isso que quando João Batista percebeu que tinha algo invertido se opôs ao batismo de Jesus dizendo: “(...) Eu é que careço ser batizado por Ti, e vens Tu a mim? (...)”. Como Jesus sabia que estava em “*estado de substituição*” isto é, estava no lugar do homem, representando-o para cumprir a justificação, respondeu:

“(...) Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a Justiça (...)” (Mateus 3:14-15)

E o apóstolo Paulo, conhecedor desse mistério, exclama extasiado:

“E sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade; aquele que se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos povos, crido no mundo, e recebido acima na Glória.” (I Timóteo 3:16)

Assim, a sepultura não poderia contê-lo, pois para a lei a morte gerada pelo pecado do mundo fora desfeita pondo um ponto final em tudo. Só morrerá o corpo físico para que todo o mal seja desfeito juntamente com o velho homem. O plano divino consiste em aproveitar a morte que o homem adquiriu transformando-a em benefício.

“(...) Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejas de outro: Daquele que ressuscitou de entre os mortos a fim de que demos fruto para Deus (...)” (Romanos 7:4)

Esta última fase do processo da justificação redentora a qual se iniciou com Cristo será concluída definitivamente com a sua volta, quando o Espírito Santo levantar das sepulturas todos os remidos! A ressurreição para a vida eterna somente será alcançada por aqueles que foram justificados, isto é, os que morreram em Cristo, aceitaram seu senhorio, e creram em sua palavra. Portanto, a justificação é o “nada consta” que Deus precisava para salvar o homem.

A origem da fé justificadora

Para que o homem seja justificado é necessário primeiramente que ele creia em Cristo, isto é, exerça fé na Palavra de Deus. Embora a fé para a salvação seja repartida a todos como direito adquirido pela justiça de Cristo, o homem pode rejeitá-la por conta de seu livre-arbítrio.

Quando alguém sente o desejo de ir a Deus é por que Deus já o chamou primeiro; quando o homem se permite ser atraído pela voz divina a fé é plantada dentro dele; todavia quando não há uma interação, ou uma resposta positiva por parte do homem, sua cota de fé fica retida; ele fica sem capacidade de crer. Ninguém pode ter fé e buscar a Deus sem que antes Deus tenha colocado este desejo no íntimo da alma. Mas o Espírito Eterno precisa dessa resposta humana para fluir livremente causando a fé.

A fome por Deus tem origem em Deus. A fé é o efeito do agir de Deus em favor do homem. Isso tudo é um processo delicado, complexo e quase imperceptível; quando Deus opera o impulso de o buscarmos deve haver uma concordância de nossa parte, pois cabe ao homem aceitar ou não essa atração divina que causa o despertar da fé no seu interior.

Quando a pessoa não tem humildade, se acha autossuficiente, é irreverente e sem temor de Deus, então Deus não lhe concede fé. Por enquanto, tal pessoa deverá ser tratada por Deus primeiro.

O que significa a fé justificadora?

Então como posso ter fé? Aliás, o que é fé? A Bíblia diz:

“A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem.” (Hebreus 11:1)

No princípio, os humanos viviam das riquezas de um profundo conhecimento de Deus, e de um íntimo relacionamento com Ele; esperavam por Ele todas as tardes e tinham a “prova de sua existência”, podemos assim dizer que eles possuíam fé, isto é, a fé era inerente à sua natureza. Mas, depois do pecado, a humanidade ficara obscurecida e sem visão, portanto, sem fé. Porém Deus enviou desde o tempo de Adão e Eva e durante toda história humana as *boas notícias*, ou Evangelho da sua salvação, em favor de todos os que cressem.

Essas boas-novas consistem na seguinte mensagem: todos que quiserem podem ter a vida eterna pela fé em Jesus Cristo! Isto de fato não é uma boa notícia? Esta é a mensagem vinda do Céu diretamente do trono de Deus. É a mensagem que traz um profundo e verdadeiro sentido a esta vida. Cristo trouxe o Reino de Deus à Terra. Fazendo com que o projeto original de Deus se cumprisse completamente. Ter fé é retornar ao estado original de

relacionamento com Deus. É ter fidelidade e confiança naquilo que Deus diz.

O Evangelho é a força propulsora da fé, que por sua vez gera a justificação. Em outras palavras, isso funciona assim: alguém ouve a mensagem do Evangelho da Salvação em Cristo, e, enquanto ouve, o Espírito de Deus age no profundo do coração e da alma do ouvinte procurando convencê-lo do pecado, da justiça e do juízo. Se a pessoa for humilde e tiver o coração aberto e receptivo para a verdade, então o amor de Deus lhe invade a alma e a fé inunda seu ser, fazendo com que a pessoa creia na mensagem, e sinta um profundo arrependimento e busque para si a misericórdia divina. Então nesse momento acontece o milagre: a justiça é imputada. Seus pecados são perdoados e apagados pelo sacrifício de Cristo na cruz, satisfazendo assim o clamor da justiça.

“Orei pedindo fé, e pensei que um dia ela cairia e me atingiria como um raio. Mas parecia que a fé não vinha. Um dia li no capítulo dez de romanos que a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus. Tinha fechado a minha Bíblia e orara pedindo fé. Mas então abri a Bíblia e comecei a estudá-la, desde então a minha fé vem sempre aumentando.” (D. L. Moody)⁴

As realidades do mundo exterior, como imagens, sons, odores, são captadas pelos nossos sentidos e transferidas para nosso cérebro, onde as decodificamos e as consideramos como verdade incontestável; então passamos a interagir de acordo com o que sentimos ou percebemos. Por exemplo: se passasse um carro vermelho por nós numa estrada, e depois de algum tempo alguém chegasse e dissesse que aquele carro era branco, então você iria contestar e afirmar que era vermelho. Mesmo que a pessoa teimasse dizendo que o carro era branco sabemos com toda a certeza que aquele carro era vermelho, mesmo não vendo mais o carro, isso é a fé natural.

• • • •

Ora, as coisas espirituais, que não podem ser vistas com os olhos físicos, também são captadas, não pelos sentidos físicos, mas pela nossa consciência em interatividade com o Espírito de Cristo. Quando a Palavra de Deus encontra receptividade por parte do homem, então o milagre acontece: o Espírito Eterno coloca certeza no coração do homem com relação ao que Deus fala. A partir de então, ninguém o convence do contrário, ainda que custe sua própria vida. Para tal homem, Deus é tão real quanto ele próprio, e Sua Palavra será sempre viva e infalível, isso é a fé sobrenatural.

É claro que todo esse complexo método de justificação é pautado no amor de Deus, caso contrário não existiria. Assim como nos dias atuais, no Antigo Testamento todos os homens e mulheres de Deus foram justificados pela fé que de Deus receberam, pois foram sensíveis ao seu amoroso chamado, e de todo obedientes à sua voz:

“(...) Pela fé Abraão sendo chamado obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu sem saber para onde ia. Pela fé habitou na Terra da promessa, como em Terra alheia, morando em cabanas com Isaque e Jacó, herdeiro com ele da mesma promessa. Porque esperava a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus [...] Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na Terra. Porque os que isto dizem, claramente mostram que buscam uma Pátria (...).” (Hebreus 11:8-14)

Abraão creu, e isto lhe “foi imputado por justiça”, isto é, foi justificado porque teve amorosa fé nas promessas divinas.

O causador da desgraça mundial

Portanto, dizer que Deus não existe, ou pôr nele a culpa pelas dores dos mortais demonstra ignorância a respeito da verdade, e total falta de fé. Vimos que por ter o homem abraçado o pecado e ter empurrado Deus para fora de sua vida, de seu coração e de seu mundo, satanás tornou-se o atual governante deste planeta:

“(...) E o diabo mostrou-lhe todos os reinos do mundo. E disse-lhe: dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim foi entregue e dou a quem quero (...).” (Lucas 4:6)

As Escrituras nos dão as seguintes informações sobre este arqui-inimigo: *“(...) o diabo desceu a vós e tem grande ira (...)”, “encheu-se o teu interior de violência e pecaste (...)”*. Será que esse caráter irado do atual governante do mundo não mostra o que realmente está por trás de tanta violência? Será que a causa de toda desgraça mundial não é resultado da fúria de seu temporário governante contra os que habitam na Terra?

“(...) Ai dos que habitam na terra e no mar, porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo.” (Apocalipse 12:12)

O Senhor entregara a autoridade do mundo para o homem, mas este por sua vez entregou para satanás quando concordou com ele em pecar. O homem entregou o mundo nas mãos de satanás quando aderiu ao pecado e como um tolo se associou ao diabo. Portanto, o causador de toda desgraça humana é satanás que introduziu o pecado no mundo com a participação dos seres humanos.

Cortando o mal pela raiz

Mas a participação do homem no pecado trouxe quais consequências? E, como já foi questionado, por que Deus aparentemente se omite?

Ora, se Deus interferisse na “casa do inimigo”, livrando os homens das doenças e morte, daria a impressão que o pecado não trás nenhuma consequência terrível, o que induziria todos os seres celestiais a perder o temor e a caírem no pecado também, causando um prejuízo ainda maior em toda a Criação; a maldição do pecado que acometera a Terra como uma epidemia contaminaria todo o Universo. Toda a Criação estaria comprometida. Além disso, se Deus interferisse no curso deste mundo, isto é, no destino que este mundo escolheu para si, impedindo suas catástrofes e violência, estaria sendo injusto intrometendo-se na escolha que o próprio homem tomou, privando-o do *direito do livre-arbítrio*, quebrando, assim, leis morais e espirituais, além de direitos de propriedades (legalidades), adquiridos pelo reino das trevas que impera no mundo.

Portanto, é necessário que o pecado mostre toda sua verdadeira natureza destrutiva e maligna durante algum tempo.

A lei de Deus que rege o Universo com justiça mostra a gravidade do problema do pecado, e a importância da obra redentora para que o homem não passe uma eternidade de escuridão espiritual, tristeza e dor, num corpo corrupto, obscurecido e manchado pela rebelde desobediência, num mundo corrompido e cheio de violência...

Deus sofre sim com as dores da humanidade, Ele olha dos Céus horrorizado e se admira que muitos ainda rejeitem o seu amor, e seu plano de salvação por meio do sacrifício de seu Filho. Os homens preferem cair na cova do pecado e da morte:

“(...) Houve alguma nação que trocasse os seus deuses, posto não serem deuses? Todavia, o meu povo trocou a sua glória pelo que é de nenhum proveito. Espantai-vos disto ó Céus, e horrorizai-vos! Ficai verdadeiramente desolados, diz o Senhor. Porque o meu povo fez duas maldades: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas que não retêm águas (...).” (Jeremias 2:11-13)

Creemos que pareceria injusto Deus agir no mundo e no coração dos homens sem que estes o permitam. Para resgatar o amor e a comunhão com o mundo é que Cristo foi crucificado: nossa é a culpa de seu sofrimento no calvário. Deus operou toda justiça necessária à nossa salvação pela morte de seu Filho, utilizando o único recurso que restava para salvar o homem: a justiça imputada por meio da fé. O pecado iniciado por parte dos anjos e depois por todos os homens quase arruinou toda a Criação. Quão terrível é o pecado que causou um grande sofrimento ao próprio Deus, entristecendo o seu coração por ver a desgraça da humanidade, levando-o a executar um plano que culminaria com a morte de seu próprio Filho.

Deus providenciara uma solução definitiva para o problema do pecado. Deus precisava de um *processo legítimo* para resgatar tudo o que fora perdido.

Para que Deus pudesse agir, e salvar o mundo, o pecado teria que ser eliminado primeiro. Essa base para salvar e ter direito de atuar, “driblando” as legalidades que o mal adquiriu, somente se torna possível pela justificação pela fé em Cristo.

A Criação precisa ser recriada, em Cristo, para que tudo volte ao normal, isto é, ao seu estado original. Não adiantaria fazer remendos. Enquanto o homem estiver neste corpo, e neste mundo contaminado pelo mal voltará a sofrer sua influência. Pesa no coração de Deus ver tanta violência; mas, intervir da maneira que queremos ou que nos agrada somente aumentaria o dano causado pelo pecado, o mundo seria muito pior, pois nossos métodos são imperfeitos e limitados. Se Adão permanecesse no jardim comendo da árvore da vida, passaria a eternidade num corpo corrompido e cheio de dores, mas Deus tencionava salvá-lo no futuro. O juízo do dilúvio erradicara temporariamente o mal, porém ele ressurgira por que sua raiz ainda permanecia na carne. Lázaro fora ressuscitado por Cristo, mas morreu novamente. Por quê? Ora, Lázaro ainda estava no mesmo corpo e no mesmo mundo.

Mas tanto o dilúvio quanto a ressurreição de Lázaro serviram de exemplo para nos ensinar que fazer “remendos” não resolve o problema; e serviram também para nos mostrar um vislumbre de uma grande obra que Deus realizará quando nos der um novo corpo, uma mente renovada e nos levar para o seu Novo Mundo.

Como a perfeita lei do amor seria rejeitada em um mundo imerso no mal, como de fato o foi quando Jesus veio a Terra, a ideia então, era permitir o mal se autodestruir. Para homens naturais com suas mentes limitadas e entorpecidas por um mundo corrompido, a ação de Deus não é percebida. Mas para os que receberam de Deus a fé e a visão da verdade, o Senhor está trabalhando sim para resolver o problema que nós criamos quando resolvemos transgredir suas leis.

Portanto, a solução definitiva é o fim de todo o atual sistema de coisas; a começar com o arrebatamento daqueles que amam o Senhor Jesus e aguardam a sua vinda. Deus está formando um povo, separando aqueles que farão parte do seu Novo Mundo. Então, só assim, veremos a vitória final contra todo o mal e morte que o pecado causou na humanidade. O que vemos agora são apenas fragmentos da Criação original que fora dilacerada pelo pecado. Deus só age neste mundo quando encontra permissão por parte do homem para aliviar suas dores.

Nós queremos um alívio imediato do sofrimento. Deus possui uma solução definitiva. Deus opera numa velocidade diferente da que gostaríamos, mas é necessário que as afirmações tanto do bem como do mal passem pelo teste do tempo para que todos vejam suas validades. O Oleiro quer “fazer um vaso novo”,⁵ não apenas remendá-lo, quer não apenas curar este corpo contaminado pelo mal e condenado à morte, mas quer de maneira definitiva nos dar um corpo transformado semelhante ao seu próprio corpo glorioso:

• • • •

5 . Leia *Jeremias 18:1-6*.

“(...) Eis que vos digo um mistério: na verdade nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados (...).” (I Coríntios 15:51-52)

Se Deus agisse como nós queremos e desejamos comprometeria todo esse complexo plano de redenção. Nós focamos as circunstâncias imediatas porque somos seres humanos mortais. Deus visualiza o todo pela ótica da eternidade. Deve ser destruída a raiz do problema que é o pecado, não basta remediar. Ainda que Deus curasse todas as nossas enfermidades e de nossos entes queridos, e ressuscitasse a todos em caso de morte, não adiantaria nem resolveria o problema, voltaríamos a adoecer e a morrer. A questão é mais profunda e complexa do que podemos imaginar; tudo opera em um mundo invisível aos olhos exteriores. Não podemos medir a profundidade do abismo em que atiramos o nosso mundo quando nós — a raça humana — enveredamos por um caminho sem Deus.

Mas os olhos do Espírito Eterno do Todo-Poderoso que sonda até o infinito das profundezas de Deus sabe qual é a solução para a questão em pauta. E como um bisturi, o eterno plano da justificação pela fé resolverá o problema do pecado e destruirá toda a dor e morte para sempre. O projeto redentor que aponta para o futuro traz um consolo para o coração do mundo e uma firme esperança no único que pode resolver o problema. Um futuro promissor nos aguarda. Lá não há espaço para a dor, a vida então será um eterno prazer.

Dessa maneira, podemos ver “benção no morrer”, e ser consolados pelas nossas perdas, pela virtude da esperança do renascimento futuro.

Agora temos que tomar uma decisão quanto à fé, e só temos duas alternativas: ignorá-la ou aceitá-la. Se formos tão insensatos e materialistas que a ignoremos, com esse ato estaremos jogando fora todo o plano de salvação e todo o sentido desta vida; nesse caso, nossa vida seria vazia, sem razão nem esperança; ou seríamos facilmente enganados pelas armadilhas do intelecto humano, como as filosofias, além de estar decretando a nossa própria morte.

Mas, se formos sábios e humildes, a aceitarmos como uma dádiva do Céu, fruto de um amor transcendental e incompreensível, então estaremos no caminho certo por meio do qual alcançaremos a vida eterna!

Agora você entende porque os cristãos do passado não negaram a fé em Cristo? Mesmo quando estavam nas arenas de Roma enfrentando os leões ou a fogueira da Inquisição? Para os servos de Deus do passado, a fé fora mais importante que suas próprias vidas, pois os justificava e lhes dava o direito de serem filhos de Deus. Deus pagou o mais alto preço por nossa redenção; ele entregou o seu filho: o nosso justificador perfeito.

“E vi um novo Céu e uma nova Terra, porque já o primeiro Céu e a primeira Terra passaram [...] eis o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará e eles serão o seu povo e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima e não haverá mais morte, nem pranto nem clamor nem dor porque já as primeiras coisas são passadas.” (Apocalipse 21:1-4)





CAPÍTULO VI

A ETERNA OBRA REVELADA **(O mistério da transcendência)**

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.” (João 1:1)

Quando o Senhor Deus pronunciou o amém sobre seus pensamentos, sua onipotência imediatamente entrou em ação, então, tudo passou a existir. Todo o poder criador é a expressão de sua vontade originada pela sua Palavra. “Ele falou e tudo se fez.”

“Pela Palavra do Senhor foram feitos os céus e todos os seus exércitos pelo Espírito de sua boca (...).” (Salmos 33:6)

O poder da voz de Deus no mundo é uma realidade incontestável. Toda a obra da Criação desde o princípio segue uma lei originada na palavra inicial pronunciada por Deus. As leis que regem a natureza são o resultado da ordem proferida por Deus para que tudo assim se estabelecesse no Universo físico: Quando Ele disse: “haja luz”, daí em diante a luz nunca deixou de existir, os dias e as noites seguem ininterruptamente.

Quando os humanos transgrediram a lei do Senhor receberam uma sentença para os seus corpos físicos dando início à lei da morte: “(...) do pó viestes e ao pó retornarás”. Então, essa ordem passou a reinar no mundo como uma espécie de força

invencível, ainda que as células se renovem, elas se enfraquecem e envelhecem a cada dia.

Assim, podemos concluir que tudo que Deus fala se transforma em lei; existe uma seriedade em tudo que ele diz e faz. Na constituição humana podemos também ver esse mesmo princípio. Nós, seres humanos, possuímos um profundo desejo de comunhão com o divino, com o sobrenatural, com o transcendental; isso nada mais é que a influência da voz de Deus agindo em nossa estrutura. Quando Deus disse: *“façamos o homem conforme a nossa imagem e semelhança”*, certas características do Criador ficaram inegavelmente inseridas na alma do homem.

Uma destas características básicas é a interatividade. Interagir faz parte da natureza de Deus, ou seja, Deus comunica seus pensamentos e espera uma resposta, ou seja, interage com os seres que Ele criou. Ora Deus anela por comunhão com sua Criação e essa característica se reflete na estrutura espiritual do ser humano como uma lei. Quando essa ânsia da alma do homem de comunicar-se com o divino não é satisfeita, por conta, é claro, do rompimento com o Criador, buscamos sempre algo que possa substituir essa necessidade espiritual e preencher o vazio interior causado pela comunicação interrompida.

Quando o povo de Israel impacientemente viu que Moises se demorava em voltar do monte com a Palavra de Deus, eles criaram para si um bezerro de ouro para adorar, não tiveram paciência de esperar nem discernimento espiritual para direcionar a sua ânsia por adoração para o verdadeiro Deus. Eles foram levados pela idolatria que basicamente é substituir Deus por outros seres ou coisas.

Eis aí a razão da existência de tantas credices e rituais em busca do desconhecido e de deuses produzidos pela mente humana no desespero inconsciente por adoração. Até mesmo a ideia daqueles que rejeitam a existência de Deus, não passa de

uma tentativa intelectual em negar algo que perturba a sua alma, no esforço de aliviar seus mais íntimos desejos.

“A ardente expectativa da Criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a Criação está sujeita à vaidade [...] na esperança que a própria Criação seja redimida do cativeiro da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus.”
(Romanos 8:19-21)

O cativeiro da corrupção do pecado que tem obscurecido e sujeitado a criação tem tornado os homens cada vez mais insensíveis à voz de Deus, todavia ele continua clamando e chamando os filhos dos homens ao arrependimento. Essa voz pode até ser rejeitada, ou negada por alguns, mas ela estará sempre latente e presente na consciência do mundo:

“(...) Não clama, porventura, a Sabedoria? E a inteligência não faz ouvir sua voz? No cume das alturas, junto ao caminho [...] à entrada das portas está clamando; a vós ó homens, clamo; a minha voz se dirige aos filhos dos homens (...).” (Provérbios 8:1-4)

A Bíblia Sagrada nos revela que aquele anseio — muitas vezes inconsciente — por algo transcendental está encerrado no espírito do homem. Sempre o homem buscou o retorno ao jardim. Será que nossa aspiração por felicidade não é a interrompida comunicação de nossa alma com uma realidade superior? Por que será que apreciamos tanto a beleza e o sobrenatural? Porventura isso não é um vislumbre de nossa consciência da gloriosa beleza divina num Universo que vive e respira? Será que a busca por euforia e alegria não é uma vaga lembrança de um conhecimento soterrado por nossa limitação terrena? O que pode estar por trás de nossos íntimos desejos por prazeres, poderes e riquezas — que

são sentimentos legítimos — senão a noção adormecida de uma dimensão de infinitas possibilidades?

Em seu livro *À procura de Deus*, diz A.W. Tozer:

“Essa voz universal sempre soou e perturbou os homens, mesmo quando não eram capazes de compreender a origem de seus temores. Quem sabe se essa voz, derramando-se gota a gota no coração dos homens, não é a causa oculta da consciência perturbada e do anseio pela imortalidade, confessados por milhões de pessoas, desde o início da história? [...], Cada um de nós já experimentou sensações impossíveis de serem explicadas: um súbito senso de solidão, ou um sentimento de admiração e espanto em face da vastidão do Universo. Ou como que recebendo um raio de luz de um outro sol, tivemos uma revelação momentânea de que pertencemos a um outro mundo, e que nossa origem se explica em Deus.”

Deus sempre falou e fala por diversos meios, até no silêncio ele fala. Em Apocalipse, no capítulo oito, lemos que “fez-se silêncio no céu por quase meia hora”. Entretanto esse “silêncio” era um indicativo que começaria a se desenrolar algo grandioso à frente, como a chamada de atenção para os acontecimentos que se seguiriam; logo vemos que houve uma preparação para serem tocadas as sete trombetas.

“Mas o Senhor está no seu santo templo: cale-se diante dele toda a Terra.” (Habacuque 2:20)

No período interbíblico em que Deus não se manifestou através de profetas por cerca de quatrocentos anos, isto era nada menos do que o prenúncio do maior acontecimento da história da humanidade: o nascimento de Jesus Cristo o salvador do mundo.

Quando Jó não obtinha respostas para o seu sofrimento e reclamava do silêncio perturbador de seu Criador era o momento em que Deus estava sendo glorificado pela paciência e humildade de seu servo diante de inimigos espirituais numa dimensão desconhecida.

Toda a história bíblica demonstra que Deus quer se relacionar com os homens, e sempre procurou ter uma comunhão íntima com eles. Estes, por sua vez, lutam inconscientemente para satisfazer o impulso que inquieta sua alma por um contato com Deus. A fim de satisfazer tal inquietação ou anseio, Deus procurou formar uma “família na Terra”, para que pudesse se relacionar, “e habitar no meio deles”. Essa comunidade teocrática e multicultural criada pelo próprio Deus chama-se Igreja. A relação coletiva desse povo com seu Criador é simbolizada nas Escrituras por uma noiva; essa estratégia divina para relacionar-se com o homem é amplamente difundida e revelada no livro do Apocalipse; como veremos adiante.

Não é o objetivo deste livro dogmatizar uma interpretação do livro do Apocalipse, em vista da vasta literatura existente sobre o assunto. Contudo, para que o leitor possa assimilar as obras de Cristo com o verdadeiro sentido da vida abordaremos os assuntos mais diretamente relacionados à vida sobretemporal do Filho de Deus com o propósito de nossa existência neste mundo. Em razão disso, nem sempre seguiremos a mesma sequência de textos e capítulos do livro do Apocalipse, apenas o tomaremos poeticamente.

Com relação à vida humana de Jesus Cristo e sobre seu ministério terreno, não tencionamos nos estender por enquanto em um tratado biográfico; pelo fato de se tratar de uma obra à parte que seria muito extensa, e, é claro, muito especial. Dedicamos neste livro a abordar suas obras multidimensionais e sobretemporais, desde quando Ele atuava na eternidade passada como Palavra criadora em suas obras antes da fundação do mundo, em outra dimensão, e depois de sua ascensão e glorificação, em obras

que se estenderão indefinidamente na eternidade futura em seu ministério celestial.

A glorificação transcendental de Cristo

Jesus Cristo é o grande autor da Criação, a Palavra personificada de Deus, o herói divino vencedor de todas as batalhas que envolveram o eterno Reino de Deus. Ele é o nosso Redentor, o Salvador de nosso mundo perdido, ou seja, daqueles que o amam e creem nele; é, como já foi dito, atuante desde os tempos eternos. Veio ao mundo como o Cordeiro de Deus, para salvar o homem da morte eterna!

O Senhor quando esteve aqui cumpriu completa e satisfatoriamente a sua missão, isto é, seu ministério terreno: curou enfermos, ressuscitou mortos, andou sobre as águas, ordenou aos ventos, se trasladou, se transfigurou, se desmaterializou, multiplicou pães e peixes, e, principalmente, pregou o amor, a verdade, a paz e a vida eterna, satisfazendo a ânsia da alma do mundo por uma resposta definitiva sobre o sentido da vida.

E depois que cumpriu sua missão aqui na Terra, ascendeu aos Céus e assentou-se à destra do Pai no Santuário Celestial até concluir todo o plano de redenção e restauração de todas as coisas. Agora, no tempo do fim, como tudo “está consumado”, todo o mistério da transcendência universal vem à tona, sendo revelado pelo próprio Deus.

“Porque nele habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade.” (Colossenses 2:9)

A “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer”, nos faz contemplar um grandioso espetáculo celestial; desde fatos ocorridos em tempos remotos lá no Céu; como o conflito

entre os seres celestiais, como vimos no Capítulo 2, até assuntos relacionados com a história final da humanidade, e finalmente avança no futuro vislumbrando as “núpcias” eternas do Senhor Jesus Cristo e sua noiva: a Igreja.

“(...) Eu fui arrebatado em espírito no Dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta que dizia: Eu Sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o derradeiro; o que vê escreve-o num livro, e envia-o às sete Igrejas [...]. E virei-me para ver quem falava comigo. E virando-me vi sete castiçais de ouro; e no meio dos sete castiçais um semelhante ao Filho do Homem, vestido até os pés de uma roupa comprida, e cingido pelo peito com um cinto de ouro. E sua cabeça e cabelos eram brancos como a lã branca, como a neve, e os seus olhos como chama de fogo; e os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e a sua voz como voz de muitas águas. E Ele tinha na sua destra sete estrelas; e da sua boca saía uma aguda espada de dois fios; e o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece. E eu quando vi caí a seus pés como morto.” (Apocalipse 1:10-17)

A visão que Deus deu ao apóstolo João, e por este a toda a Igreja mostra o desfecho final da obra divina da redenção. Apocalipse literalmente significa revelação: algo que estava oculto torna-se conhecido. E a primeira revelação que Deus faz é sobre si mesmo; Deus quer se fazer conhecido e quer ter comunhão com o homem; e em Cristo, seu Filho Unigênito, Ele se revela de maneira especial, como a corporificação de toda a divindade.

A Escritura Sagrada é a revelação escrita sobre sua pessoa e seu relacionamento com o homem; o tema principal de sua Palavra é Ele mesmo, interagindo com sua Criação como uma lei. Assim, a primeira pessoa que João vê em sua visão é o Senhor Jesus glorificado, isto é, reinando novamente de posse daquela glória eterna que Ele tinha deixado por amor aos seres humanos que Ele criou.

João agora o vê, não como um pobre carpinteiro, frágil, maltratado; coroado com uma coroa de espinhos, zombado e levado a uma cruz como um cordeirinho mudo e humilhado. Mas agora o apóstolo o vê como o grande vencedor, como o Filho do Deus Altíssimo, rei de toda glória, cheio de honra, poder e majestade: Cristo glorificado.

Na oração sacerdotal, o Senhor Jesus Cristo se refere a esta glória que Ele deixara no Céu:

“Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho Glorifique a Ti, assim como lhe conferiste autoridade sobre toda carne, a fim de que Ele conceda a Vida Eterna a todos que lhe deste. E a Vida Eterna é esta: que conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu te glorifiquei na Terra, consumando a Obra que me confiaste para fazer, e agora glorifica-me ó Pai contigo, com aquela Glória que Eu tive junto de Ti, antes que houvesse Mundo.” (João 17:1-5)

A glorificação é o transcendental retorno de Jesus ao seu estado original, como o Cristo de Deus, a Palavra da sabedoria personificada do Todo-Poderoso. No seu Reino eterno, seu “quartel-general”, de onde Ele conclui sua obra de redenção, seu ministério celeste, desde quando Ele ascendeu aos Céus, sendo recebido acima nas alturas como o Rei dos reis e Senhor dos senhores:

O zelo do noivo

O livro do Apocalipse revela coisas maravilhosas e espantosas a respeito do Reino dos Céus que talvez passem despercebidos pelos olhos da religião, como veremos a seguir:

“(...) Ele pôs sobre mim sua mão dizendo-me: não temas; Eu sou o primeiro e o último; e o que vive; fui morto, Mas eis que estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno. Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer. O mistério das sete estrelas que vistes na minha mão, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete Igrejas, e os sete castiçais que vistes são as sete Igrejas (...).” (Apocalipse 1:17-20)

A revelação acima mostra não um Deus velado pela distância infinita e separado pela cortina da eternidade. Mas mostra um ser próximo, que passeia no meio de seu povo, sua Igreja amada e que diz: “não temas, estarei convosco todos os dias, vocês estão seguros em minhas mãos”. O apóstolo vê Cristo glorificado segurando em suas mãos a sua Igreja, cuidando dela. Na verdade, o Espírito do Deus Eterno está mais próximo do que podemos imaginar. Ele está não só do nosso lado, mas dentro de nós. Seu desejo é habitar não somente conosco, mas em nós. No mais íntimo de nosso ser fala um Deus amigo, Pai e companheiro. Sua voz ecoa como uma lei por entre as cancelas de nossa alma, sempre clamando aos homens por comunhão, para mostrar-lhes sua Salvação:

“(...) o Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo Senhor do Céu e da Terra, não habita em templos feito por mãos humanas. Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois Ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração, e todas as coisas [...] Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos (...).” (Atos 17:24-8)

Deus anseia amar e ser amado por sua Criação, e declara no Apocalipse, sem reservas, esse sentimento divino. Todavia, para que esse amor seja correspondido, o poder deve ser restringido. Fica claro que o amor é algo que não pode ser conquistado pelo

poder, e sim pela entrega afetiva. O poder só atrapalharia o processo dessa conquista. Somente fazendo-se fraco e vivendo uma vida simples no meio do povo é que um grande rei descobre o verdadeiro sentimento de seus súditos para com Ele. O poder não pode comprar o amor.

“Não é por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor (...).” (Zacarias 4:6)

Deus gosta de dialogar com suas criaturas, aprecia um bom relacionamento com os seres humanos, quer ter comunhão com eles, quer salvá-los, e Ele pagou o mais alto preço por isso.

Embora Deus deva ser temido e respeitado pelo seu poderio, glória e majestade, Ele quer também ser amado pela sua sensibilidade, pela sua mansidão, por sua humildade, por sua semelhança com outros seres.

Um dos maiores desafios da obra redentora é tornar alguém semelhante a Cristo, porque toda vez que alguém percebe que possui algum poder, logo quer ser adorado, logo quer tomar o lugar de Deus. Então a Palavra criou uma lei para que Ele pudesse santificar seus filhos: a lei do amor, da mansidão e da humildade. A lei do Céu funciona assim: toda vez que alguém se humilha é exaltado, e toda vez que alguém se exalta é humilhado.

“(...) Porquanto, qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado (...).” (Lucas 14:11)

A verdadeira Igreja de Cristo

Tendo em vista a confusão que há em torno do conceito de Igreja, é oportuno a esta altura abriremos um parêntese, a fim de evitar mal-entendido e fazermos um comentário para deixar

claro a que igrejas Jesus se refere no texto acima. O que é uma Igreja? Qual é a definição de Igreja biblicamente falando? Pois muitos, por ignorância ou preconceito, repudiam, zombam e até mesmo abominam aquilo que acham ser a Igreja.

Primeiramente vejamos o que não é Igreja. A Igreja não é uma catedral cheia de ritos. Não é uma casa de oração de uma denominação evangélica, com uma placa na frente, acima da porta de entrada; com a data de fundação e o nome do “fundador”. Uma religião não é necessariamente a Igreja do Senhor Jesus. Essa é a imagem que muitas pessoas têm da Igreja.

Agora vejamos o que realmente é a Igreja segundo as Escrituras. Em primeiro lugar, Igreja é um grupo de pessoas e não um templo — a partir de duas — que se reúnem ou em templos ou em suas próprias casas com o objetivo de cultuar e adorar a Cristo: seu verdadeiro fundador!

“(...) Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou Eu no meio deles (...).” (Mateus 18:20)

Em segundo lugar, esse grupo é formado por pessoas transformadas e separadas por Deus para herdarem a vida eterna. No entanto, por ser um grupo aberto a todas as pessoas torna-se extremamente vulnerável a conflitos externos e internos, ou seja, pessoas que não foram verdadeiramente transformadas, mas por alguma razão acham que fazem parte do grupo, até mesmo assumem posições de liderança no meio da Igreja; a estes, Jesus os chama de “lobos com pele de ovelha” e o “joio no meio do trigo”.

“(...) Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores; por seus frutos os conhecereis (...).” (Mateus 7:15-16)

Esses são os responsáveis pelos escândalos que tanto prejudicam a imagem da Igreja. Mas Jesus está fazendo a separação do trigo e do joio.¹

Transcreveremos a seguir uma definição de Igreja extraída dos escritos de A.W. Tozer:

“(...) A expressão mais alta da vontade de Deus nesta era é a Igreja que Ele comprou com seu próprio sangue. Para ter valor conforme os princípios bíblicos, toda atividade religiosa precisa fazer parte da Igreja. Quero declarar incisivamente que Deus só aceita aqueles serviços que se concentram na Igreja e têm nela sua origem [...], segundo as Escrituras, a Igreja é a habitação de Deus através do Espírito, e como tal o organismo mais importante debaixo do sol. Ela não é apenas mais uma instituição importante, juntamente com o lar, o Estado e a escola; mais a mais vital de todas as instituições — a única que pode alegar uma origem divina. A Igreja é encontrada sempre que o Espírito Santo reúne algumas pessoas que confiem em Cristo para a sua Salvação, adorem a Deus em espírito e não tenham qualquer associação com o mundo e a carne. Os membros podem, devido às circunstâncias, estar espalhados sobre a superfície da Terra e separados pela distância e pela necessidade, mas em cada verdadeiro membro da Igreja abriga-se o instinto comunitário e a ânsia da ovelha pelo redil e o pastor. Basta dar a alguns cristãos verdadeiros uma brecha e eles se agrupam, organizando e planejando reuniões regulares de oração e culto. Nessas reuniões ouvem uma exposição das Escrituras, partem juntos o pão de uma ou outra forma segundo julgam melhor, e tentam na medida do possível transmitir ao mundo perdido o evangelho da Salvação. Grupos assim são células no corpo de Cristo, e cada uma delas é uma verdadeira Igreja, uma parte real da Igreja maior. É nessas células e atra-

• • • •

vés delas que o Espírito opera na Terra. Quem zomba da Igreja zomba do corpo de Cristo (...).”

O amor e a preocupação de Cristo por sua Igreja é tão grande que dois capítulos inteiros do Apocalipse são dedicados a ela, afinal de contas é sua noiva! Sua presença no meio dela é a mais valiosa dádiva dos Céus!

As sete cartas às igrejas é a expressão do zelo e do cuidado de Cristo por seu povo. Através de uma repreensão e uma advertência abre-lhes os olhos e os ouvidos; e por uma aprovação e um incentivo a reanima e consola.

“(...) Eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos. Amém.” (Mateus 28:20)

O eterno santuário celestial²

Passemos agora a vislumbrar os mistérios da Sala do Trono de Deus, onde Cristo cumpre seu ministério celestial, no coração da Cidade Eterna, conforme descrições do capítulo quatro do Livro do Apocalipse como segue:

“(...) Depois destas coisas, olhei e eis que estava uma porta aberta nos Céus; e a primeira voz que, como de trombeta ouvira falar comigo, disse: Sobe aqui e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer. E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no Céu, e um assentado sobre o trono. E o que estava assentado era na aparência, semelhante à pe-

• • • •

2 . As narrativas desta seção não têm a intenção de formular uma interpretação do livro do Apocalipse, mas, apenas relacionar as obras de Cristo ao sentido da vida, razão de nossa brevidade no assunto. Além disso, a maior parte está no campo subjetivo do autor.

dra jaspe e sardônica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda. E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestes brancas; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro. E do trono saíam relâmpagos e trovões, e vozes; e diante do trono ardiavam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus. E havia como que um mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono quatro seres vivos cheios de olhos por diante e por detrás. E o primeiro ser vivo era semelhante a um leão, e o segundo ser vivo era semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro ser vivo o rosto como de homem, e o quarto ser vivo era semelhante a uma águia voando. E os quatro seres vivos tinham cada um, seis asas e ao redor e por dentro estavam cheios de olhos; e não descansavam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, que é, e que há de vir. E quando os animais davam glória, e honra e ações de graças ao que estava assentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre, os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo sempre; e lançavam as suas coroas diante do trono dizendo: Digno és Senhor, de receber, glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas e por tua vontade são e foram criadas (...)" (Apocalipse 4:1-11)

Dada a natureza multidimensional e sobrenatural do santuário celestial torna-se impossível para a mente humana assimilar por completo algo tão transcendental; entretanto, fora mostrado através de uma série de símbolos ao apóstolo João, numa espantosa visão profética.

A magnitude da visão é tão extraordinária que notamos a dificuldade de João para descrever o panorama; ele com frequência usa o termo “semelhante a pedras preciosas”; até mesmo para referir-se à pessoa do Todo-Poderoso, tamanho o resplendor da divindade.

No Antigo Testamento, o sumo sacerdote usava no peitoral doze pedras preciosas, nas quais eram gravados os nomes das doze tribos dos filhos de Israel, onde na sardônica era gravado o nome de Ruben o primogênito de Israel; e no jaspe era gravado o nome de Benjamin, a última das tribos. Conjecturam-se muitas interpretações a respeito de ambas as pedras, mas concluímos apenas que elas apresentam o Deus Todo-Poderoso como o “primeiro e o último”.³ O arco-íris é o sinal da aliança da graça.

João também vê diante de Deus 24 anciãos assentados em 24 tronos; são representantes da Obra Salvadora; como sendo as doze tribos de Israel, o povo escolhido de Deus para serem os portadores da profecia da “semente da mulher”, o messias, que haveria de nascer de sua linhagem, e que a seu tempo escolhera os seus doze apóstolos para continuarem sua obra de expansão do Reino de Deus na Terra. Agora os mesmos são honrados pelo Senhor Jesus na Nova Jerusalém celestial.

“(...) E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. [...]. E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.” (Apocalipse 21:12-14)

Esses 24 anciãos trazem suas coroas de ouro e as colocam aos pés do trono quando de joelhos, num ato de reverência, louvam e adoram a Deus.

Os relâmpagos, os trovões e as vozes são símbolos que nos falam da onipotência do Senhor Deus Jeová e da palavra de autoridade do seu Cristo.

As sete lâmpadas de fogo diante do trono representam as abrangentes faculdades do Espírito Santo, que inerentemente re-

• • • •

3 . Veja Apocalipse 1,8: 17-18.

pousam sobre Cristo, a saber: o espírito do Senhor, o espírito de sabedoria, o espírito de entendimento, o espírito de conselho, o espírito de fortaleza, o espírito de conhecimento e o espírito de temor do Senhor.⁴

Os quatro seres viventes ao redor do trono “semelhantes a animais” representam os quatro fundamentos do Reino: o leão representa o poder e a soberania universal do governo de Deus; o bezerro representa a obra redentora de Cristo e fala do seu sacrifício expiatório, de sua justiça e humildade; o rosto de homem representa a própria imagem de Cristo usada como referencial para criar o ser humano; e a águia fala de visão, perspicácia e verdadeira liberdade.

“(...) E foram dadas à mulher as asas da grande águia, para que voasse para o deserto, [...], fora da vista da serpente (...).” (Apocalipse 12:14)

“(...) E conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.” (João 8:32)

São poderosos guardiões celestiais, encarregados do templo e da cidade eterna; aparecem a João como símbolos espirituais de amor, justiça, verdade, sabedoria e humildade. Esses seres viventes são formas de vida celeste que por seu proposital aspecto demonstram emblematicamente a plenitude do Reino, do poder divino e sua grandeza. A onisciência do seu Rei é representada por inúmeros olhos que cobrem seus corpos e suas asas por dentro e por fora. Esses guardiões expressam sua gratidão e reverência com ações de graças e adoração ao Senhor dizendo:

• • • •

*“Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso (...).”
(Apocalipse 4:8)*

O santuário terreno que o Senhor ordenou, através de Moisés, que os israelitas construíssem deveria ter um sentido especial para a humanidade, bem como o templo posteriormente construído, de acordo com o modelo que Moisés tinha visto; contudo eram “figuras de coisas vindouras”, era uma “cópia” do santo tabernáculo no Céu.

“(...) os quais servem de exemplo ou sombra das coisas celestiais, como Moisés divinamente foi avisado estando já para acabar o tabernáculo; porque foi dito: Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou (...).” (Hebreus 8:5)

Portanto, o tabernáculo possui um profundo significado espiritual, não somente para o antigo povo israelita, mas também para todo o Israel espiritual: a Igreja. Pois deve despertar em cada um de nós um elevado grau de consciência sobre o significado desta vida; pois é a divina revelação do lugar mais importante e maravilhoso do Universo! O qual Moisés contemplara, e que deve nos atrair amorosamente. Em seu modelo terreno, na cidade de Jerusalém, era feito o sacrifício expiatório dos pecados do povo, para restabelecer a comunhão com Deus; e quando o Senhor Jesus, o Cordeiro de Deus, expirou na cruz, o véu do templo se rasgou de alto a baixo, significando que não há mais separação entre Deus e todo aquele que o busca de todo o coração; não necessitando mais de sacerdotes humanos para interceder diante de Deus.

“Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne; e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé, tendo os corações purifi-

cados da má consciência, e o corpo lavado com água limpa; retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu (...).” (Hebreus 10:19-23)

Ainda em Jerusalém, sede desse modelo do santuário celeste, lá onde a jornada humana iniciou com a graça divina, naquele lugar onde o capítulo terreno da história da redenção principiou-se, onde Cristo tornou-se manifesto em carne; lá será o lugar da batalha final do conflito entre o bem e o mal:

“E subiram sobre a largura da Terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; e de Deus desceu fogo do Céu e os devorou (...).” (Apocalipse 20:9)

Mas é no santuário celestial o centro do Reinado de Deus, onde Cristo ministra perante o Pai desde os tempos eternos; é o lugar da totalidade cósmica e eterna do seu governo. Sua autoridade e onissapiência, seu amor, poder e justiça tornam-se evidentes para nós. Nesta revelação do santuário vemos a Deus como Ele é: o mais elevado dos seres, o Todo-Poderoso. É neste lugar que está o seu trono, e o tribunal da verdadeira justiça.

“(...) Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal (...).” (II Coríntios 5:10)

Neste lugar onde no passado remoto fora elaborado todo o plano de nossa redenção; é o mesmo lugar que todos os seres inteligentes do Universo comparecerão para adorar a Deus; neste lugar, onde reina o amor divino serão as núpcias de Cristo e sua noiva: a Igreja. Eu e você por toda a eternidade! Sim, neste lugar Cristo edificou o novo Paraíso de Deus, a Cidade Santa, a Nova Jerusalém.

O livro misterioso⁵

Prossigamos com as revelações de Jesus Cristo e leiamos o Capítulo 5:

“(...) E vi na mão direita do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, e selado com sete selos. E vi um anjo bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e desatar seus selos? E ninguém no Céu, nem na Terra, nem debaixo da terra podia abrir o livro, nem olhar para ele. E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele. E disse-me um dos anciãos: não chores; eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos. E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados à Terra. E veio e tomou o livro da mão direita do que estava assentado no trono. E havendo tomado o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos. E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação; e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a Terra.” (Apocalipse 5:1-10)

O livro selado com sete selos é a revelação da visão abrangente do Todo-Poderoso; é o registro da previsão de toda a história

• • • •

5 . As escrituras não revelam completamente o conteúdo do livro misterioso, o autor descreve alguns pontos fazendo apenas uma conjectura subjetiva.

da redenção guardada em segredo desde a eternidade. É a representação do conhecimento divino a respeito dos acontecimentos no Céu e na Terra em todos os tempos; e que aparece agora em forma de livro com a finalidade de serem revelados na plenitude dos tempos. Durante a eternidade passada, Deus através de sua onisciência sondara o futuro distante, e muito antes da criação dos Céus e da Terra viu tudo o que aconteceria e o registrou nesse livro: a queda dos anjos, o pecado do homem, o sacrifício de Cristo e sua vitória final, tudo estava previsto!

O livro selado contém, ainda, o recurso substitutivo da justiça, o qual fora usado por Deus para justificação e salvação do homem pela fé em Cristo; o qual fora velado até o tempo do fim por sua profunda importância dentro do plano de redenção. Tal recurso fora representado desde o início apenas por um enigma, onde o filho da mulher é picado e recebe o veneno mortífero de uma serpente, Porém, o filho esmaga-lhe a cabeça e se torna o vencedor. Cristo recebera sobre si todo o nosso mortífero pecado, mas venceu e nos deu vida nele.

“(...) E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.” (Gênesis 3:15)

A justificação por substituição era o único recurso disponível para que o homem pudesse ser salvo, seria revelado somente na plenitude dos tempos para mostrar todo o seu poder e confundir o adversário. O veneno do pecado foi injetado de maneira simbólica em Jesus, isto é, foi-lhe imputada a culpa de todos os que se unissem a Ele; enquanto sua inocência e pureza seria transferida a todos quantos o recebessem. Em outras palavras, Cristo deve ser “injetado em nós” como o único antídoto disponível contra o veneno do pecado e morte. E como foi demonstrado, esse re-

curso só poderia ser utilizado uma única vez por causa de sua complexidade⁶.

“O mistério que esteve oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações, e que agora foi manifestado aos santos; aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os povos, que é Cristo em vós, esperança da glória.” (Colossenses 1:26-27)

Vemos claramente no episódio da abertura dos selos a autoridade de Cristo, porquanto o plano de redenção é levado a efeito por meio dele, pois o Cordeiro de Deus é o único achado digno de abrir o livro e de desatar seus sete selos, o único capaz de revelar as profundezas dos pensamentos do Todo-Poderoso.

“(...) Descobrimo-nos o mistério de sua vontade, segundo o seu conselho e aprovação que propusera em si mesmo: de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na plenitude dos tempos, tanto as que estão nos Céus como as que estão na Terra (...).” (Efésios 1:9-10)

O tema principal dessas revelações é o poder redentor de Cristo, e sua preeminência sobre todas as coisas; mostrando que as leis do Reino de Deus estão num nível superior de eterna supremacia.

Os sete chifres e sete olhos representam a plenitude do poder e da sabedoria inerentes ao Cordeiro: Cristo.

“É-me dado todo o poder no Céu e na Terra.” (Mateus 28:18)

“Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse (...).” (Colossenses 1:19)

• • • •

6 . Leia o Capítulo 5.

O começo do fim

Na sala do trono, após ter recebido o livro da mão do Todo-Poderoso, Cristo, o Cordeiro de Deus, começa a abrir os selos. Repentinamente o panorama principal dá lugar a um cenário de representações metafísicas da história, e do destino de um mundo conturbado e submerso em angustiada aflição; precedendo às catástrofes dos juízos do fim dos tempos e a segunda vinda de Cristo. Do primeiro ao quinto selo tudo se relaciona com acontecimentos dos últimos dias, os “dias trabalhosos”, os quais estamos vivenciando em nossa geração, mas a partir do sexto selo, porém, começa a ser revelado o estágio final da história mundial.

“(...) E havendo aberto o sexto selo olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue; e as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes abalada por um vento forte. E o céu retirou-se como um pergaminho que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares (...).” (Apocalipse 6:12-14)

Depois que Cristo abriu o sexto selo segue-se uma pausa, interrompendo a sequência de abertura dos selos, então acontece algo surpreendente:

“E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma. E vi outro anjo subir do lado do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar, dizendo: não danifiquéis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado nas suas testas os servos do nosso Deus (...).” (Apocalipse 7:1-3)

Essa pausa na abertura dos selos mostra que Deus, não abandonou seus servos na grande tribulação, mas os separou marcando-os com um sinal para a iminente salvação: São todos os servos de Deus que superaram as tentações, e passaram na prova de fogo da vida eterna, que amaram mais a Deus do que a si próprios; são almas escolhidas desde o primeiro homem que habitou a Terra, até o último escolhido dos dias finais; são todos os que perseveraram durante suas vidas, nas suas respectivas épocas, os quais vinham em todo o tempo recebendo o selo da aprovação de Deus: Adão e Eva (que se arrependeram), Seth, Noé, Abraão, Isaque, Israel, Moisés, Davi, os profetas, os apóstolos, e todos que venceram e triunfaram sobre as ilusões do mundo, e sobre todas as tribulações.

“Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal [...] Sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus [...] Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; não atentando nós nas coisas que se veem, porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.” (II Coríntios 4:8-18)

Esses fiéis são os remidos de todas as eras, que através de seus testemunhos indicavam que não pertenciam a um mundo sem Deus, e pela fé aguardaram em Cristo o momento da redenção; e foram forasteiros na Terra, agora sua redenção e seu destino eterno está confirmado com o selo de Deus. As dores do fim do mundo não têm poder sobre eles, Deus é seu escudo e salvação, pois confiaram no Senhor, em sua graça e no seu amor.

“(...) Porque esperavam a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus [...] Todos estes morreram na fé, sem terem ainda alcançado as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na Terra; porque os que isto dizem, claramente mostram que buscam uma pátria [...] Mas agora desejam uma melhor, isto é, a celestial. Por isso Deus também não se envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade.” (Hebreus 11:10-16)

A abertura do sétimo e último selo se desdobra nos acontecimentos revelados nos próximos capítulos.





CAPÍTULO VII

O JULGAMENTO FINAL

(Os últimos dias)

“(...) Dize-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?” (Mateus 24:3)

O termo “fim do mundo” mencionado na passagem acima se refere ao fim do período que abrange toda a história do homem na Terra, e o termo “últimos dias” significa o período que antecede o “fim do mundo”.

Então, em que posição nós estamos na história? Já estamos vivendo no limiar do fim dos dias?

Nos séculos anteriores ao nosso quando as calamidades e as pestes assolavam a Terra pensava-se estar vivendo os últimos dias. Todas as gerações que nos antecederam sempre tiveram uma forte tendência de especular sobre os últimos dias e o fim do mundo; mas devido à “longa espera” houve um desgaste na perspectiva humana quanto a esse assunto, e atualmente o homem moderno não se preocupa mais com isso.

No capítulo final do livro do Apocalipse, o Senhor Jesus Cristo diz: “Venho sem demora...”, e essa promessa já faz mais de dois mil anos. Mas como já vimos anteriormente: Deus é longânime, ou seja, Ele não vê como o homem; Deus vê as coisas sob a perspectiva da eternidade.

“(...) Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite. Tu os leva como uma corrente de água; são como um sono, são como a erva que cresce; de madrugada cresce e floresce; a tarde corta-se e seca (...).” (Salmos 90:4-6)

O nosso relógio não é critério para Deus basear sua Palavra; o que para nós mortais parece ser um longo período, para Deus representa apenas alguns instantes. Para Ele não existe “perda de tempo”, na verdade Ele nunca chega tarde e nem antes da hora. Ele age sempre no tempo certo! Ainda que para nós homens mortais pareça tardio.

“Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânime para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual tudo passará com grande estrondo, e os elementos ardendo se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão (...).” (II Pedro 3:8-10)

Mas está este mundo no tempo do fim? Estarão as profecias do Senhor Jesus Cristo se cumprindo em nossos dias? Quais sinais indicam que estamos na era profetizada de dias trabalhosos e de intensas perturbações?

A humanidade nunca passou pelo que está passando atualmente; ninguém nunca viu tanto sofrimento e desespero, medo e insegurança como vemos em nossos dias; fomes, pestes, tsunamis, furacões, terremotos em vários lugares e em intensidades jamais vistas.

“(...) E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai e não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação con-

tra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos em vários lugares. Mas todas estas coisas são o princípio das dores (...).” (Mateus 24:6-8)

“(...) Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá (...).” (Mateus 24:21)

O livro do profeta Daniel diz:

“(...) E naquele tempo se levantará o arcanjo Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo. Mas livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado o seu nome escrito no livro da vida, e muitos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente. E tu Daniel encerra estas palavras e sela este livro, até o fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará [...] Eu pois ouvi mas não entendi; por isso eu disse: senhor meu, qual será o fim destas coisas? E ele disse: vai Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até o tempo do fim. Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão [...] Tu, porém, vai até ao fim; porque descansarás, e te levantarás na tua herança no fim dos dias.” (Daniel 12)

Tudo o que não aconteceu em milhares de anos ocorreu em apenas algumas décadas! Nunca houve um desenvolvimento tão acentuado das ciências como em nossos dias. O anjo disse para

Daniel: “(...) a ciência se multiplicará (...)”, ele não disse que se somaria. Assim, em menos de um século passamos da carroça para o ônibus espacial! Também na medicina com a recente descoberta do código genético humano, muitas doenças — até então incuráveis — estão com seus dias contados! O que podemos depreender de tudo isso?

Quando Daniel teve essa visão, fora-lhe dito pelo anjo do Senhor: “(...) *Encerra estas palavras e sela este livro até o fim do tempo (...)*”. Mas, para João, milhares de anos depois, no livro do Apocalipse o anjo do Senhor disse:

“(...) Não seles as palavras da profecia deste livro; porque o tempo está próximo (...).” (Apocalipse 22:10)

Podemos depreender que o fim do tempo que na época de Daniel seria “ainda para muitos dias”, agora no Apocalipse “estava próximo”. Se na época de João o fim estava próximo, quanto mais agora que se passaram mais de dois mil anos! Para alguns entendidos, o termo “dias” para essas profecias são dias de Deus, não se referem a “chronos” que é a noção humana de tempo.

“(...) Aprendei, pois, esta parábola da figueira: quando já os ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente quando virdes todas estas coisas sabei que Ele está próximo, às portas (...).” (Mateus 24:32-33)

Diante dos acontecimentos mundiais que foram profetizados pelo Senhor, podemos afirmar com convicção que estamos vivendo os últimos dias deste mundo pecador. Tudo está se cumprindo e converge para o desfecho final; e neste “princípio de dores” e de grande tribulação destes últimos dias, muitos serão “provados e embranquecidos”, e diante de todas as tentações e perseguições deste mundo perdido, tais tribulações e “provas de

fogo” são a medida exata, ou o critério perfeito para a definição dos filhos das trevas e dos verdadeiros filhos de Deus.

Ressurreição e arrebatamento

“E logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da Terra se lamentarão, e verão o Filho do Homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória, e Ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus.” (Mateus 24:30-31)

Este é o momento da ressurreição¹, aguardado por todos os filhos de Deus desde o princípio; Cristo volta como prometera para buscar a sua Igreja! É o dia da salvação ansiado por todos os servos de Deus! Esta é a primeira ressurreição; somente os filhos de Deus a alcançarão:

“Eis que Eu abrirei os vossos sepulcros, e vos farei subir das vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. E sabereis que Eu Sou o Senhor, quando Eu abrir os vossos sepulcros, e vos fizer subir das vossas sepulturas, ó povo meu. E porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos porei na vossa terra; e sabereis que Eu, o Senhor, disse isto, e o fiz, diz o Senhor.” (Ezequiel 37:12-14)

É nesse momento que todos aqueles que nas suas respectivas épocas serviram, amaram e adoraram a Deus, ressuscitarão para receber a vida eterna:

• • • •

1 . Ver Glossário: “Ressurreição e arrebatamento”.

“Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão [...] porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação.” (João 5:25: 28-29)

O fim do mundo²

Assim que a Igreja é arrebatada, seguem-se então os terríveis juízos do fim do mundo, “porque já a seara da Terra está madura”. Então a natureza — perturbada pelos homens — é acometida por um nefasto desequilíbrio. A Terra entra em “convulsão” e é tomada pelo caos completo: terríveis furacões, terremotos e tsunamis em escalas jamais vistas assombram a Terra!

“(...) Então os homens entrarão nas cavernas das rochas, e nas covas da Terra, por causa do terror do Senhor, e da glória da sua Majestade, quando Ele se levantar para assombrar a Terra (...).” (Isaiás 2:19)

Os homens então correm de um lado para o outro, desesperados na tentativa de escapar da morte, em vão. Nada nem ninguém pode escapar do juízo.

“(...) Vem o fim, o fim vem sobre os quatro cantos da Terra. Agora vem o fim sobre ti, e enviarei sobre ti a minha ira, e te julgarei conforme os teus caminhos, e trarei sobre ti todas as tuas abominações. E não te poupará o meu olho, nem terei piedade de ti, mas porei sobre ti os teus caminhos, e as tuas

• • • •

2 . “O fim do mundo” aqui não tem necessariamente relação cronológica por se tratar de narrativa poética e não um tratado teológico.

abominações estarão no meio de ti; e sabereis que Eu Sou o Senhor (...).” (Ezequiel 7:2-4)

Desespero e confusão, destruição por toda a parte; as pobres almas imersas no pecado não buscam socorro do alto nem a sabedoria de Deus, mas continuam em seus pecados, cegas pelo próprio autoengano achando que aquilo é uma catástrofe natural. Logo surgem terríveis epidemias trazidas pelo diabo! Pois o pecado é uma porta para o mal:

“E ouvi vinda do templo uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide e derramai sobre a Terra as sete taças da ira de Deus. E foi o primeiro, e derramou a sua taça sobre a Terra, e fez-se uma chaga má e maligna nos homens que tinham o sinal da besta e que adoravam a sua imagem.” (Apocalipse 16:1-2)

Muitos também começam a morrer de sede, pois a água agora é escassa; um copo de água vale mais do que o ouro! A poluição produzida pelos homens afeta não somente os mares, mas também as águas dos rios:

“(...) E o segundo anjo derramou a sua taça no mar, que se tornou em sangue como de um morto, e morreu no mar toda alma vivente. E o terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. E ouvi o anjo das águas que dizia: Justo és tu, ó Senhor, que és, e que eras, e Santo és, porque julgaste estas coisas. Visto como derramaram o sangue dos santos e dos profetas, também tu lhes deste sangue a beber; porque disto são merecedores. E ouvi outro do altar que dizia: na verdade ó Senhor Deus Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos (...).” (Apocalipse 16:3-7)

O aquecimento global, agora se torna insuportável causando queimaduras nos homens; pois a camada de ozônio que protegia a Terra dos raios ultravioleta foi destruída pela poluição do ar.

“(...) E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo. E os homens foram abrasados com grandes calores, e blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas; e não se arrependeram para lhe darem glória (...).” (Apocalipse 16:8-9)

O calor é tão intenso que o gelo dos polos se derrete causando grandes inundações, fazendo com que as águas dos mares cubram todas as ilhas e as cidades litorâneas.

“(...) E todas as ilhas sumiram; e os montes não se acharam (...).” (Apocalipse 16:20)

A falsa paz que o anticristo prometia à humanidade cai por terra.

“(...) Pois quando disserem: ‘há paz e segurança’, então lhes sobrevirá repentina destruição (...).” (I Tessalonicenses 5:3)

“E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e eles mordiam as suas línguas de dor. E por causa das suas dores, e por causa das suas chagas, blasfemaram do Deus do Céu; e não se arrependeram das suas obras. E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente. E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs. Porque são espíritos de demônios, que fazem prodígios; aos quais vão ao encon-

tro dos reis da Terra e de todo o mundo, para congregá-los para a batalha naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso.” (Apocalipse 16:10-14)

A última batalha

Durante muito tempo o reino das trevas devastou a Terra do Senhor e assolou os homens:

“Porque uma nação subiu sobre a minha terra, poderosa e sem número: os seus dentes são dentes de leão, e têm queixadas de um leão velho. Fez da minha vide uma assolação, e tirou a casca da minha figueira: despiu-a toda, e a lançou por terra; os seus sarmentos se embranqueceram. Lamenta como a virgem que está cingida de sacos pelo marido da sua mocidade. Foi cortada a oferta de manjar, e a libação da casa do Senhor: os sacerdotes, servos do Senhor, estão entristecidos. O campo está assolado, e a terra triste; porque o trigo está destruído, o mosto se secou, o óleo falta.” (Joel 1:6-10)

Mas esse feroz inimigo está prestes a enfrentar o maior poderio jamais visto, algo pior que o próprio inferno os aguarda; porque o Armagedon será para os homens a terceira e devastadora guerra mundial, porém significa na realidade: a última batalha entre o bem e o mal; será o derradeiro e definitivo confronto direto entre as tropas celestiais e o reino das trevas: é o dia do Senhor.

“Tocai a trombeta em Sião, e clamai em alta voz, no monte da minha santidade: perturbem-se todos os moradores da terra, porque o dia do Senhor vem, ele está perto: Dia de trevas e de tristeza; dia de nuvens e de trevas espessas, como a alva espalhada sobre os montes, povo grande e poderoso, qual desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração. Diante dele,

um fogo consome; e atrás dele, uma chama abrasa: a terra diante dele é como o jardim do Éden, mas atrás dele, um desolado deserto; sim, nada lhe escapará [...] como um povo poderoso, ordenado para o combate [...] Diante dele, tremerá a terra, abalar-se-ão os céus; o sol e a lua se enegrecerão, e as estrelas retirarão o seu resplendor.” (Joel 2:1-10)

Cristo, o vitorioso soberano, o herói divino que guerreia as guerras do Senhor desde a eternidade, está passando em revista seu poderoso exército: seres angélicos fortemente armados que virão como uma “nação de longe”, nações celestiais, para atacarem ao seu comando:

“(...) E Ele arvorará o estandarte para as Nações de longe, e lhes assobiará para que venham desde a extremidade da Terra; e eis que virão apressada e ligeiramente. Não haverá entre eles cansado, nem quem tropece; ninguém cochilará nem dormirá; não se desatará o cinto dos seus lombos, nem se quebrará a correia de suas sandálias. As suas flechas são agudas, e todos os seus arcos retesados; os cascos dos seus cavalos são reputados como pederneiras, e as rodas dos seus carros como o redemoinho; o seu rugido será como o do leão; sim, rugirão e arrebatarão a presa, e a levarão, e não haverá quem a livre. E bramarão contra eles naquele grande dia, como o bramido do mar; então olharão para a Terra, e eis que só verão trevas e ânsia, e a luz se escurecerá nos céus.” (Isaías 5:26-30)

Então, enquanto os homens começam a se matar entre si, algo invisível aos olhos humanos está acontecendo no mundo espiritual: as tropas celestiais invadem a Terra e atacam as fileiras de satanás e seus anjos caídos.

“E o Senhor levanta a sua voz diante do seu exército; porque muitíssimos são os seus arraiais; porque poderoso é, execu-

tando a sua palavra; porque o dia do Senhor é grande e mui terrível, e quem o poderá sofrer?” (Joel 2:11)

“E vi o Céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e pejeja com Justiça. E os seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão Ele mesmo. E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus. e seguiam-no os exércitos do Céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro. E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e Ele as regerá com vara de ferro; e Ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso. E no manto e na sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis e Senhor dos senhores...” (Apocalipse 19:11-16)

Em algum lugar no campo de batalha, Lúcifer, o querubim caído, está lutando desesperadamente com o arcanjo Miguel, o grande príncipe do Senhor; este por sua vez fere satanás com sua espada de fogo:

“(...) Portanto, assim diz o Senhor: porquanto estimas o teu coração, como se fora o coração de Deus, por isso eis que trarei sobre ti estrangeiros, os mais terríveis dentre as Nações, os quais desembainharão as suas espadas contra a formosura da tua sabedoria, e mancharão o teu esplendor [...] Aca-so dirás ainda diante daquele que te matar: eu sou deus?” (Ezequiel 28:6-9)

Guerra total

Tudo agora está tomado de densas trevas e triste desolação, e como foi no princípio, um ruído terrível de guerra ecoa pelo

espaço! São as tropas celestiais, sob o comando de Cristo, no Armagedon, a última batalha do Universo contra as forças do mal. Eles estão em guerra total! Lutando contra todos os opositores do Reino de Deus. Os demônios aterrorizados estão sendo banidos. Suas fortalezas não resistiram; seus arraiais foram desbaratados; sua “cidade forte” foi destruída.

Então, do meio do massacre, se ouve um anjo gritar com grande voz como de trovão:

“Caiu, caiu a grande Babilônia [...], E os reis da Terra, que se prostituíram com ela, e viveram em delícias, a chorarão, e sobre ela prantearão, quando virem a fumaça do seu incêndio. Estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! Ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! Pois numa hora veio o seu juízo.” (Apocalipse 18:2:9-10)

“(...) E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do Céu, do Trono, dizendo: Está feito. E ouve vozes, e trovões, e relâmpagos, e um grande terremoto, como nunca tinha havido desde que há homem sobre a Terra, tal foi este tão grande terremoto. E a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram, e da grande Babilônia se lembrou de Deus, para lhe dar o cálice do vinho da indignação da sua ira. [...], E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva, pedras do peso de quarenta e dois quilos; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da saraiva; porque a sua praga era muito grande.” (Apocalipse 16:17-21)

O decisivo aniquilamento do pecado, da morte e de todo o mal que assolaram a Terra, finalmente se cumpriu; tudo é desfeito com a carne. Os falsos prazeres do mundo, gerados pelo relativismo, aquele irreverente autoengano, que maculou a au-

têntica verdade com sua pseudo “verdade particular”, gerando os adultérios, as prostituições, a idolatria, a feitiçaria, os homicídios, as bebedices, as glotonarias — tudo foi eliminado. Não há mais nenhum sinal do pecado, que afligiu a humanidade e a destruiu. Todo o presunçoso pensamento, toda a malícia, toda a maldade — tudo isso acabou. Nada mais existe, um grande silêncio e uma profunda escuridão põem um ponto final na decadente e passageira história humana: é a extinção da vida carnal e pecadora, o fim do mundo finalmente se cumpriu.

Então, uma luz resplandecente ilumina o planeta, Cristo assume o governo da sua Terra.

“Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo os que o transpassaram; e todas as tribos da Terra se lamentarão sobre Ele. Sim, Amém.” (Apocalipse 1:7)

“E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a Terra e o céu; e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do Trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo; esta é a segunda morte. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo. E o diabo que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre.” (Apocalipse 20:7-15)

Não é intenção deste livro relacionar o Livro do Apocalipse com tragédias, pragas e destruição, apesar dele tratar extensa-

mente sobre esses assuntos, pois são “as coisas que brevemente devem acontecer” a todos que desprezam a Palavra de Deus. Contudo, nossa intenção principal é justamente mostrar o contrário: que o Apocalipse é principalmente a revelação de Deus quanto ao destino eterno de sua Criação — os seres humanos — através de Jesus Cristo, o Salvador, sem o qual a vida não teria nenhum sentido. Assim, Apocalipse é fundamentalmente: felicidade, paz e alegria eterna! E isso vamos ver no próximo e último capítulo deste livro.





CAPÍTULO VIII

A RESTAURAÇÃO UNIVERSAL

(O casamento do Rei)

“Eis que faço novas todas as coisas (...).”

(Apocalipse 21:5)

Vimos em capítulos anteriores que o rompimento de um terço dos anjos com o seu Criador desencadeou um conflito universal sem precedentes. Vimos também que a queda do homem no pecado resultou num colapso no seu tempo original de vida, isto é, os seres criados para uma vida eterna tornaram-se mortais por terem se desligado da fonte da vida. Todos esses acontecimentos provocaram uma desarmonia em toda a Criação.

O espaço e o tempo dos seres caídos foram reduzidos a um mundo transitório: ao nosso mundo. A temporalidade da vivência humana não é toda a verdade, é apenas uma parte da grandiosa obra da Criação, um fragmento de uma realidade muito mais elevada, que se tornou restrita por causa do pecado. Pois, visto através da perspectiva da eternidade, por uma conjuntura superior, por um prisma multidimensional, na realidade a morte não existe. Ela foi banida na cruz de Cristo. A obra da Criação não inclui uma limitação temporal para os humanos, na verdade estes são seres imortais, ou pelo menos deveriam ser, pois foram concebidos ainda dentro da glória de Deus. O tempo da glória de Deus é incompreensível para a mente humana, não é possível colocar em escala algo que não tem princípio e nem fim. A medição

de tempo e espaço comum aos homens não faz sentido dentro do contexto da eternidade e do Universo.

Ninguém pode deixar de perceber o exposto acima, pois é o cerne de todo o contexto bíblico da obra da redenção; aparece claramente em toda a estrutura profética quer de maneira explícita ou implícita. Vemos sempre agindo uma mente superior por trás de toda história bíblica e também na história mundial. Na vida dos reis de Israel e do mundo em todo o tempo, aprovando ou reprovando seus feitos. Entre as ascensões e declínio das gerações há sempre uma obra norteadora que converge para um desfecho restaurador; até mesmo os juízos universais promovem sempre um recomeço ou um reequilíbrio da consciência real do conceito de tempo e espaço.

Vemos claramente no Apocalipse esse padrão de linguagem superior: as revelações falam no tempo verbal presente algo que ainda vai acontecer, como se já tivesse acontecido. Em Isaías vemos esse mesmo padrão profético quando os serafins contemplam a Terra cheia da glória de Deus ainda num tempo quando a Terra estava cheia de maldades e limitações humanas:

“E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos: toda a terra está cheia da sua glória.” (Isaías 6:3)

Assim, é intencional a revelação dessa verdade em toda a bíblia sagrada, a Palavra de Deus. É a vontade de Deus trazer o homem de volta a esse estado sobrenatural de eternidade de tempo e espaço.

“A criação do universo pode ter ocorrido séculos incontáveis antes da criação do homem nas eras recuadas de um passado infinitamente remoto.”¹

Na verdade, a consciência de pecado e mortalidade não existia antes da queda dos anjos. A noção que temos hoje de tempo e espaço está relacionada somente ao período alcançado pela mente humana de princípio e fim: que vai desde o “big bang”, até a extinção do sistema solar e conseqüentemente da Terra nos próximos cinco bilhões de anos — imaginam os astrônomos. A mente humana, caída e debilitada pelo pecado não consegue ir além desses “conceitos científicos”.

Anteriormente falamos sobre o anseio humano por transcendência, o que nada mais é senão o clamor da alma para retornar ao seu estado original de eternidade. Esse desejo intrínseco em nosso ser é captado pelo nosso espírito como uma lei espiritual, quando Deus fala em nosso interior, por meio de algo que chamamos fé.

“(…) Pela fé entendemos que os mundos pela Palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente (…).” (Hebreus 11:3)

Assim, a desarmonia da consciência e a conseqüente redução do conceito de tempo e espaço é o resultado da transgressão das leis universais de Deus; isto é, após ter caído da eternidade para a limitação de uma vida mortal, o homem passou a contar o seu tempo, iniciando a cronologia terrena de sua história, tornando a humanidade serva de um mundo passageiro.

• • • •

1 . Ver Bibliografia.

O alvo do Evangelho de Cristo tem como objetivo a libertação de toda a Criação do cativo ao qual se sujeitou, de um mundo meramente temporal:

“(...) Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a Criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a Criação geme e está com dores como que de parto até agora (...).” (Romanos 8:18-22)

Todos quantos recebem pela fé o Evangelho Eterno terão parte no infinito Reino de Deus, quando Cristo restaurar todas as coisas.

“Descobrimo-nos o mistério de sua vontade [...], de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na plenitude dos tempos, tanto as que estão nos Céus como as que estão na Terra.” (Efésios 1:9-10)

A “restauração universal” é o restabelecimento do homem — que for salvo por Cristo — ao paraíso de Deus, à vida eterna, ao seu tempo original; esse acontecimento não é sujeito à especulação e escalas humanas, pois o retorno do homem ao mundo divino é produzido única e exclusivamente pela graça e poder de Deus.

Ao homem que anela alcançar essa salvação cabe a sua decisão e transformação interior por meio da graça de Deus submetendo-se a Cristo pela fé no seu nome.

Ele que é a Sabedoria personificada da divindade, a Palavra viva que se fez carne, o Verbo de Deus, como vimos anteriormente, atuante desde os tempos eternos; Ele que se despiu de toda sua glória e se transformou em homem para “comprar” a nossa morte; e agora está assentado à direita do Pai; e juntamente com o Espírito Santo que a ambos pertence reinarão para todo o sempre.

Estamos no tempo do fim, necessitamos agora da decisão definitiva para ficarmos do lado de Cristo. Precisamos da transformação interior, da conversão verdadeira, sem nossa justiça própria, sem os subterfúgios da religiosidade. E isso só é possível por meio da fé no Filho de Deus; por intermédio de sua graça em nossa consciência; numa entrega sem reservas, num mergulhar em seu amor libertador. Precisamos dessa transformação hoje, agora, não temos tempo a perder, cada minuto é precioso. A porta da graça já começa a se fechar, Já começa uma pressão sobre a indefinição, sobre o contingente coletivo, não deixando espaço para a indecisão.

“Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda. E eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro. Bem-aventurados aqueles que lavam suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas (...).”
(Apocalipse 22:11-14)

Todo aquele que se volta para Cristo de todo o coração, poderá aguardar cheio de esperança seu aparecimento naquele grande dia. Ele nos estende a sua mão e nos ajuda em nossa caminhada até o fim! Então poderemos exclamar como o apóstolo Paulo:

“Combati o bom combate, acabei a carreira, e guardei a fé. Desde agora, a coroa da Justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.” (II Timóteo 4:7-8)

E todos “os que amarem a sua vinda” possuirão a “Terra Prometida”, a cidade que está preparada desde a fundação do mundo, para o dia da redenção.

“E vi um novo céu, e uma nova Terra. Porque já o primeiro céu e a primeira Terra passaram, e o mar já não existe. E eu João vi a Santa Cidade, a Nova Jerusalém, que de Deus descia do Céu adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido. E ouvi uma grande voz do Céu que dizia: eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o Trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis. E disse-me mais: Está cumprido; Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tenha sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida. Quem vencer herdará todas as coisas; e Eu serei seu Deus, e ele será meu filho.” (Apocalipse 21:1-8)

Não há como descrever a magnificência e o esplendor do maior acontecimento de todos os tempos: O enlace divino de Cristo e sua noiva. É a união eterna de Deus com a Igreja; este é o momento que Ele aguardou desde a eternidade quando sua mente nos gerou e Ele nos amou. É o seu “sonho de amor” que se realiza intensamente.

A epidemia do pecado que um dia assolou o mundo e que agora já não existe mais, não destruiu esse sonho e, então, Ele exclama com o coração cheio de felicidade:

“Está cumprido! [...] Eu sou o princípio e o fim (...)” (Apocalipse 22:13)

O princípio básico do Reino de Deus é o amor: o sentimento divino mais profundo e insondável, do qual nós procedemos. O amor de Deus é manifestado em Cristo, razão de nossa existência e de nossa salvação. Não faz sentido uma vida sem Deus e sem o seu amor. A união entre Cristo e a Igreja representa a reconciliação, a pacificação e a integração definitiva do homem ao Reino Eterno de Deus. Esse é o clímax de todo o plano da redenção; e deve ser o maior desejo, e o sonho de todo ser humano.

A Cidade Eterna, a Nova Jerusalém celestial é onde vão morar aqueles que amam a Deus; os seres humanos que se superaram, são os que alcançarão essa ressurreição, essa é a Igreja verdadeira.

“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz. Vós que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia.” (I Pedro 2:9-10)

“(...) Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do cordeiro. E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a Grande Cidade, a Santa Jerusalém, que de Deus descia do Céu. E tinha a Glória de Deus; e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente. [...], e a construção do seu muro era de jaspe, e a cidade de ouro puro, semelhante a cristal puro.

E os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de toda pedra preciosa [...], e as doze portas eram doze pérolas; cada uma das portas era uma pérola; e a praça da cidade de ouro puro, como cristal transparente. E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro. E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a Glória de Deus é que a ilumina, e o Cordeiro é a sua lâmpada. E as nações dos salvos andarão à sua luz; e os reis da Terra trarão para ela a sua glória e honra, e as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite. E a ela trarão a honra e a glória das nações. E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro.” (Apocalipse 21:9-27)

A beleza e o resplendor da cidade são tão fascinantes que os salvos extasiados e cheios de amor, paz, alegria e felicidade exclamam:

“Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro!” (Apocalipse 7:10)

É o retorno ao Paraíso de Deus que fora perdido lá no Éden; é a reabertura do caminho à Árvore da Vida, em escala e dimensão superior; porque o propósito de Deus nunca foi frustrado, a sua vontade inicial se realiza totalmente com o segundo advento de Jesus Cristo que restaura e restitui todas as coisas. E agora Cristo, o Sumo Pastor, conduz o seu rebanho à Árvore e a fonte da Água da Vida:

“E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do Trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, e de um e de outro lado do rio, estava a Árvore da Vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a saúde das nações. E ali

nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o Trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos o servirão. E verão o seu rosto, e nas suas testas estará o seu Nome. E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os ilumina; e Reinarão para todo sempre. E disse-me: estas palavras são fiéis e verdadeiras; e o Senhor, o Deus dos santos profetas, enviou o seu anjo, para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer. E eis que presto venho: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro. E eu João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E havendo-as ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que mas mostrava para adorá-lo. E disse-me: Olha não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus. E disse-me: não seles as palavras da profecia deste livro; porque o tempo está próximo (...).” (Apocalipse 22:1-10)

Reconhecemos a insubstituível poesia e magnificência da revelação do Senhor Jesus nas páginas sagradas do Apocalipse, pelo que nos limitamos em nossa forma poética e a reputamos como apenas um instrumento de melhor compreensão a serviço de Jesus; com temor e cuidado em não acrescentar qualquer coisa ou subtrair qualquer palavra, pois, sua escrita por si só possibilita-nos compreender a obra de Deus para a nossa felicidade eterna; descrevem com impressionante simplicidade a indescritível magnitude e glória do Reino dos Céus que misericordiosamente desce até nós. Esse é o estado de coisas, que assim como a própria Palavra de Deus durará eternamente.

“(...) E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e ouve no Céu grandes vozes, que diziam: os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará para todo sempre. E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus prostraram-se sobre seus rostos

e adoraram a Deus dizendo: graças te damos Senhor Deus Todo-Poderoso que és, que eras, e que hás de vir, que tomaste teu grande Poder e Reinaste.” (Apocalipse 11:15-17)

A autoridade sobre todo o Universo é dada a Cristo. Ele agora se assenta sobre o trono de Davi para reinar para sempre, e entrega a coroa da vida a todos os remidos, o ser humano que em outro tempo fora destituído da glória de Deus volta para o Pai. Diante de nossos olhos, o nosso mundo caído é restaurado e retorna ao seu estado original.

A história deste mundo chegou ao fim, e dá início à nossa história! A história dos salvos por Cristo, a história das futuras obras da sabedoria que começam com o casamento do Rei e não terão fim! Pois, o tempo de vida da noiva agora é ligado ao do noivo, e, assim, o tempo do mundo restaurado é completamente absorvido pela eternidade com o casamento do rei.

Cristo é o autor da Criação e nele convergem todas as coisas. Sua existência transcende ao tempo e espaço; em seu ser e em suas obras está o sentido da vida, pois tudo começa e termina na glória de Deus.

“E o Espírito e a noiva dizem: Vem. E quem ouve diga: Vem. E quem tem sede venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida (...).” (Apocalipse 22:17)

Pai, abre meus olhos para que eu veja além do que eu possa enxergar, para que eu reconheça o teu grande amor para comigo; pelo sacrifício de teu Filho por mim na cruz; restabelece o contato, restaura a comunicação e abençoa nossa comunhão. Não me deixes, pois Tu és a minha única esperança de salvação. Obrigado por essa sabedoria e conhecimento divino que desce do Céu até nós. Eis que confesso publicamente minha fé em Ti, para que Tu me confesses diante do Pai. Agora, pois me perdoa de todos os

meus pecados. Escreve o meu nome lá no Céu, no livro da vida, e sela para o grande dia da salvação, em que eu, juntamente com todos os que Te amam e temem o Teu Santo Nome entraremos na tua presença para Te adorar e Te louvar por toda a eternidade! Amém.

“(...) Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém. Ora vem Senhor Jesus. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém.” (Apocalipse 22:20-21)





GLOSSÁRIO

Constantes da física — o Universo é regido por leis tão precisas que um desvio de até três casas decimais em certos sistemas tornaria impossível a vida no planeta. A relação entre velocidade, distância, atração e tamanho entre os astros encerram uma variação centrípeta tão complexa e perfeita que essa relação é usada cientificamente em vários sistemas mecânicos e tecnológicos. Podemos citar também: os movimentos constantes da Terra, tanto de translação como de rotação; a distância perfeita entre a Terra e o Sol para reger a temperatura ideal nos diversos pontos do planeta (se fosse um pouco mais longe seria muito frio em certos lugares, e se fosse um pouco mais perto seria um calor insuportável a ponto de derreter os polos) também a formação de clorofila pela fotossíntese em presença da luz solar liberando oxigênio no ar e deste retirando o gás carbônico, sendo aquele essencial para o homem enquanto este último prejudicial para a respiração.

O início do conflito — possivelmente as referências bíblicas deste capítulo se encaixem com os acontecimentos descritos, todavia o autor usa-as apenas para ilustrar poeticamente os episódios, não se trata de interpretações teológicas, as descrições estão todas no campo subjetivo. Para que fique bem claro aos leitores, as Escrituras não revelam o que foi narrado nas páginas 33, 34, como também em outras partes deste livro, mas, desde que isso não gere nenhuma heresia ou confusão, o autor não procura seguir ao “pé da letra” uma interpretação, e nem narra em sentido literal algumas passagens. Não vê, portanto, nenhum problema em usar a ficção e presumir alguns pontos, pois, este é um livro de cunho poético literário e não um tratado teológi-

co (presumir: entender baseado em certas probabilidades, imaginar, conjecturar, opinar; poesia: elevar uma realidade ao seu ponto mais elevado, despertar o sentimento do belo, contar uma história comovente. Ver: Dicionário Aurélio).

O sonho de Deus — a referência aos seres humanos como o “sonho de Deus” é somente o homem em seu estado original como fora criado, ou seja, em perfeita harmonia com seu Criador. Hoje contaminado pelo pecado precisa de restauração por meio de Cristo, para que volte a ser o que Deus sempre sonhou, e para que sejam salvos da morte eterna. Esse processo de restauração que o Espírito de Cristo usa para tornar o homem novamente em sua imagem e semelhança denomina-se santificação, isto é, separado para Deus por se parecer com Cristo ou ter o caráter de Cristo.

Personificação do Verbo — não é intenção do autor criar um dogma ou uma nova doutrina a respeito da divindade, nem intenção deste livro apoiar conceitos teológicos trinitaristas ou unicistas. Limitamo-nos apenas a apresentar Cristo conforme revelado nas Escrituras Sagradas: a Palavra de Sabedoria de Deus como pessoa real e eterna constituindo-se um mistério insondável para a limitada mente humana.

Predestinação — este termo na linguagem habitual determina um fim, um “destino preestabelecido”. Biblicamente, porém, significa apenas uma previsão em que tudo aquilo que Deus criou, com um objetivo específico desde a eternidade, deve cumprir seu propósito sem causar ou interferir no livre-arbítrio. Embora Deus tenha criado os homens destinados a amarem e glorificarem seu Criador por livre e espontânea vontade, estes podem escolher se que-rem esse destino. Como muitos rejeitaram, Deus selecionou um povo exclusivo que aceitou a sua “predestinação” ou previsão, ainda assim, alguns destes podem mudar de ideia; e quem não faz parte dessas bênçãos pode entrar.

Ora, se existisse “predestinação causativa” não precisaria Jesus Cristo se sacrificar na cruz para salvar aqueles que quisessem receber o seu amor, pois mesmo quem quisesse se salvar não se salvaria se seu destino fosse a condenação; e por outro lado, não precisaria o pecador abandonar o pecado, se este tivesse sido destinado à salvação. Ora a Bíblia diz que todos estavam condenados, então bastava Deus simplesmente não ter criado o homem, bem como os anjos caídos. A predestinação verdadeira e bíblicamente saudável é o que vai acontecer aos escolhidos na eleição, que por sua vez tem como critério a união de um povo com Cristo. Podemos usar a seguinte ilustração: a eleição é um barco predestinado ao Céu, cujo capitão é Cristo, os passageiros são os “eleitos”. Enquanto permanecerem no barco estarão a salvo como nos dias de Noé. Mas se abandonarem o barco perdem a Salvação. Assim, a predestinação de Deus não é causativa é condicional.

Projeto divino — não havia existência humana consciente antes da Criação da Terra, apenas uma “ideia” na mente de Deus a qual denominamos de “projeto divino” para a formação do seres humanos (veja: Efésios 1:4; Romanos 8:29; II Timóteo 1:19).

Ressurreição e arrebatamento — não estamos seguindo nenhuma ordem cronológica dos acontecimentos escatológicos, dada a divergência de opiniões das autoridades sobre o assunto, pois como já dissemos, não é nossa intenção dogmatizar uma interpretação para o Livro do Apocalipse, pois essa é uma obra de sentido poético e literário sem intenção de fazer um estudo teológico; nosso objetivo neste livro é apenas relacionar as *Eternas obras de Cristo*, a Sabedoria, com o propósito de Deus para a humanidade, de modo a produzir um conhecimento que traga respostas de salvação e o sentido para esta vida.



BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE.

BÍBLIA PENTECOSTAL CPAD.

BÍBLIA SAGRADA. Edição revista e corrigida.

BONJORNO, R. S. Física completa. Editora FTD.

CABRAL, Elienai. Romanos. 8. ed. Editora CPAD, Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005.

COMENTÁRIO BÍBLICO. Editora Vida Nova.

DICIONÁRIO BÍBLICO. Editora Rideel.

HALLEY, Henri. Manual bíblico. 4. ed. Editora Vida Nova, 1994.

HOLANDA, A. B. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. Editora Nova Fronteira.

IANCEI, Philip. O Deus invisível. Editora Vida.

SUANA, Samuel. Pentateuco. IBAD — Instituto Bíblico das Assembleias de Deus.

TOZER, Aiden Wilson. O melhor de Tozer. 2. ed. Editora Mundo Cristão, 1993.

WARREN, Rick. Uma vida com propósitos. Editora Vida.

